

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DE
BENAVENTE – PRIMEIRA REVISÃO -

ABRIL 2013

RELATÓRIO **2**

ESTUDOS SECTORIAIS DE CARACTERIZAÇÃO

PARTE **1** – CAPÍTULOS **1** A **4**

CAPÍTULO 1 - **ENQUADRAMENTO TERRITORIAL**

CAPÍTULO 2 – **SÓCIO DEMOGRAFIA**

CAPÍTULO 3 – **HABITAÇÃO**

CAPÍTULO 4– **ACTIVIDADES ECONÓMICAS**



ÍNDICE CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

1.	CONTEXTO ADMINISTRATIVO E TERRITORIAL	9
1.1.	CONTEXTO ADMINISTRATIVO	9
1.2.	SUORTE FÍSICO ESPAÇOS NATURAIS.....	12
1.3.	A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO ESPAÇOS HUMANIZADOS.....	15
2.	CONTEXTO SÓCIO-DEMOGRÁFICO	21
2.1.	QUANTITATIVOS POPULACIONAIS.....	21
2.2.	ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO	22
2.3.	NÍVEIS DE ENSINO	24
2.4.	FLUXOS MIGRATÓRIOS CASA TRABALHO/ENSINO.....	26
2.5.	COBERTURA DA REDE DE EQUIPAMENTOS	29
4.	CONTEXTO ECONÓMICO	35
5.	GESTÃO REGIONAL INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO E DESENVOLVIMENTO.....	39
5.1.	PLANO ESTRATÉGICO DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (PERLVT).....	39
5.2.	PLANO OPERACIONAL DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (PORLVT).....	41
5.3.	PLANO REGIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DA AML (PROTAML).....	43
5.4.	PLANO REGIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO OESTE E VALE DO TEJO (PROTOVT)	46
5.5.	PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA LEZÍRIA DO TEJO (PDILT)	47
6.	EM SÍNTESE	49

ÍNDICE CAPÍTULO 2 – SÓCIO DEMOGRAFIA

1.	INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....	51
2.	ANÁLISE DEMOGRÁFICA E SOCIAL	52
2.1.	PROVENIÊNCIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE	52
2.2.	VARIAÇÕES POPULACIONAIS.....	54
2.3.	ESTRUTURA ETÁRIA.....	56
2.4.	DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DA POPULAÇÃO.....	59
2.5.	NÍVEL DE ENSINO.....	60
2.6.	SECTORES DE ACTIVIDADE	61
2.7.	INDICADORES DEMOGRÁFICOS.....	64
2.8.	QUALIDADE DE VIDA – INDICADORES BÁSICOS	65
2.9.	ACESSO À SAÚDE.....	66
2.10.	PRINCIPAL MEIO DE VIDA	66
2.11.	DIAGNÓSTICO SOCIAL DO CONCELHO	67
3.	ESTIMATIVAS DE CRESCIMENTO POPULACIONAL	70
3.1.	PRIMEIRO CENÁRIO (1970_2011).....	70
3.2.	SEGUNDO CENÁRIO (1981_2011).....	71
3.3.	TERCEIRO CENÁRIO (1991_2011).....	72
3.4.	SÍNTESE CONCLUSIVA	73

ÍNDICE CAPÍTULO 3 – HABITAÇÃO

1.	INTRODUÇÃO	76
2.	OBJECTIVOS.....	78
3.	METODOLOGIA ADOPTADA.....	79
4.	RETRATO DA SITUAÇÃO ACTUAL O TERRITÓRIO EM PRESENÇA	80
4.1	EVOLUÇÃO DO PARQUE HABITACIONAL - ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS.....	80
4.1.1.	DENSIDADE CONSTRUTIVA E DENSIDADE DE ALOJAMENTOS	81
4.1.2.	EDIFÍCIOS E ALOJAMENTOS.....	82
4.1.3.	PARQUE HABITACIONAL POR ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO.....	84
4.1.4.	PARQUE HABITACIONAL POR TIPO DE USO.....	85
4.1.5.	PARQUE HABITACIONAL DISPONÍVEL.....	86
4.1.6.	TIPOLOGIA DAS LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO	87
4.2.	POPULAÇÃO E ALOJAMENTOS	89
4.2.1.	REGIME DE PROPRIEDADE.....	91
4.2.2.	INDICADORES DE SALUBRIDADE E CONFORTO.....	92
4.2.3.	EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA HABITACIONAL FACE À EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA DE FAMÍLIA.....	93
5.	CONCLUSÃO	96

ÍNDICE CAPÍTULO 4 – SÓCIO ECONOMIA

1.	INTRODUÇÃO	99
2.	POPULAÇÃO ACTIVA.....	100
2.1.	SITUAÇÃO FACE AO EMPREGO.....	100
2.2.	SECTOR DE ACTIVIDADE	102
2.3.	NÍVEL DE INSTRUÇÃO E IDADE DOS ACTIVOS.....	103
3.	ACTIVIDADES ECONÓMICAS DO CONCELHO	107
3.1.	LOCALIZAÇÃO	107
3.1.1.	SECTOR PRIMÁRIO	108
3.1.2.	SECTOR SECUNDÁRIO	109
3.1.3.	SECTOR TERCIÁRIO.....	110
3.2.	CARACTERIZAÇÃO GERAL.....	111
3.2.1.	SECTOR PRIMÁRIO	111
	ÂNCORAS DE DESENVOLVIMENTO DO SECTOR – COMPANHIA DAS LEZÍRIAS	115
	ÂNCORAS DE DESENVOLVIMENTO DO SECTOR – APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DO VALE DO SORRAIA.....	124
3.2.2.	SECTOR SECUNDÁRIO	129
3.2.3.	SECTOR TERCIÁRIO.....	133

ÍNDICE FIGURAS

FIGURA 1 - CONCELHO DE BENAVENTE NO DISTRITO DE SANTARÉM	9
FIGURA 2 – DELIMITAÇÕES DAS CCDR E NUT II E III (FONTE:DGOTDU, 2005)	9
FIGURA3 – REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO E SUB-REGIÃO DA LEZÍRIA DO TEJO	10
FIGURA4 – REGIÃO DE POLARIZAÇÃO METROPOLITANA (FONTE: PLANO ESTRATÉGICO DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO, 1999).....	10
FIGURA 5 – HIPSOMETRIA, HIDROGRAFIA E UNIDADES DE PAISAGEM DE PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE DGOTDU).....	12
FIGURA 6 – SISTEMAS AQUÍFEROS EM PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE IDRHA, MIN. AGRICULTURA)	12
FIGURA 7 – SISTEMAS AQUÍFEROS - UNIDADES HIDROGEOLÓGICAS (FONTE: PLANO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO, ABRIL 2001)	13
FIGURA 8 – SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS PRINCIPAIS (FONTE: PLANO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO, ABRIL 2001).14	
FIGURA 9 – ZONAS DE EXCEPCIONAL VALOR NATURAL NO CONCELHO DE BENAVENTE.....	14
FIGURA 10 – ESQUEMA VIÁRIO INTRA CONCELHIO DE DISTRIBUIÇÃO.....	15
FIGURA 11 – BENAVENTE NO ESQUEMA RODOVIÁRIO NACIONAL	16
FIGURA 12 – ESQUEMA DISTÂNCIA/TEMPO DE BENAVENTE A AGLOMERADOS DA REDE URBANA NACIONAL	16
FIGURA 13 - CONTRASTE URBANO RURAL EM PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE DGOTDU)	17
FIGURA 14 – DENSIDADES POPULACIONAIS E CONSTRUTIVAS – BENAVENTE E TERRITÓRIO ENVOLVENTE (FONTE: INE, 2011, RESULTADOS PROVISÓRIOS)	18
FIGURA 15 – EDIFÍCIOS SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS NOS CONCELHOS DA NUT III LEZÍRIA DO TEJO –VARIAÇÃO 1991, 2001 E 2011 (FONTE: INE)	19
FIGURA 16 – PERCENTAGENS DE EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº DE PISOS EM 1991 (FONTE: INE)	19
FIGURA 17 – PERCENTAGEM DE EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº PISOS EM 2001 (FONTE: INE)	20
FIGURA 18 - PERCENTAGEM DE EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº PISOS EM 2011 (FONTE: INE)	20
FIGURA 19 - POPULAÇÃO RESIDENTE EM 1991, 2001 E 2011 (FONTE INE).....	21
FIGURA 20 – VARIAÇÃO POPULACIONAL CONCELHOS DA NUTIII LEZÍRIA DO TEJO (FONTE INE)	22
FIGURA 21 – POPULAÇÃO POR ESCALÕES ETÁRIOS, 2001 E 2011 E VARIAÇÃO (FONTE: INE).....	23
FIGURA 22 – VARIAÇÃO POPULACIONAL POR ESCALÕES ETÁRIOS ENTRE 2001 E 2011	23
FIGURA 23 – POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM 2011 E TAXA DE ANALFABETISMO EM 1991 E 2001 (FONTE:INE).....	24
FIGURA 24 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM 2011	25
FIGURA 25 – PADRÃO DE MOVIMENTOS PENDULARES NA RLVT (FONTE:INE 1991)	26
FIGURA 26 – PERCENTAGEM DE EMPREGADOS QUE TRABALHAM FORA DA SUA FREGUESIA DE RESIDÊNCIA (FONTE: INE 1991).....	27
FIGURA 27- DESLOCAÇÕES DIÁRIAS DA POPULAÇÃO PARA TRABALHAR OU ESTUDAR FORA DO CONCELHO, 1991-2001 (FONTE:INE 2001).....	27
FIGURA 28 – VARIAÇÃO DO Nº DE IMIGRANTES DE OUTROS CONCELHOS 1986/91 - 1996/2001(FONTE:INE 2001) 28	
FIGURA 29 – SERVIÇOS PÚBLICOS NA RLVT (FONTE: CESAP RLVT2002).....	29

FIGURA 30 – ACESSO PÚBLICO À INTERNET (FONTE: CESAP RLVT2002)	30
FIGURA 31 – ENSINO PÚBLICO E PRIVADO (FONTE: CESAP RLVT2002).....	30
FIGURA 32 – DESLOCAÇÕES A HOSPITAIS GERAIS (FONTE: CESAP RLVT2002).....	31
FIGURA 33 – CENTROS DE SAÚDE OU EXTENSÃO (FONTE: CESAP RLVT2002).....	31
FIGURA 34 – EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS (FONTE: CESAP RLVT2002)	32
FIGURA 35 – EQUIPAMENTOS DE CULTURA E LAZER (FONTE: CESAP RLVT2002)	32
FIGURA 36 – DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES TIPO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO (EXTRACTO) (FONTE: ISS 2005).....	33
FIGURA 37 – TIPIFICAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO EM PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE: ISS 2005)	33
FIGURA 38 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTOR DE ACTIVIDADE EM 2001 (FONTE: INE).....	35
FIGURA 39 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE 2001	35
FIGURA 40 - TAXAS DE ACTIVIDADE E DESEMPREGO EM 1991, 2001 E 2011 (FONTE: INE).....	36
FIGURA 41 – VARIAÇÃO DA TAXA DE ACTIVIDADE 1991/2001/2011	36
FIGURA 42- VARIAÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO 1991/2001/2011	37
FIGURA 43 – ÁREA INFRA-ESTRUTURADA PARA ACOLHIMENTO EMPRESARIAL (FONTE: CESAP, 2002).....	37
FIGURA 44 – ESQUEMA ESTRATÉGICO SÍNTESE (FONTE:CCDR, PERLVT).....	40
FIGURA 45 – MODELO TERRITORIAL DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (FONTE: PORLVT)	42
FIGURA 46 - DINÂMICAS TERRITORIAIS DA AML.....	44
FIGURA 47 - ESQUEMA DO MODELO TERRITORIAL E UNIDADES TERRITORIAIS (FONTE:PROTAML).....	44
FIGURA 48 – MODELOS DO DIAGNÓSTICO TERRITORIAL DO PDILT (FONTE: PDILT 2000)	47
FIGURA 49- PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PDILT	48
FIGURA 50 - POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO ZONAS DE PROVENIÊNCIAS (FONTE: INE, CENSOS 2001, QUADRO 6.11)	53
FIGURA 51 - POPULAÇÃO IMIGRADA NO CONCELHO DE BENAVENTE SEGUNDO A PROVENIÊNCIA (FONTE:INE, CENSOS2001)	53
FIGURA 52 - VARIAÇÃO POPULACIONAL ENTRE 1991, 2001 E 2011 CONCELHOS DA LEZÍRIA DO TEJO.....	54
FIGURA 53 - VARIAÇÃO POPULACIONAL NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE	54
FIGURA 54 - VARIAÇÃO DO Nº DE FAMÍLIAS NAS FREGUESIAS E CONCELHO DE BENAVENTE.....	55
FIGURA 55 - POPULAÇÃO POR ESCALÕES ETÁRIOS NOS CONCELHOS DA LEZÍRIA DO TEJO (FONTE:INE, CENSOS 2011, RESULTADOS PROVISÓRIOS)	57
FIGURA 56 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO POR FREGUESIA 1991/2001 (FONTE: INE, CENSOS 1991 E 2001)....	58
FIGURA 57 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A DIMENSÃO DOS LUGARES (FONTE: INE1991 E 2001).....	59
FIGURA 58 - POPULAÇÃO RESIDENTE POR LUGARES (FONTE:INE2001)	60
FIGURA 59 - POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE NO CONCELHO DE BENAVENTE.....	60
FIGURA 60 - VARIAÇÃO DA TAXA DE ANALFABETISMO NOS CONCELHOS DA LEZÍRIA DO TEJO.....	61
FIGURA 61 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA, TAXA DE ACTIVIDADE E DESEMPREGO (FONTE:INE1991, 2001 E 2011).....	62
FIGURA 62 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA SEGUNDO O CÓDIGO NACIONAL DE PROFISSÕES (FONTE: INE 2011)	62
FIGURA 63 - INDICADORES DEMOGRÁFICOS (FONTE: INE).....	64

FIGURA 64 - VARIAÇÃO DA TAXA DE NATALIDADE, MORTALIDADE E EXCEDENTE DE VIDA ENTRE 2000 E 2010 (FONTE:INE)	64
FIGURA 65 - CONDIÇÕES BÁSICAS E LOTAÇÃO DOS ALOJAMENTOS NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE, 2001).	65
FIGURA 66 - SAÚDE (FONTE INE, RETRATO TERRITORIAL NACIONAL)	66
FIGURA 67 - POPULAÇÃO DESEMPREGADA SEGUNDO O PRINCIPAL MEIO DE VIDA (FONTE: INE 2011)	66
FIGURA 68 - RESUMO DAS ÁREAS TEMÁTICAS (FONTE: DIAGNÓSTICO SOCIAL DO CONCELHO)	68
FIGURA 69 - CRESCIMENTO POPULACIONAL, PARA O ANO DE 2025 E 2030	70
FIGURA 70 - CRESCIMENTO POPULACIONAL, PARA O ANO DE 2025 E 2030	71
FIGURA 71 - CRESCIMENTO POPULACIONAL, PARA O ANO DE 2025 E 2030	72
FIGURA 72 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PARQUE HABITACIONAL 2001 E 2011 (FONTE: INE)	80
FIGURA 73 - DENSIDADE CONSTRUTIVA POR FREGUESIA (FONTE: INE)	81
FIGURA 74 - DENSIDADE DE ALOJAMENTOS POR FREGUESIA (FONTE: INE)	82
FIGURA 75 - EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº DE ALOJAMENTOS POR FREGUESIA (FONTE: INE2011)	82
FIGURA 76 - VARIAÇÃO DO RÁCIO ALOJAMENTOS/EDIFÍCIO ENTRE 2001 E 2011 NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE)	83
FIGURA 77 - VARIAÇÃO DO PADRÃO VOLUMÉTRICO ENTRE 1991, 2001 E 2011 NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE)	83
FIGURA 78 - EDIFÍCIOS POR ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE, CENSOS 2011)	84
FIGURA 79 - EDIFÍCIOS POR ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE 2011)	85
FIGURA 80 - EDIFÍCIOS POR TIPO DE USO (FONTE: INE2011)	86
FIGURA 81 - IMÓVEIS DISPONÍVEIS PARA VENDA	86
FIGURA 82 - IMÓVEIS DISPONÍVEIS POR TIPOLOGIA PARA VENDA	87
FIGURA 83 - LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO CONCEDIDAS POR TIPOLOGIA POR ANO (FONTE: INE)	88
FIGURA 84 - EVOLUÇÃO DAS LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO PARA HABITAÇÃO E TOTAL NO PERÍODO 1996 A 2001 (FONTE: INE)	88
FIGURA 85 - TIPOLOGIA DE LICENÇAS NO PERÍODO 1996 A 2001 (FONTE: INE)	88
FIGURA 86 - TIPO DE ALOJAMENTO FAMILIARES NO CONCELHO E FREGUESIAS DE BENAVENTE (FONTE: INE 1991, 2001, 2011)	89
FIGURA 87 - ALOJAMENTOS FAMILIARES SEGUNDO A FORMA DE OCUPAÇÃO NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE1991, 2001 E 2011)	90
FIGURA 88 - ALOJAMENTOS POR REGIME DE PROPRIEDADE (FONTE: INE 2011)	92
FIGURA 89 - ALOJAMENTOS/RESIDÊNCIA HABITUAL SEGUNDO O ACESSO ÀS REDES DE INFRA-ESTRUTURAS BÁSICAS (FONTE: INE 2001)	93
FIGURA 90 - ALOJAMENTOS CLÁSSICOS, OCUPADOS COMO RESIDÊNCIA HABITUAL, SEGUNDO O NÚMERO DE DIVISÕES, NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE2011)	94
FIGURA 91 - FAMÍLIAS CLÁSSICAS SEGUNDO A DIMENSÃO, NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE2011)	94
FIGURA 92 - POPULAÇÃO EMPREGADA SEGUNDO A SITUAÇÃO NA PROFISSÃO E DESEMPREGADA SEGUNDO A CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO (FONTE: INE2011)	100

FIGURA 93 - TAXAS DE ACTIVIDADE E DESEMPREGO EM 1991, 2001 E 2011 (FONTE: INE).....	100
FIGURA 94 - TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM NOS ESTABELECIMENTOS SEGUNDO O SECTOR DE ACTIVIDADE E SEXO EM 2000 (FONTE: INE, ANUÁRIO ESTATÍSTICO DARLVT2002).....	101
FIGURA 95 - POPULAÇÃO EMPREGADA POR SITUAÇÃO NA PROFISSÃO NA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (FONTE: INE 2002).....	102
FIGURA 96 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTOR DE ACTIVIDADE (FONTE: INE, 2011)	102
FIGURA 97 - POPULAÇÃO EMPREGADA E PROFISSÃO (FONTE: INE, 2011)	103
FIGURA 98 - POPULAÇÃO RESIDENTE, COM 15 OU MAIS ANOS, SEGUNDO O GRUPO ETÁRIO E CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO (FONTE: INE 2011)	104
FIGURA 99 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM IDADE ACTIVA	104
FIGURA 100 - POPULAÇÃO ACTIVA POR GRUPO ETÁRIO E NÍVEL DE ENSINO (FONTE: INE 2001)	105
FIGURA 101 - POPULAÇÃO ACTIVA POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO NA RLVT (FONTE: INE, ANUÁRIO ESTATÍSTICO RLVT 2002)	106
FIGURA 102 - TERRITÓRIO AGRÍCOLA E FLORESTAL /SECTOR PRIMÁRIO	108
FIGURA 103 - ESPAÇOS DE LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL /SECTOR SECUNDÁRIO	109
FIGURA 104 - ESPAÇOS URBANOS / ESPAÇOS DE CONCENTRAÇÃO DO SECTOR TERCIÁRIO	110
FIGURA 105 - SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA (SAU) E POPULAÇÃO EMPREGUE NA AGRICULTURA (FONTE: INE, INDICADORES DA ACTIVIDADE AGRÍCOLA 1999 E 2001)	112
FIGURA 106 - DADOS GERAIS DO SECTOR AGRÍCOLA (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999).....	112
FIGURA 107 - CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR AGRÍCOLA SINGULAR (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999).....	113
FIGURA 108 - UTILIZAÇÃO DAS TERRAS POR TIPO DE CULTURA (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999)	114
FIGURA 109 - EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS EXISTENTES (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999) ...	114
FIGURA 110 - QUANTIFICAÇÃO DOS EFECTIVOS ANIMAIS (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999).....	115
FIGURA 111 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS BARRAGENS.....	125
FIGURA 112 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS AÇUDES.....	125
FIGURA 113 - CARACTERÍSTICAS DAS ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS DE REGA.....	126
FIGURA 114 - ÁGUA ARMAZENADA E CONSUMIDA (MILHÕES DE M ³)	128
FIGURA 115 - EVOLUÇÃO DAS CULTURAS E ÁREAS REGADAS (HA)	128
FIGURA 116 - LOTEAMENTOS INDUSTRIAIS NO CONCELHO DE BENAVENTE	129
FIGURA 117 - UNIDADES INDUSTRIAIS NO CONCELHO DE BENAVENTE	130
FIGURA 118 - ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS RELACIONADOS COM EXTRACÇÃO DE INERTES EM BENAVENTE	131
FIGURA 119 - PEDREIRAS NO CONCELHO DE BENAVENTE	132
FIGURA 120 - NERSANT (FONTE: HTTP://WWW.NERSANT.PT/SAPPORAL)	132
FIGURA 121 - UNIDADES DO SECTOR TERCIÁRIO NO CONCELHO DE BENAVENTE.....	133

INTRODUÇÃO

Neste ponto pretende-se fazer uma abordagem ao papel do concelho de Benavente no espaço regional, tendo em consideração as seguintes perspectivas:

- ≥ contexto administrativo e territorial (Os espaços humanos e naturais)
- ≥ contexto sócio-demográfico (As dinâmicas populacionais)
- ≥ contexto económico (As estruturas e sectores de actividade)
- ≥ gestão regional (Os instrumentos de gestão e desenvolvimento.)

CAP 1 ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

VER PLANTA 11 - ENQUADRAMENTO REGIONAL



1. CONTEXTO ADMINISTRATIVO E TERRITORIAL

1.1. CONTEXTO ADMINISTRATIVO

Com uma área de 521Km², o concelho de Benavente pertence ao distrito de Santarém e integra a região da Lezíria do Tejo.

Em termos estatísticos o concelho foi integrado na NUT II – Alentejo e NUT III Lezíria do Tejo, apesar de, em termos de administração regional em matéria de ambiente e ordenamento do território permanecer na área de intervenção da **Comissão de Coordenação e Desenvolvimento de Lisboa e Vale do Tejo (CCDRLVT)**.

FIGURA 1- CONCELHO DE BENAVENTE NO DISTRITO DE SANTARÉM

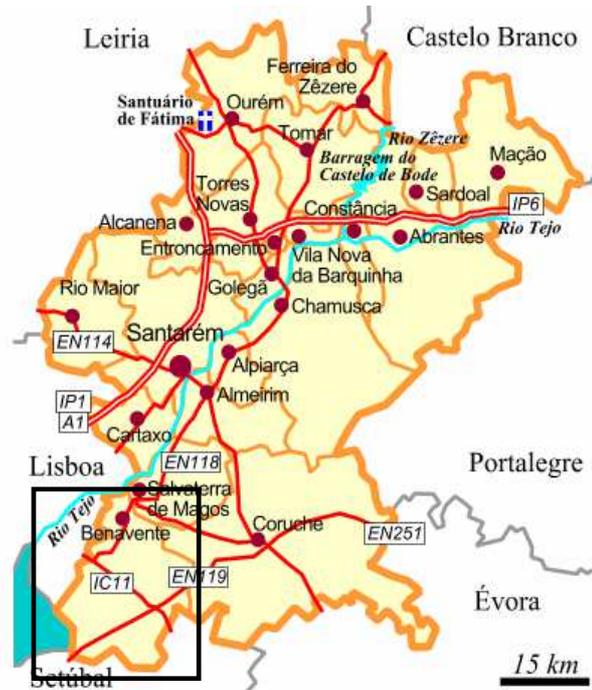


FIGURA 2 – DELIMITAÇÕES DAS CCDR E NUT II e III (FONTE:DGOTDU, 2005)

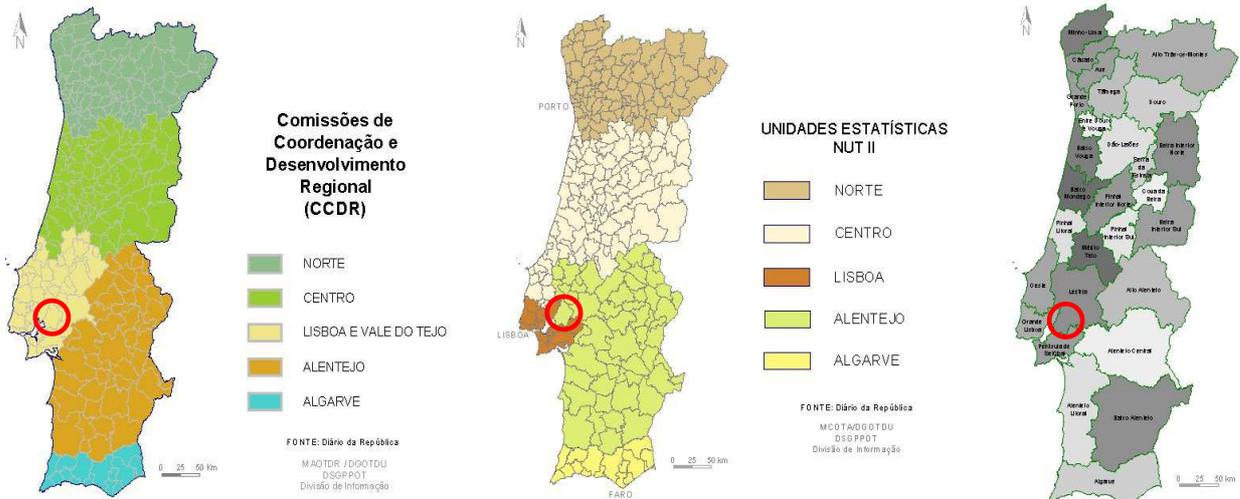
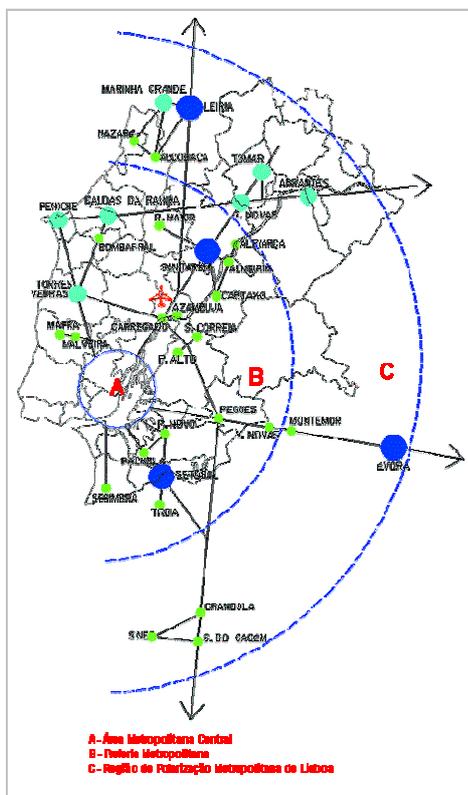


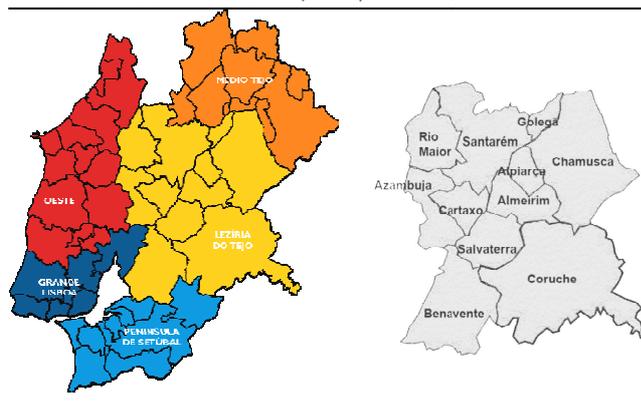
FIGURA3 – REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO E SUB-REGIÃO DA LEZÍRIA DO TEJO



A **Região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT)** é talvez das regiões mais heterogêneas de Portugal, característica decorrente de factores naturais, exacerbada por factores humanos. A Sub-região da Lezíria do Tejo, à qual pertence Benavente, Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Golegã, Rio Maior, Salvaterra de Magos e Santarém, corresponde à área da antiga Associação de Municípios da Lezíria do Tejo (AMLT) que deu lugar à **Comunidade Urbana da Lezíria do Tejo (CULT)** e mais recentemente à Comunidade Intermunicipal da Lezíria do Tejo (CIMLT).

Estando integrado na Lezíria do Tejo, a sua localização “às portas” da Área Metropolitana de Lisboa (AML) determina grande parte das dinâmicas sócio-económicas e urbanísticas do concelho. De acordo com o Plano Estratégico da Região de Lisboa e Vale do Tejo, o concelho de Benavente encontra-se no raio de polarização da AML incluindo-se na chamada periferia metropolitana (Figura 3).

FIGURA4 – REGIÃO DE POLARIZAÇÃO METROPOLITANA (FONTE: PLANO ESTRATÉGICO DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO, 1999)



A RLVT, como já foi referido anteriormente, é caracterizada por um elevado grau de heterogeneidade gerado pela diversidade do património natural, paisagístico, histórico e cultural e pela diversidade sócio-económica.

A gestão coerente desta diversidade pode gerar um potencial benéfico para o desenvolvimento regional, sendo fundamental considerar os problemas complexos de coesão social económica e territorial decorrentes das limitações existentes.

Algumas dessas limitações prendem-se com:

- ≥ As tensões em torno de estratégias concorrenciais de ocupação do solo, com consequências gravosas ao nível da degradação ambiental e dos mercados fundiário e imobiliário;
- ≥ A actual inexistência de processos de articulação suficientemente intensos em termos de diferenciação de funções e de tipos de uso do solo para promover a complementaridade.
- ≥ As disparidades que têm ocorrido, geradas pelo défice de infra-estruturas e equipamentos sociais, que ainda ocorre em áreas mais rurais e suburbanas, e pela crescente transformação do perfil económico regional, associado ao declínio das actividades tradicionais relacionadas com a agricultura, pesca ou com certo tipo de indústrias caídas em desuso.

A criação da CULT (www.cimlt.eu/cult) foi um passo em frente para a preservação das diferentes unidades sócio-territoriais existentes na RLVT. A sustentação e reforço de uma estratégia conjunta gerada por objectivos de desenvolvimento:

“Há necessidade de identificar as prioridades de investimento do próximo ciclo de intervenções estruturais, somou-se a ambição dos autarcas destes onze municípios e da CULT em garantir a sustentabilidade das políticas públicas mediante um processo de participação alargada da população.”
<http://www.ribatejodigital.pt/NR/rdonlyres/F9E405D8-60D1-4D6C-84D7-831837009402/0/agendaxxi.pdf>

CULT dá lugar à **CIMLT Comunidade Intermunicipal da Lezíria do Tejo**, por força do disposto na Lei n.º 45/2008, de 27 de Agosto, e na sequência das deliberações das Assembleias Municipais dos Municípios associados, publicada a 29 de Outubro de 2008, no Diário da República n.º 210, os Estatutos da Comunidade Intermunicipal da Lezíria do Tejo (CIMLT). A CIMLT assume plenamente a posição da CULT em todas as áreas de actuação desde 14 de Novembro de 2008.

1.2. SUPORTE FÍSICO | ESPAÇOS NATURAIS

FIGURA 5 – HIPSOMETRIA, HIDROGRAFIA E UNIDADES DE PAISAGEM DE PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE DGOOTDU)

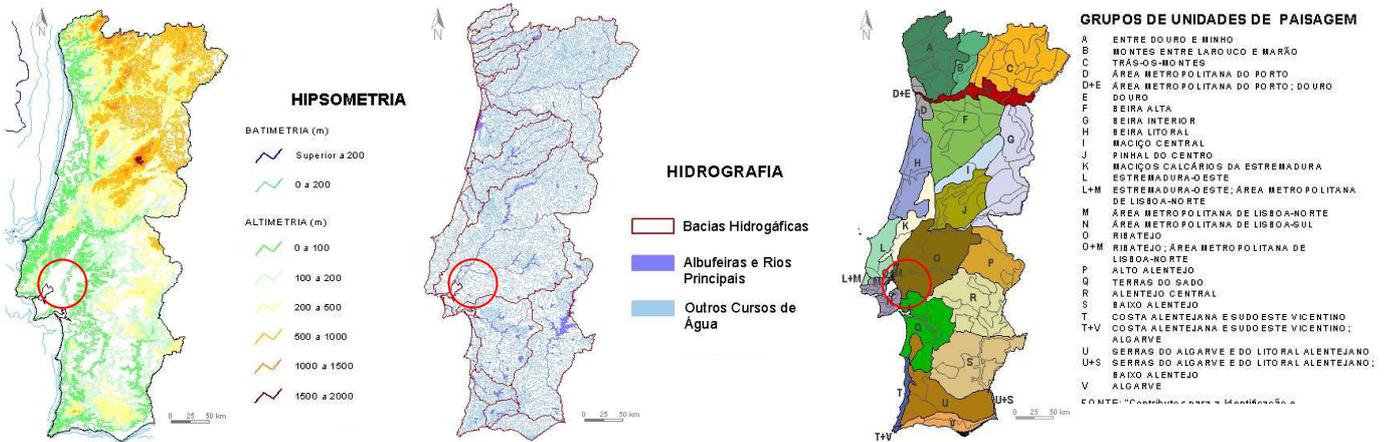
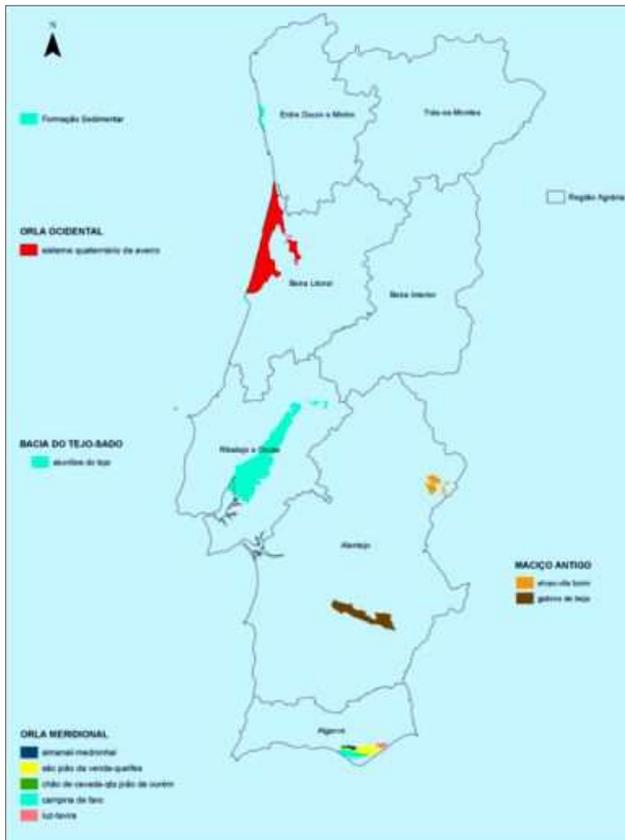


FIGURA 6 – SISTEMAS AQUÍFEROS EM PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE IDRHA, MIN. AGRICULTURA)



Conforme se visualiza nos mapas da Figura 5, o concelho de Benavente encontra-se numa zona marcadamente plana do território nacional entre a cota 0 e a cota 100 metros – a Lezíria, integrado na bacia hidrográfica do Tejo e na unidade de paisagem denominada Ribatejo.

Situado no domínio ecológico sub-mediterrânico, é importante referir também que o território do concelho de Benavente integra o sistema aquífero dos aluviões do Tejo (Figura 6). A identificação destes sistemas aquíferos e formações sedimentares foi estabelecida pela directiva comunitária n.º 91/676/CEE, que determina que os Estados Membros designem as zonas que drenam para as águas poluídas ou susceptíveis de o serem, por nitratos de origem agrícola, como Zonas Vulneráveis.

O sistema aquífero dos aluviões do Tejo ocupa a bacia terciária do Tejo e do Sado numa área aproximada de 8550 km². É o maior e mais importante sistema aquífero português e é a origem do abastecimento de água a importantes núcleos populacionais, à indústria e à agricultura.

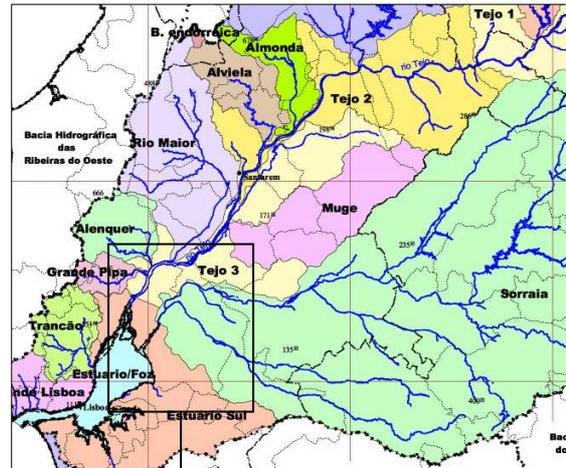
O concelho de Benavente está inserido neste aquífero. Ou seja, Benavente é um território marcado pela presença da água, não só da superficial como também da subterrânea – aquífero. Esta última, imprescindível para a integridade dos ecossistemas e para o abastecimento das populações.

FIGURA 7 – SISTEMAS AQUÍFEROS - UNIDADES HIDROGEOLÓGICAS (FONTE: PLANO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO, ABRIL 2001)



FIGURA 8 – SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS PRINCIPAIS (FONTE: PLANO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO, ABRIL 2001)

A água subterrânea, impossível de estudar ou tratar dentro de limites administrativos é obrigatoriamente uma matéria comum a um vasto território regional, no entanto é fundamental que cada concelho tenha em consideração estas características hidro-geomorfológicas na elaboração de propostas de ocupação territorial e na gestão dos seus espaços. A directiva que obrigou à delimitação das zonas vulneráveis tem como principal objectivo o controle dos nitratos como fonte de actividades humanas susceptíveis de contaminar os aquíferos pecuária, indústria, fossas sépticas em habitações, são alguns dos exemplos a ter em consideração.



poluição, no entanto, são inúmeras – agro-

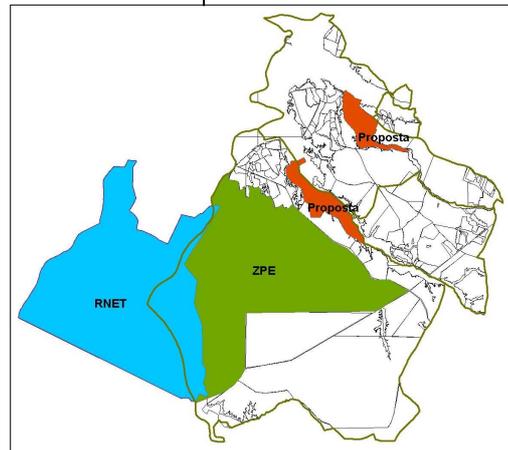


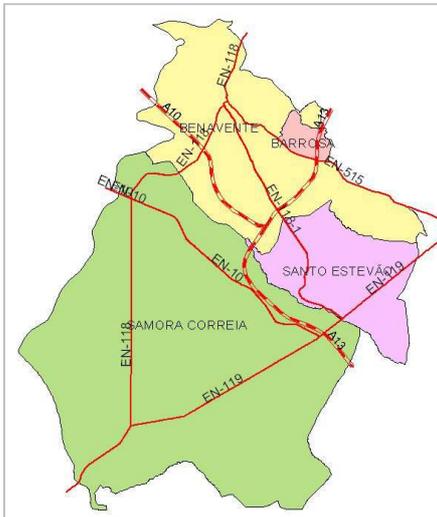
FIGURA 9 – ZONAS DE EXCEPCIONAL VALOR NATURAL NO CONCELHO DE BENAVENTE

O rio Tejo é, sem dúvida, o elemento natural mais marcante da sub região da Lezíria do Tejo, sendo a sub-bacia do Sorraia que determina a paisagem do concelho de Benavente.

A presença do rio Tejo e de zonas de valor ecológico singular, determinou a delimitação da Reserva Natural do Estuário do Tejo (RNET), da Zona de Protecção Especial do Estuário do Tejo (ZPE) e dos paus de Belmonte e Trejoito, estes últimos propostos para classificação, uma vez que o seu papel como ponto intermédio entre o estuário e o Paul de Boquilobo é essencial para muitas espécies.

1.3. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO | ESPAÇOS HUMANIZADOS

FIGURA 10 – ESQUEMA VIÁRIO INTRA CONCELHO DE DISTRIBUIÇÃO



Tendo por base este contexto natural, o Homem foi-se apropriando do território, criando acessibilidades, ocupando zonas com habitações, serviços, indústria, foi gerando uma rede de espaços diferenciados.

Numa região marcada pela intensidade dos valores naturais, o concelho de Benavente, encontra-se às portas da Área Metropolitana de Lisboa, próximo e atravessado por algumas das principais vias estruturantes do território nacional, algumas das quais ainda em fase de projecto e execução:

- ≥ EN10- actual via de distribuição por excelência, antigo eixo principal de ligação Norte Sul do território nacional.
- ≥ EN118 - no sentido longitudinal faz a ligação a Lisboa e a Santarém
- ≥ EN119 - serve o Sul do concelho, ligando-o a Coruche e a Lisboa.
- ≥ A10 (IC11) – ligação ao IP1 (Carregado) que liga o Norte do País ao Algarve por auto-estrada
- ≥ A13 (IC3) – ligação Setúbal a Coimbra

Este enquadramento viário torna o concelho de Benavente num território de proximidade, ou seja, a facilidade de deslocação não só para a envolvente próxima como para qualquer ponto do território nacional, é uma mais valia considerável.

FIGURA 11 – BENAVENTE NO ESQUEMA RODOVIÁRIO NACIONAL

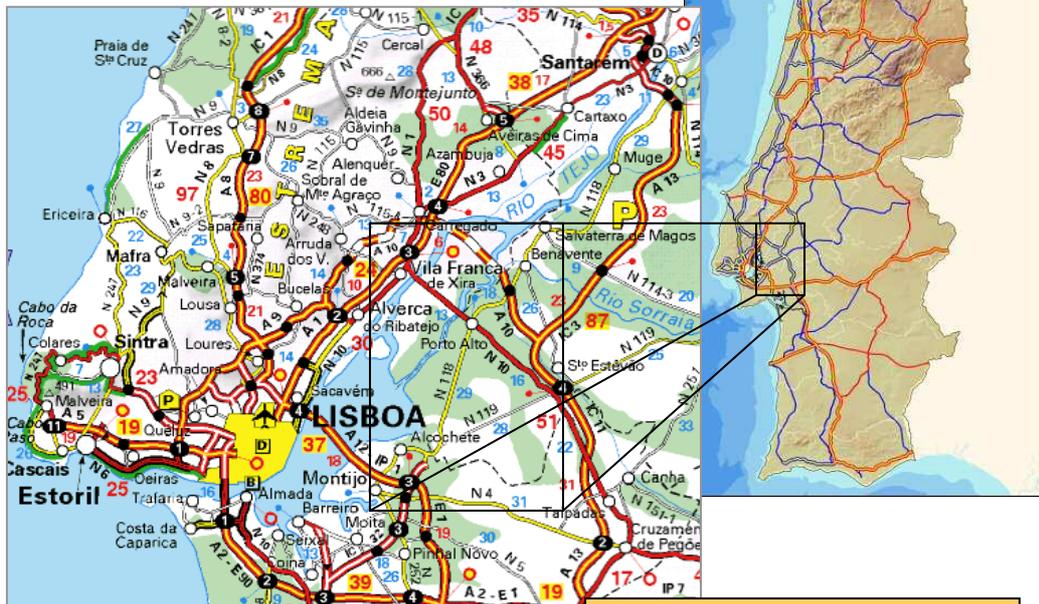
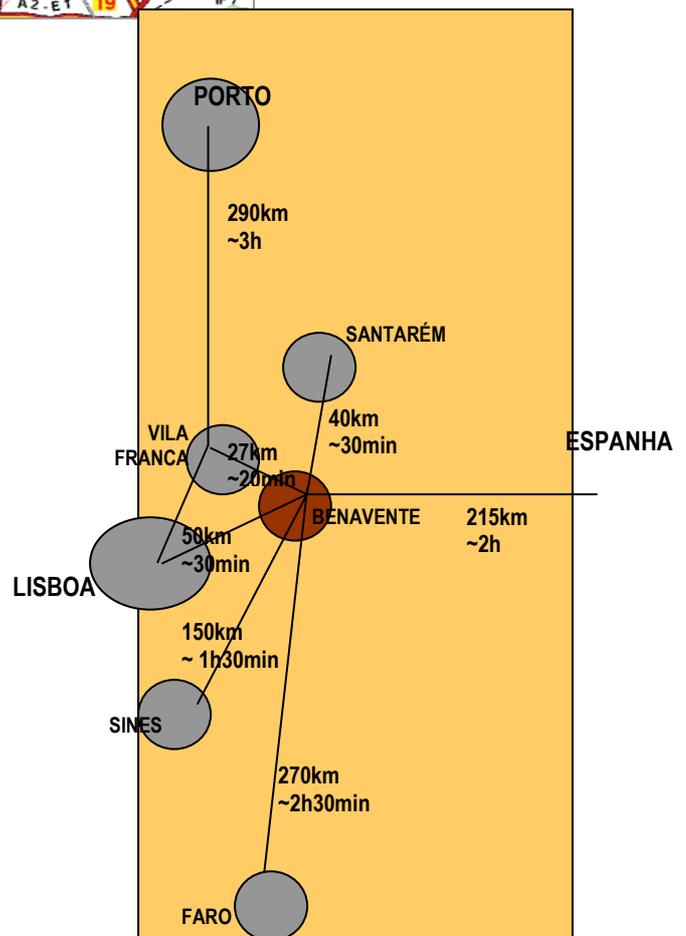


FIGURA 12 – ESQUEMA DISTÂNCIA/TEMPO DE BENAVENTE A AGLOMERADOS DA REDE URBANA NACIONAL

Pode falar-se em posição geo-estratégica, tendo em consideração a localização de nós viários estruturantes e a proximidade aos centros de decisão.

Como se esquematiza na figura 12, o concelho de Benavente, encontra-se a 30 minutos de Lisboa, à mesma distância temporal da sede de distrito (Santarém) e a apenas 20 minutos de Vila Franca de Xira, onde é possível o acesso ao transporte ferroviário e ao actual nó de ligação ao IP1. Mais distantes, mas com acessos de excelência, estão o Porto a 3 horas pela IP1, Sines (zona portuária) a 1h30minutos pelo IC11/IP1/IP8 e Espanha a apenas 2 horas de distância pelo IP7.

A rede de acessibilidades serve de suporte aos espaços construídos e condiciona o seu maior ou menor crescimento. Na região de Lisboa e Vale do Tejo, encontram-se cenários de



crescimento marcadamente heterogéneos, frutos de uma metropolização densificada e de uma periferia que foi tentando integrar as dinâmicas de proximidade às áreas ocupadas, que de forma heterogénea povoam o território da região de Lisboa e Vale do Tejo.

Na figura 13 é possível, a uma escala alargada, perceber o modelo ocupacional existente em Benavente e a sua diferenciação relativamente ao território envolvente. O território concelhio é maioritariamente uma área natural, contrastando com a densidade ocupacional dos territórios a Poente – AML.

Benavente afirma-se assim, como uma reserva de espaço natural estruturante para o equilíbrio do território metropolitano.

FIGURA 13 - CONTRASTE URBANO RURAL EM PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE DGOTDU)

A densidade populacional e de alojamentos são os indicadores reais da intensidade de apropriação dos espaços, tendo em consideração as condicionantes e características morfológicas dos territórios em presença. A análise destes indicadores reforça a ideia apresentada - Benavente é o espaço de “descompressão” pela presença de elementos e espaços naturais de qualidade e pela contínua preservação dos mesmos em equilíbrio com o crescimento urbano.

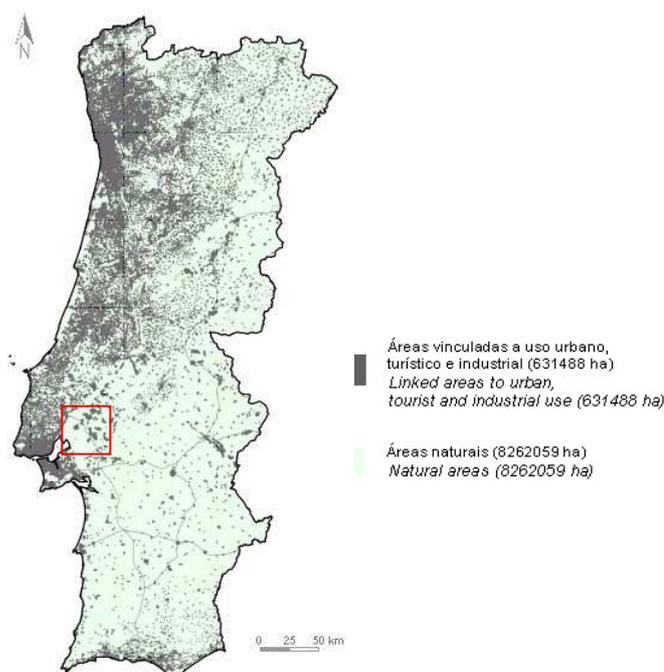


FIGURA 14 – DENSIDADES POPULACIONAIS E CONSTRUTIVAS – BENAVENTE E TERRITÓRIO ENVOLVENTE (TONTE: INE, 2011, RESULTADOS PROVISÓRIOS)

ZONA GEOGRÁFICA	ÁREA KM ²	DENSIDADE POPULACIONAL	DENSIDADE ALOJAMENTOS
CONTINENTE	89070	113	63
ALENTEJO	31550	24	15
LEZÍRIA DO TEJO	4274	58	32
AZAMBUJA	263	83	45
ALMEIRIM	222	105	55
ALPIARÇA	95	81	43
BENAVENTE	521	56	28
CARTAXO	158	155	84
CHAMUSCA	744	14	8
CORUCHE	1114	18	11
GOLEGÃ	77	71	41
RIO MAIOR	273	78	46
SALVATERRA DE MAGOS	244	91	48
SANTARÉM	560	111	63
MUNICÍPIOS VIZINHOS			
VILA FRANCA	318	430,3	205
ALCOCHETE	128	136,9	69
LISBOA	85	6447	3814
LOURES	169	1211,2	587
AML	1231	1963,1	1209

Através da análise dos dados dos recenseamentos de 2001 e 2011 é possível fazer uma aproximação ao modelo tipo-morfológico presente na sub-região da Lezíria do Tejo, avaliando assim a transformação ocorrida na última década inter censitária.

Os dados relativos às volumetrias do parque edificado (figura 15) permitem tirar as seguintes ilações em termos de perfil da apropriação dos espaços:

- Na sub-região foi Benavente que mais se destacou pelo aumento do parque construído. Um aumento na ordem dos 24%, que contrasta com a média de 15% da Lezíria do Tejo;
- A tipologia multifamiliar sofreu um acréscimo considerável entre 2001 e 2011, com especial expressão em Benavente, uma vez que nos edifícios com mais de três pisos registam-se acréscimos substanciais.

O parque habitacional de tipologia unifamiliar (2 pisos) aumentou mais de 100% na última década inter-censitária, tendo sido esta tipologia que registou o maior aumento no conjunto da sub região.

FIGURA 15 – EDIFÍCIOS SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS NOS CONCELHOS DA NUT III LEZÍRIA DO TEJO –VARIÇÃO 1991, 2001 E 2011 (FONTE: INE)

Volumetria	1 Piso			2 Pisos			3 Pisos			4 Pisos			5 Pisos			6 Pisos			7 ou mais Pisos		
	Ano	1991	2001	2011	1991	2001	2011	1991	2001	2011	1991	2001	2011	1991	2001	2011	1991	2001	2011	1991	2001
Lezíria do Tejo	72809	70687	78413	11876	18134	23006	1119	2716	3036	688	975	1216	242	515	761	72	206	296	131	274	380
Azambuja	7390	5964	6523	1215	1775	2382	118	222	396	41	88	111	14	18	55	2	7	17	6	4	5
Almeirim	6417	6229	6828	1106	1491	2001	112	305	293	29	89	171	18	16	61	-	23	0	1	10	4
Alpiarça	2466	2566	2505	392	635	877	10	22	39	6	24	33	2	-	12	-	-	4	-	-	3
Benavente	5218	5134	5720	948	1810	2819	98	411	522	88	225	250	56	107	182	-	21	40	3	5	14
Cartaxo	7234	6316	6998	1196	2121	2469	81	260	251	122	131	208	7	56	57	9	25	18	3	19	6
Chamusca	4678	4713	4852	454	780	867	12	52	68	3	8	14	1	1	2	-	-	0	-	-	1
Coruche	8763	9006	10508	746	957	1096	101	88	142	26	14	40	8	3	4	-	-	0	7	-	0
Golegã	2100	1766	1939	540	726	791	10	190	37	-	20	2	1	3	0	-	-	4	1	-	0
Rio Maior	6259	6108	7139	685	1875	2214	65	294	268	31	41	58	28	47	46	10	12	39	15	41	65
S. de Magos	6645	7356	9175	894	1216	1420	29	164	66	22	25	31	7	9	17	1	-	3	2	-	1
Santarém	15639	15529	16226	3700	4748	6070	483	708	954	320	310	298	100	255	325	50	118	171	93	195	281

FIGURA 16 – PERCENTAGENS DE EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº DE PISOS EM 1991 (FONTE: INE)

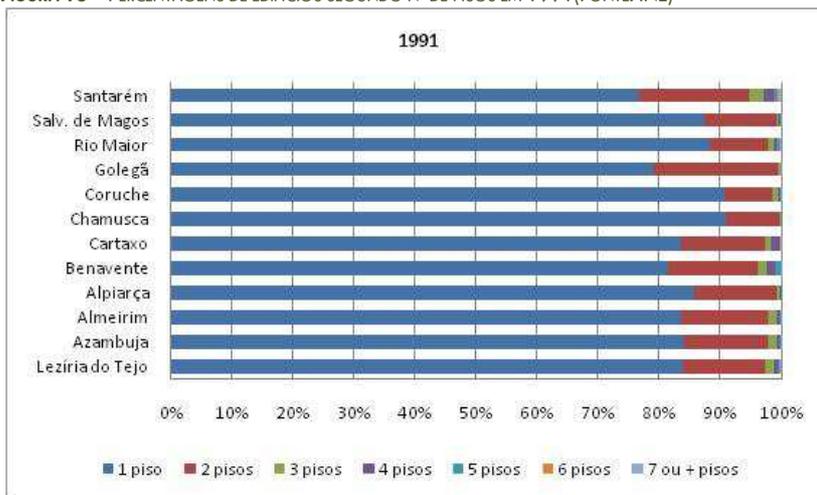


FIGURA 17 – PERCENTAGEM DE EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº PISOS EM 2001 (FONTE: INE)

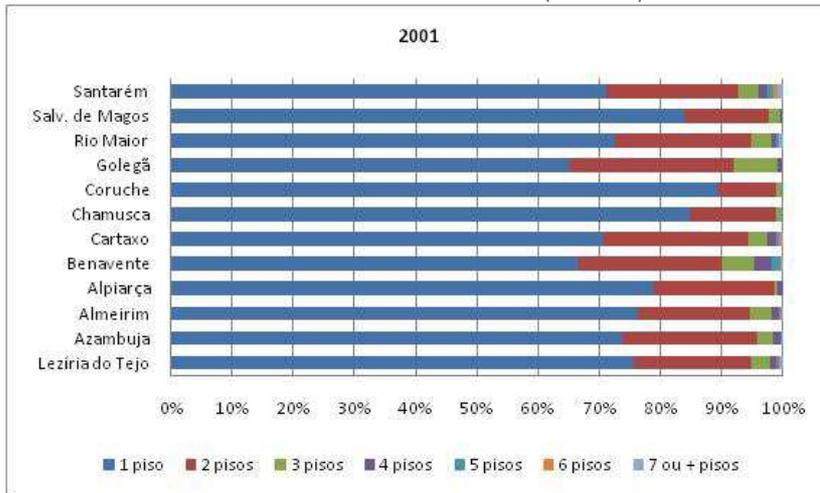
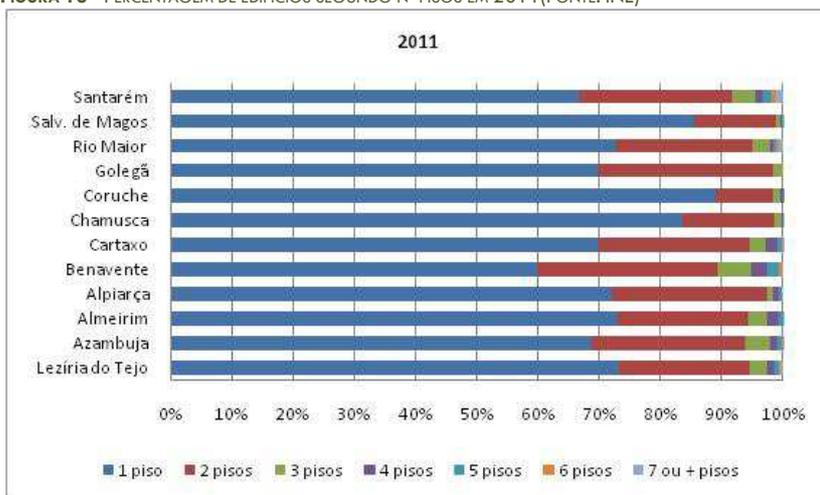


FIGURA 18 – PERCENTAGEM DE EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº PISOS EM 2011 (FONTE: INE)



2. CONTEXTO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

As dinâmicas demográficas e sociais, que caracterizam um determinado território, são causa e consequência da sua interacção com a envolvente. O conhecimento da realidade intra-concelhia depende de uma visão alargada ao espaço exterior.

No enquadramento sócio-demográfico são abordados os quantitativos populacionais, a estrutura etária da população, os níveis de ensino, os fluxos migratórios regionais e a cobertura dos equipamentos de apoio à população como sinal da socialização dos espaços.

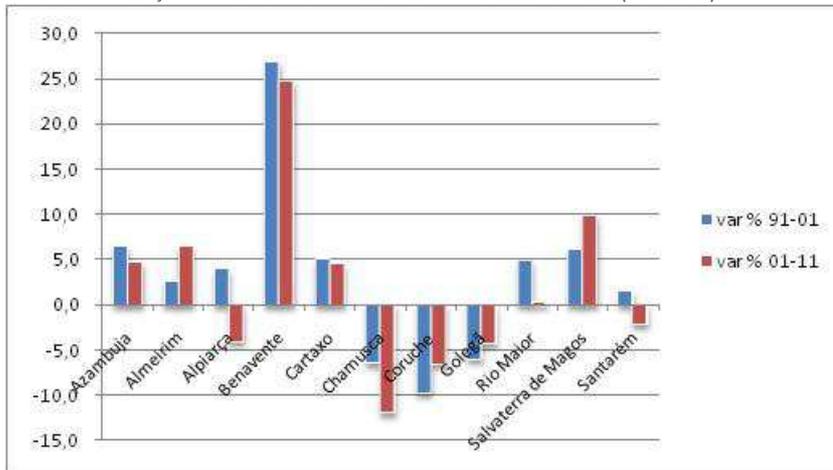
2.1. QUANTITATIVOS POPULACIONAIS

De acordo com os dados dos recenseamentos gerais da população de 1991, 2001 e 2011 (resultados definitivos), ocorreram alterações significativas na distribuição da população na sub-região da Lezíria do Tejo, sendo de destacar o crescimento populacional registado no concelho de Benavente como o principal indutor do crescimento global regional (figura 19 e 20). Apresentam-se os dados que sustentam as transformações ocorridas neste período para a sub-região da Lezíria do Tejo.

FIGURA 19 - POPULAÇÃO RESIDENTE EM 1991, 2001 E 2011 (FONTE INE)

ZONA GEOGRÁFICA	POP.1991	POP.2001	POP.2011	VAR % 91-01	VAR % 01-11
Continente	9375926	9869343	10047621	5,3	1,8
Alentejo	782331	776585	757302	-0,7	-2,5
Lezíria do Tejo	232969	240832	247453	3,4	2,7
Azambuja	19568	20837	21814	6,5	4,7
Almeirim	21380	21957	23376	2,7	6,5
Alpiarça	7711	8024	7702	4,1	-4,0
Benavente	18335	23257	29019	26,8	24,8
Cartaxo	22268	23389	24462	5,0	4,6
Chamusca	12282	11492	10120	-6,4	-11,9
Coruche	23634	21332	19944	-9,7	-6,5
Golegã	6072	5710	5465	-6,0	-4,3
Rio Maior	20119	21110	21192	4,9	0,4
Salvaterra de Magos	18979	20161	22159	6,2	9,9
Santarém	62621	63563	62200	1,5	-2,1

FIGURA 20 – VARIAÇÃO POPULACIONAL CONCELHOS DA NUTIII LEZÍRIA DO TEJO (FONTE INE)



Benavente destaca-se no contexto regional e sub regional pelo exacerbado aumento populacional que registou no último decénio inter censitário. Na Lezíria do Tejo apenas três concelhos registaram uma diminuição populacional (Alpiarça, Chamusca, Coruche e Golegã), no entanto o aumento populacional registado em Benavente está 20% acima da média sub regional.

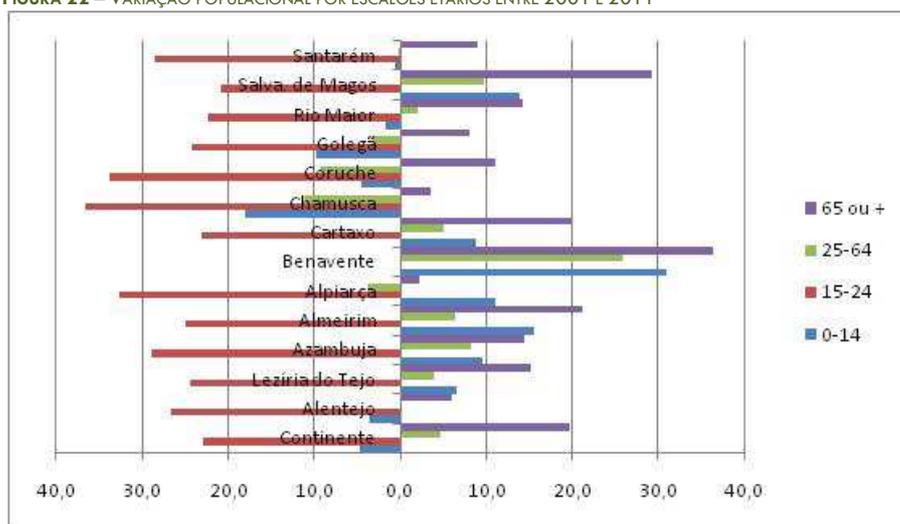
2.2. ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

Conhecendo a dinâmica populacional bruta, importa conhecer também a dinâmica por escalões etários. Os escalões apresentados correspondem à divisão da população em classes activas e dependentes.

FIGURA 21 – POPULAÇÃO POR ESCALÕES ETÁRIOS, 2001 E 2011 E VARIAÇÃO (FONTE: INE)

Unidade Territorial	2001				2011				Variação 2001/2011			
	0-14	15-24	25-64	65 ou +	0-14	15-24	25-64	65 ou +	0-14	15-24	25-64	65 ou +
Continente	1557934	1399635	5283178	1628596	1484120	1079493	5546220	1937788	-4,7	-22,9	5,0	19,0
Alentejo	106645	100507	395932	173501	102774	73753	397787	182988	-3,6	-26,6	0,5	5,5
Lezíria do Tejo	34067	31536	127602	47627	36281	23845	132766	54561	6,5	-24,4	4,0	14,6
Azambuja	2929	2749	11303	3856	3206	1956	12257	4395	9,5	-28,8	8,4	14,0
Almeirim	3060	2841	11796	4260	3539	2134	12566	5137	15,7	-24,9	6,5	20,6
Alpiarça	1029	994	4147	1854	1144	670	4003	1885	11,2	-32,6	-3,5	1,7
Benavente	3931	3122	12776	3428	5146	3130	16091	4652	30,9	0,3	25,9	35,7
Cartaxo	3306	3111	12702	4270	3597	2394	13378	5093	8,8	-23,0	5,3	19,3
Chamusca	1436	1483	5935	2638	1177	942	5287	2714	-18,0	-36,5	-10,9	2,9
Coruche	2499	2536	10974	5323	2388	1684	10007	5865	-4,4	-33,6	-8,8	10,2
Golegã	815	720	2896	1279	735	546	2805	1379	-9,8	-24,2	-3,1	7,8
Rio Maior	3258	2856	11132	3864	3199	2223	11385	4385	-1,8	-22,2	2,3	13,5
Salva. de Magos	2866	2677	10812	3806	3259	2120	11886	4894	13,7	-20,8	9,9	28,6
Santarém	8938	8447	33129	13049	8891	6046	33101	14162	-0,5	-28,4	-0,1	8,5

FIGURA 22 – VARIAÇÃO POPULACIONAL POR ESCALÕES ETÁRIOS ENTRE 2001 E 2011



A evolução da população por grupos etários, tem assumido um padrão comum a nível nacional, com uma tendência para o envelhecimento e progressivo decréscimo populacional nas faixas etárias mais jovens. Curiosamente, também neste indicador, Benavente destaca-se do padrão nacional e regional, no sentido positivo, uma vez que é o único concelho onde o aumento populacional registado, não se deveu exclusivamente ao aumento dos escalões etários mais velhos. Em Benavente todos os escalões etários tiveram variação positiva, o que demonstra um forte potencial de atracção que importa preservar e qualificar.

2.3. NÍVEIS DE ENSINO

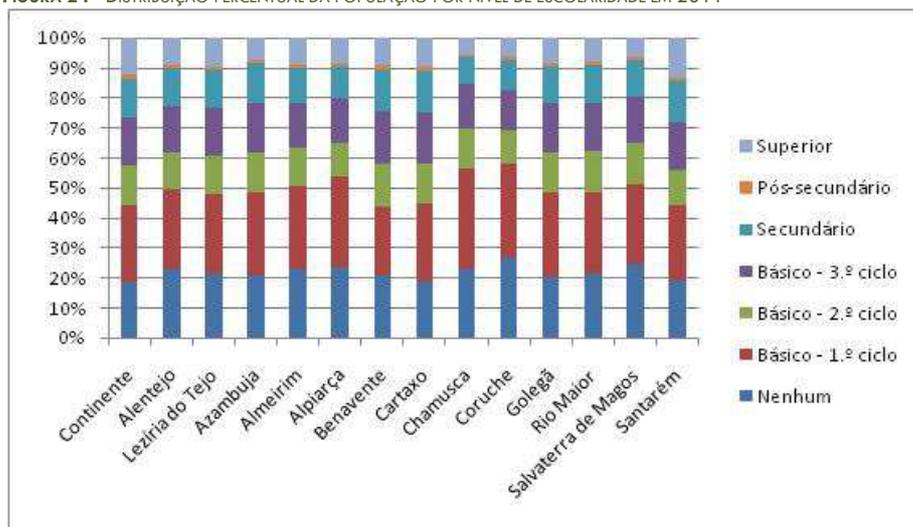
O grau de instrução de uma população pode ser determinante para a sustentação e o sucesso de estratégias de desenvolvimento territorial.

FIGURA 23 – POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM 2011 E TAXA DE ANALFABETISMO EM 1991 E 2001 (FONTE:INE)

Unidade Territorial		Total	Nenhum	Básico - 1.º ciclo	Básico - 2.º ciclo	Básico - 3.º ciclo	Secundário	Pós-secundário	Superior
Continente	Nº	10047621	1890167	2552130	1329508	1638624	1355254	83485	1198453
	%	100	19	55			13	1	12
Alentejo	Nº	757302	172084	200892	94335	121265	96600	5528	66598
	%	100	23	55			13	1	9
Lezíria do Tejo	Nº	247453	52979	66213	31669	40238	32009	2031	22314
	%	100	21	56			13	1	9
Azambuja	Nº	21814	4535	6009	2874	3742	2914	171	1569
	%	100	21	58			13	1	7
Almeirim	Nº	23376	5415	6400	2993	3495	2809	188	2076
	%	100	23	55			12	1	9
Alpiarça	Nº	7702	1814	2345	843	1179	850	49	622
	%	100	24	57			11	1	8
Benavente	Nº	29019	5998	6635	4175	5191	4237	276	2507
	%	100	21	55			15	1	9
Cartaxo	Nº	24462	4555	6328	3280	4312	3433	236	2318
	%	100	19	57			14	1	9
Chamusca	Nº	10120	2388	3330	1358	1514	927	46	557
	%	100	24	61			9	0	6
Coruche	Nº	19944	5307	6287	2234	2717	2058	127	1214
	%	100	27	56			10	1	6
Golegã	Nº	5465	1093	1564	720	912	684	40	452
	%	100	20	58			13	1	8
Rio Maior	Nº	21192	4436	5780	2952	3479	2736	206	1603
	%	100	21	58			13	1	8
Salvaterra de Magos	Nº	22159	5450	5862	3083	3524	2705	176	1359
	%	100	25	56			12	1	6
Santarém	Nº	62200	11988	15673	7157	10173	8656	516	8037
	%	100	19	53			14	1	13

UNIDADE TERRITORIAL	TAXA ANALFABETISMO	
	1991	2001
CONTINENTE	10,9	8,9
ALENTEJO	20,2	15,9
LEZÍRIA DO TEJO	16,4	13
AZAMBUJA	14	12,7
ALMEIRIM	18,7	14,7
ALPIARÇA	20,7	16
BENAVENTE	14,9	10,2
CARTAXO	11,8	9,2
CHAMUSCA	19,8	15,9
CORUCHE	27,2	22,2
GOLEGÃ	15,8	13,5
RIO MAIOR	14,2	10,6
SALVAT. DE MAGOS	22,1	18,1
SANTARÉM	12	9,9

FIGURA 24 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM 2011

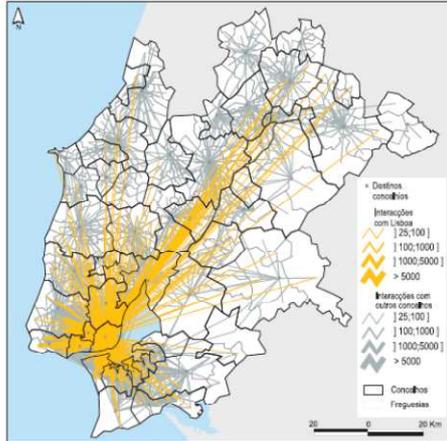


Os valores percentuais dos níveis de escolarização da população da Lezíria do Tejo, assemelham-se aos valores nacionais até ao ensino secundário, sendo menor a percentagem de população com ensino superior e maior a população sem nenhum nível de ensino.

No território subregional foi no concelho de Benavente e em Salvaterra de Magos que se registaram as descidas mais significativas do valor da taxa de analfabetismo.

2.4. FLUXOS MIGRATÓRIOS CASA TRABALHO/ENSINO

FIGURA 25 – PADRÃO DE MOVIMENTOS PENDULARES NA RLVT (FONTE:INE 1991)¹

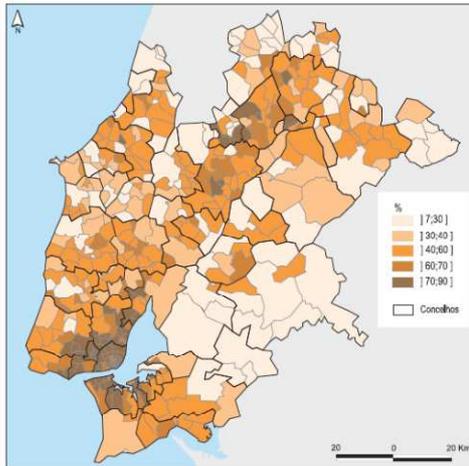


“A análise profunda da mobilidade populacional constitui um requisito essencial à definição e implementação de uma estratégia territorial de desenvolvimento, devido aos impactes territoriais que comporta. Estes impactes podem advir pela via da migração, responsável pelas principais alterações na estrutura populacional, ou pela via dos movimentos pendulares que, simultaneamente, resultam e contribuem para a (des)estruturação do sistema urbano da região.”²

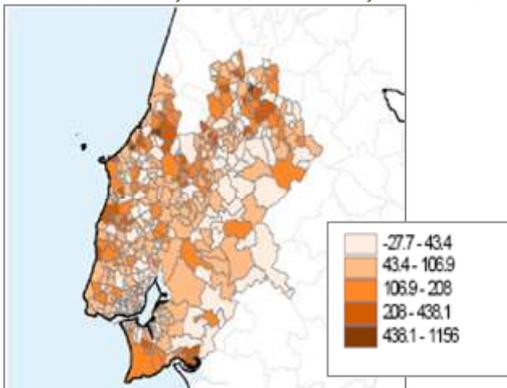
Como se vê na figura 24, o padrão de movimentos pendulares da RLVT têm como núcleo polarizador a cidade de Lisboa, sendo curioso a quase inexistência de movimentos pendulares entre o concelho de Benavente e este pólo. Esta informação é reforçada na figura 25, na qual é representada a percentagem de indivíduos a trabalhar fora da freguesia de residência.

¹ idem

² Oliveira, C. e Rodrigues D. (2001) Mobilidade e Território da Região de Lisboa e Vale do Tejo: Pistas para uma Análise Integrada, INE

FIGURA 26 – PERCENTAGEM DE EMPREGADOS QUE TRABALHAM FORA DA SUA FREGUESIA DE RESIDÊNCIA (FONTE: INE 1991)³

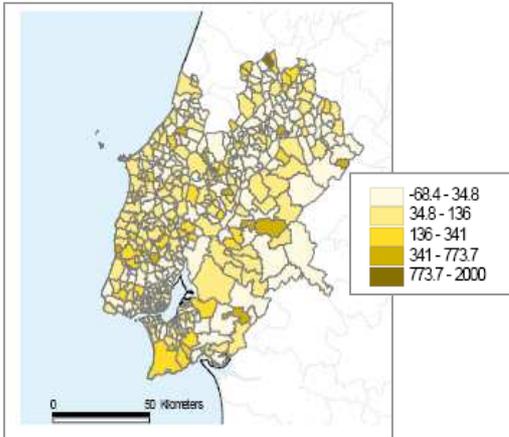
Em 1991, em Benavente, os movimentos pendulares mais significativos são internos, o que demonstra o forte tecido produtivo presente no concelho e a sua capacidade empregadora.

FIGURA 27- DESLOCAÇÕES DIÁRIAS DA POPULAÇÃO PARA TRABALHAR OU ESTUDAR FORA DO CONCELHO, 1991-2001 (FONTE:INE 2001)⁴

³ idem

⁴ idem

FIGURA 28 – VARIAÇÃO DO Nº DE IMIGRANTES DE OUTROS CONCELHOS 1986/91 - 1996/2001 (FONTE:INE 2001)⁵



O cenário em 2001 é caracterizado da seguinte forma por Roca⁶ :

- ≥ A variação do número de novos residentes e a variação das deslocações diárias de população apresentam correlações positivas, estatisticamente significativas, nos dois territórios analisados.
- ≥ No território da AML e de sua Área de Influência, o grau de correlação é médio (0,43)¹³ o que leva a concluir que boa parte das freguesias que registam um crescimento significativo de novos residentes, experimentam, também um crescimento significativo dos movimentos pendulares para outro concelho, em geral Lisboa, onde se concentra a oferta de emprego. Assim, deduz-se que, em parte, os “imigrantes” vêm engrossar os movimentos pendulares.
- ≥ O facto da correlação não ser mais forte pode ser devido a haver um número considerável de freguesias que apresentam altos valores de crescimento da “imigração” e baixos valores de crescimento dos movimentos pendulares. Isto quer dizer que uma boa parte dos novos residentes não se inseriu nos movimentos pendulares (figuras 24 e 26). Interessante é notar que, em geral, essas freguesias são medianamente urbanas e situam-se no litoral sul do Oeste ou na Lezíria do Tejo.

Pode-se, portanto, supor que, além dos “imigrantes” que se inserem nas deslocações diárias, há três outros tipos de novos habitantes do espaço periurbano localizado na AML ou em sua Área de Influência: (i) indivíduos já reformados, atraídos pela proximidade do mar ou pela vida

⁵ idem

⁶ Roca, M.N.O. “Migrações internas e circulação da População: o caso da RLVT” Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional

no campo e que, talvez, tenham transformado as suas segundas residências em residência habitual; (ii) indivíduos que optaram por viver em lugares pequenos com melhor qualidade de vida mas não muito distantes da metrópole e que exercem actividades profissionais no lugar de residência através do uso das novas tecnologias da informação e da comunicação; (iii) filhos dos novos residentes, em idade pré-escolar ou a frequentar o ensino básico que, sendo assim, participam raramente nas deslocações diárias para fora do concelho de residência.

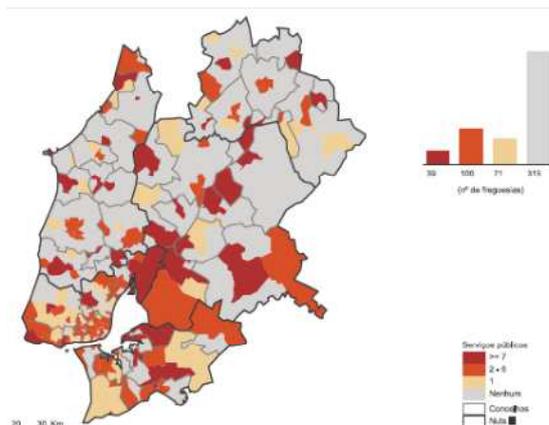
Benavente aparece nesta área de influência da AML, com um aumento das deslocações por motivos de trabalho para fora do concelho em 2001. Dado em muito relacionado com o elevado aumento populacional registado.

2.5. COBERTURA DA REDE DE EQUIPAMENTOS

A dotação de uma rede de equipamentos de utilização colectiva adequada à população é determinante na qualidade dos espaços e na sua capacidade de retenção e atracção.

A Carta de Equipamentos e Serviços de Apoio à População (CESAP) elaborada em 2002 pelo INE é um documento estratégico para o conhecimento do panorama regional. Em seguida apresentam-se mapas da CESAP da Região de Lisboa e Vale do Tejo, ilustrativas do panorama actual.

FIGURA 29 – SERVIÇOS PÚBLICOS NA RLVT⁷ (FONTE: CESAP RLVT2002)

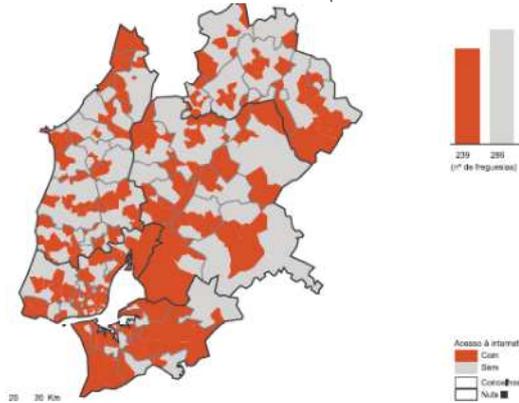


A maioria das freguesias da Região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT) não tinha qualquer serviço público.

Em 40% das 525 freguesias existia pelo menos um destes serviços, sendo possível encontrar todos os 8 serviços públicos em apenas 5% das freguesias. O fenómeno de concentração de serviços públicos (freguesias com 7 ou mais serviços) estava exclusivamente associado a freguesias que constituíam a sede de concelho.

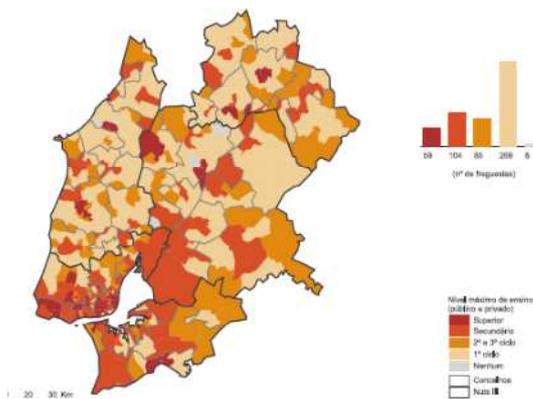
⁷ Repartição de Finanças, Cartório Notarial, Conservatória do Registo Civil, Conservatória do Registo Predial, Conservatória do Registo Comercial, Tribunal, Posto Policial (PSP, GNR), Corporação de Bombeiros. (CESAP2002)

FIGURA 30 – ACESSO PÚBLICO À INTERNET (FONTE: CESAP RLVT2002)



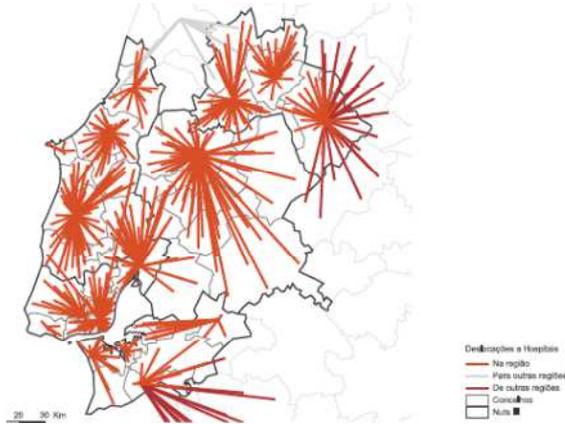
Em 46% das freguesias da RLVT existia pelo menos um Local (gratuito ou não gratuito) de Acesso do Público à Internet, o que correspondia a 70% da população da região. Apesar da sua presença dispersa por toda a região, ainda existiam um quarto das freguesias sede de concelho onde este serviço não estava disponível.

FIGURA 31 – ENSINO PÚBLICO E PRIVADO (FONTE: CESAP RLVT2002)



Em mais de metade das freguesias da RLVT, o grau de ensino máximo existente na freguesia era o Ensino Básico do 1º ciclo, correspondendo a cerca de 17% da população residente da região. Ao nível dos concelhos, verificava-se que todos estavam equipados com pelo menos um estabelecimento de Ensino Básico dos 1º, 2º e 3º ciclos. Também para o Ensino Secundário a cobertura ao nível concelhio era quase total, dado que apenas Óbidos não apresentava um estabelecimento de ensino de nível secundário.

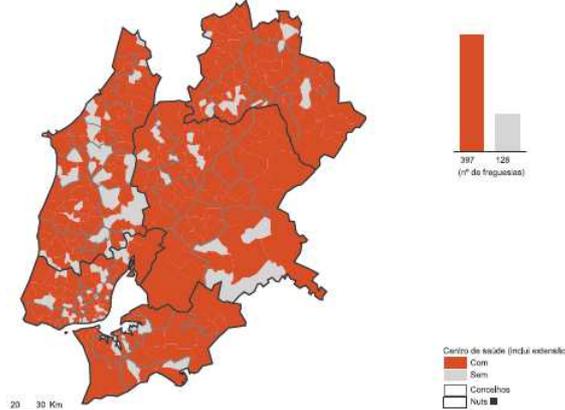
FIGURA 32 – DESLOCAÇÕES A HOSPITAIS GERAIS (FONTE: CESAP RLVT2002)



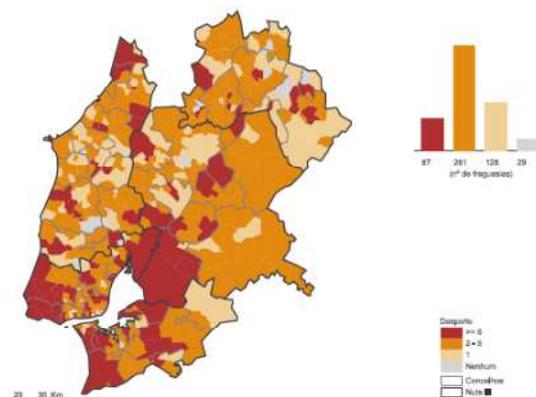
Na RLVT, cerca de um terço dos concelhos tinham pelo menos um Hospital Geral Oficial. Dos 17 concelhos equipados, 5 situavam-se na sub-região do Oeste, 4 quer na Grande Lisboa quer na Península de Setúbal, 3 no Médio Tejo, tendo a Lezíria do Tejo apenas um concelho com hospital.

Para o concelho de Benavente era o Hospital de Vila Franca de Xira o equipamento de suporte.

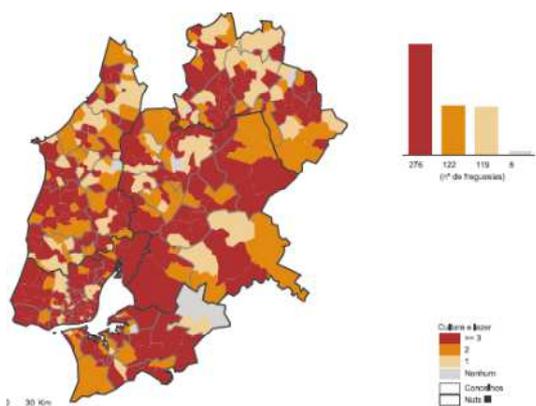
FIGURA 33 – CENTROS DE SAÚDE OU EXTENSÃO (FONTE: CESAP RLVT2002)



Das 525 freguesias que compõem a RLVT, 76% estavam equipadas com um Centro de Saúde ou Extensão de Centro de Saúde, compreendendo 84% da população residente na região.

FIGURA 34 – EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS⁸ (FONTE: CESAP RLVT2002)

Mais de metade das freguesias da RLVT possuía entre 2 e 5 das 15 infra-estruturas desportivas aqui consideradas, correspondendo a 49% da população residente na região. Em Benavente, todas as freguesias de Benavente, Samora Correia e Santo Estêvão tinham mais de seis equipamentos desportivos e a da Barrosa apenas um.

FIGURA 35 – EQUIPAMENTOS DE CULTURA E LAZER⁹ (FONTE: CESAP RLVT2002)

Metade das freguesias da RLVT registava um máximo de 3 infra-estruturas culturais, sendo que a estas freguesias correspondia um peso populacional de 47%. Apenas 5% das freguesias disponibilizavam 7 ou mais serviços, compreendendo 16% da população residente.

Para além destes indicadores é importante referir que, de acordo com o trabalho realizado pela Área de Investigação e Conhecimento e da Rede Social¹⁰, Benavente encontra-se tipificado como **território moderadamente inclusivo**.

⁸ Piscina, Campo de Jogos, Pavilhão Desportivo, Ginásio, Campo de Ténis, Pista de Atletismo, Centro de Equitação, Circuito de Manutenção, Campo de Golfe, Campo de Tiro, Pista de Karting, Pista de Motocross / Autocross, Ringues / Pista de Patinagem / Rampa de Skate, Pista / Caminho para Bicicletas, Sala de Squash.

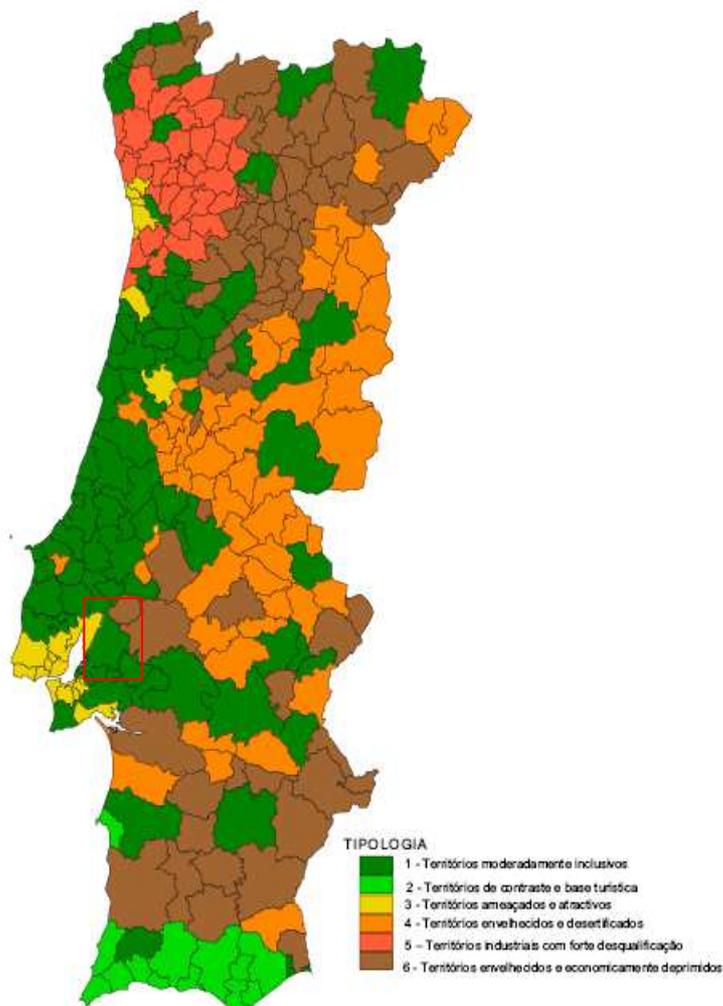
⁹ Sala de Espectáculos / Sala de Conferências / Congressos, Ecrã de Cinema, Recinto Aberto para Espectáculos ao Vivo, Biblioteca Aberta ao Público, Arquivo, Museu, Galeria de Arte e Exposição Temporária, Parque de Exposições, Clube Recreativo / Associação Desportiva.

¹⁰ Tipificação das situações de Pobreza em Portugal Continental, ISS, Janeiro 2005

FIGURA 36 – DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES TIPO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO (EXTRACTO) (FONTE: ISS 2005)

Tipos	Condições favoráveis (traços de inclusão)	Condições desfavoráveis (riscos de exclusão, efectivos ou potenciais)	Padrão geográfico
Territórios moderadamente inclusivos (Tipo 1)	Níveis de inclusão muito positivos nos domínios da educação (baixas taxas de abandono escolar e de saída antecipada) e da integração no mercado de trabalho (baixo desemprego)	Não surgem traços de exclusão sobrerrepresentados.	Este tipo caracteriza maioritariamente os concelhos situados na faixa litoral entre a Área Metropolitana de Lisboa e a do Porto, mas inclui também um número considerável de concelhos do interior (sedes de distrito ou eixos com carácter urbano)

FIGURA 37 – TIPIFICAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO EM PORTUGAL CONTINENTAL (FONTE: ISS 2005)



“A configuração da distribuição dos concelhos deste tipo coincide na zona que desce a partir de Leiria, com o eixo de urbanização identificado por Teresa Barata Salgueiro (1997) como uma extensão da área de influência de Lisboa. Este é um dos três eixos de prolongamento dessa

área de influência que localizada no Vale do Tejo, atravessa os distritos de Leiria e Santarém. A par dele são ainda apontadas pela autora, a linha que percorrendo estes mesmos distritos avança a partir de Lisboa para norte, pela orla litoral do continente para além daquela que faz a ligação por estrada e através do Alentejo à fronteira espanhola.

De facto, a distribuição geográfica dos Territórios moderadamente inclusivos (tipo 1) não só confirma estes dois eixos para Norte e Noroeste, como se encontra ainda, uma mancha longitudinal que segue através de Alcochete, Montijo, Moita e Palmela na Península de Setúbal; Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Évora, no Alentejo Central desdobrando-se depois para Norte por Estremoz, Borba e Vila Viçosa pelo eixo viário que dá acesso a Badajoz e para Sul por Reguengos de Monsaraz seguindo o eixo viário que dá acesso a Rosal de la Frontera. Curiosamente os concelhos limites destas linhas não apresentam situações similares às daqueles que são atravessados por elas.”¹¹

¹¹ idem

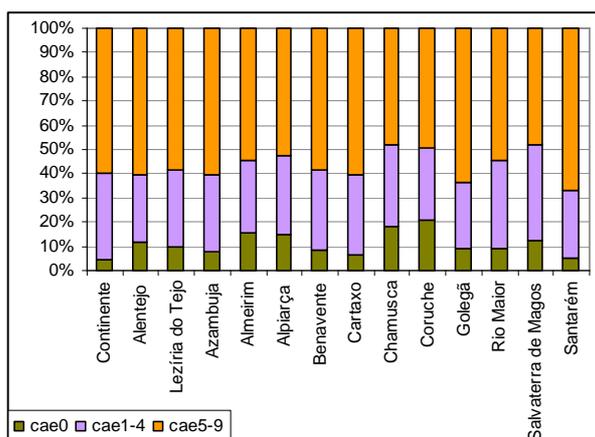
4. CONTEXTO ECONÓMICO

Na sub-região da Lezíria do Tejo a paisagem faria antever uma predominância do sector agrícola, no entanto, apesar da percentagem de activos a exercer actividade neste sector, é o terciário o principal empregador.

FIGURA 38 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTOR DE ACTIVIDADE EM 2001 (FONTE: INE)

	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ACTIVA					
	TOTAL	EMPREGADA	CAE 0	CAE 1-4	CAE 5-9	
					TOTAL	RELACIONADOS COM A ACTI. ECONÓMICA
CONTINENTE	4 778 115	4 450 711	211 603	1 581 676	2 657 432	1 534 311
ALENTEJO	352 949	323 167	38 700	90 294	194 173	96 458
LEZÍRIA DO TEJO	115 793	106 375	10 619	33 810	61 946	35 886
AZAMBUJA	9 819	9 229	700	2 962	5 567	3 414
ALMEIRIM	10 733	9 757	1 544	2 875	5 338	2 989
ALPIARÇA	3 825	3 431	509	1 111	1 811	942
BENAVENTE	12 176	11 272	932	3 779	6 561	4 089
CARTAXO	11 340	10 528	673	3 474	6 381	3 848
CHAMUSCA	5 343	4 795	871	1 622	2 302	1 208
CORUCHE	10 007	8 867	1 871	2 634	4 362	2 585
GOLEGÃ	2 506	2 294	209	622	1 463	757
RIO MAIOR	9 946	9 306	831	3 421	5 054	3 256
SALVAT. DE MAGOS	9 910	8 733	1 057	3 475	4 201	2 619
SANTARÉM	30 188	28 163	1 422	7 835	18 906	10 179

FIGURA 39 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE 2001



Conforme se pode concluir pela leitura da figura 37 e 38, o panorama em termos de distribuição da população activa é muito semelhante quer a nível nacional, regional ou municipal; havendo um diferencial no CAE 0, que, apesar de ser o sector com menor número de activos tem a nível sub regional e regional uma expressão ligeiramente superior ao nível nacional. É o terciário o principal sector empregador.

FIGURA 40 - TAXAS DE ACTIVIDADE E DESEMPREGO EM 1991, 2001 E 2011 (FONTE: INE)

	tx.actividade			tx.desemprego		
	1991	2001	2011	1991	2001	2011
Continente	44,9	48,4	47,6	6,1	6,9	13,2
Alentejo	42	45,4	45,3	9,2	8,4	12,8
Lezíria do Tejo	44,3	48,1	46,6	7,1	8,1	12,7
Azambuja	41,2	47,1	46,8	8,1	6	11,6
Almeirim	47,1	48,9	46,8	6,1	9,1	14,1
Alpiarça	44,3	47,7	44,7	5,6	10,3	14,0
Benavente	48,7	52,4	50,9	7,3	7,4	13,6
Cartaxo	42,9	48,5	47,6	6,7	7,2	12,0
Chamusca	44,7	46,5	44,2	7,1	10,3	11,6
Coruche	47,4	46,9	43,1	12,1	11,4	12,9
Golegã	41,6	43,9	44,2	11,4	8,5	11,1
Rio Maior	41	47,1	47,1	4,1	6,4	11,3
Salvaterra de Magos	46,9	49,2	45,6	8,5	11,9	17,5
Santarém	43	47,5	46,1	5,5	6,7	11,0

Tendo em consideração o contexto nacional de crescente aumento do desemprego, importa conhecer qual a dinâmica existente no território em estudo e envolvente.

Da análise dos dados do INE conclui-se que a sub região da Lezíria do Tejo acompanhou a tendência nacional, ou seja, na ultima década intercensitária regista-se um aumento da taxa de desemprego acompanhado pela ligeira diminuição da taxa de actividade. O concelho de Benavente tem a maior taxa de actividade da sub-região, tendo também sido aí que a taxa de desemprego sofreu uma das maiores variações.

FIGURA 41 – VARIAÇÃO DA TAXA DE ACTIVIDADE 1991/2001/2011

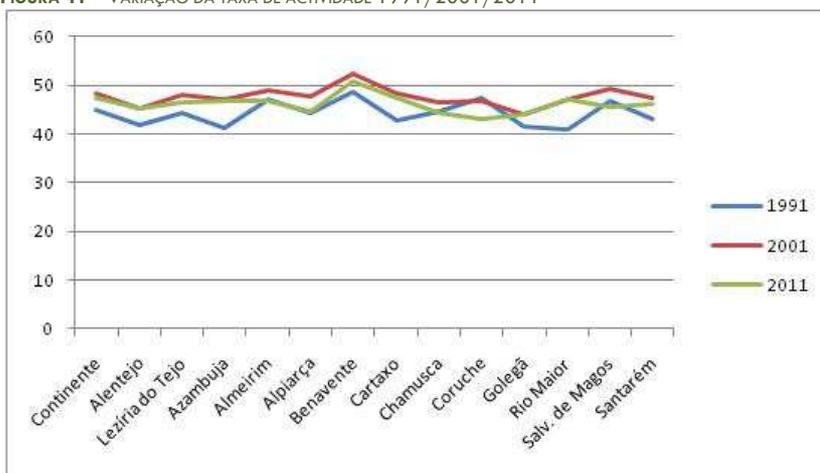
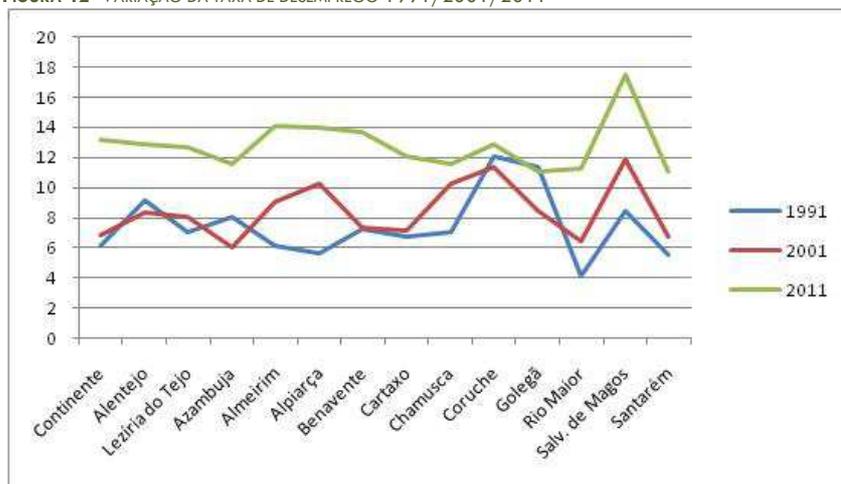
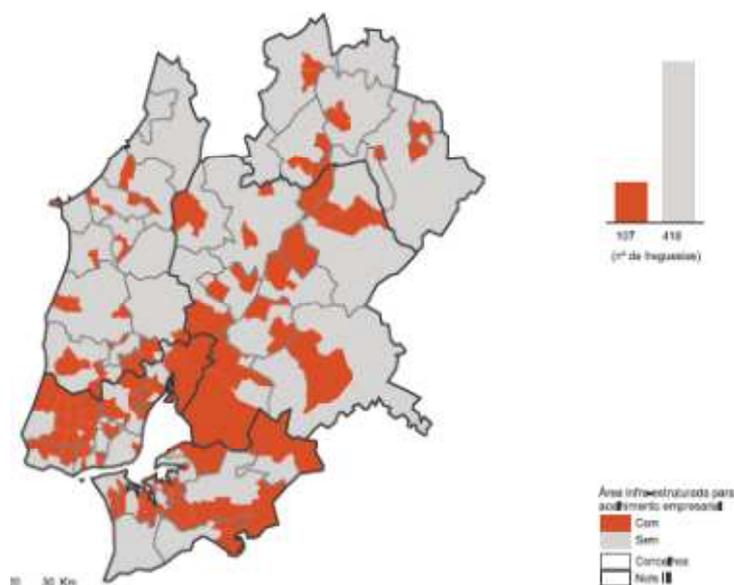


FIGURA 42- VARIAÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO 1991/2001/2011



A posição geo-estratégica já anteriormente referida justifica a avaliação de outros dados sobre o perfil económico regional, como por exemplo o modelo territorial existente e potencial da localização das actividades económicas.

FIGURA 43 – ÁREA INFRA-ESTRUTURADA PARA ACOLHIMENTO EMPRESARIAL (FONTE: CESAP, 2002)



A localização de áreas infra-estruturadas para acolhimento empresarial é, ou pode tornar-se uma mais valia regional.

Espaços de suporte à inovação, devidamente interligados numa lógica de complementaridade podem criar sinergias positivas.

Na RLVT existem vários municípios com áreas infra-estruturadas para acolhimento empresarial.

As freguesias que dispunham de áreas de acolhimento de empresas localizavam-se junto às principais vias rodoviárias e ferroviárias, concentrando-se sobretudo no interior da Área

Metropolitana de Lisboa. Realce para os concelhos de Oeiras, Cascais e Sintra, servidos pela A5 e pelo IC19, e para os concelhos da Península de Setúbal próximos da auto-estrada do Sul (A2). Fora da Área Metropolitana, era sobretudo junto da auto-estrada do Norte (A1) que surgiam as restantes freguesias com esta infra-estrutura.

A Lezíria do Tejo era a única sub-região em que todos os concelhos possuíam este equipamento.

De acordo com o relatório do “Guia para a Gestão estratégica da RLVT”¹², a sub região da Lezíria do Tejo apresenta um perfil de especialização produtiva que se organiza fortemente em torno do sector do comércio. Esta sub região para além de revelar uma sub especialização na indústria e no turismo, apresenta-se também como sendo sub-especializada nos serviços (serviços às empresas, serviços financeiros e outros). Ainda no mesmo estudo importa destacar o seguinte:

“A sub-região da Lezíria do Tejo revela um perfil de especialização que valoriza substancialmente a exploração de recursos naturais, e de certa forma, também a exploração de economias de escala e a diferenciação do produto. A sub região é “sub-especializada” nos sectores que exploram os baixos custos de trabalho e a I&D.”

¹² Gestão estratégica da RLT, CCDRLVT, 2002

5. GESTÃO REGIONAL | INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO E DESENVOLVIMENTO

A região de Lisboa e Vale do Tejo tem uma dinâmica complexa, existindo um vasto conjunto de instrumentos de planeamento e gestão que traçam retratos sócio económicos e territoriais e definem estratégias e programas de acção concretos para o desenvolvimento e equilíbrio regional. Benavente, estando integrado nesta região é contemplado nos estudos sendo importante reflectir sobre o papel do concelho na concretização das estratégias delineadas à escala regional.

Destacam-se os seguintes instrumentos de planeamento e desenvolvimento:

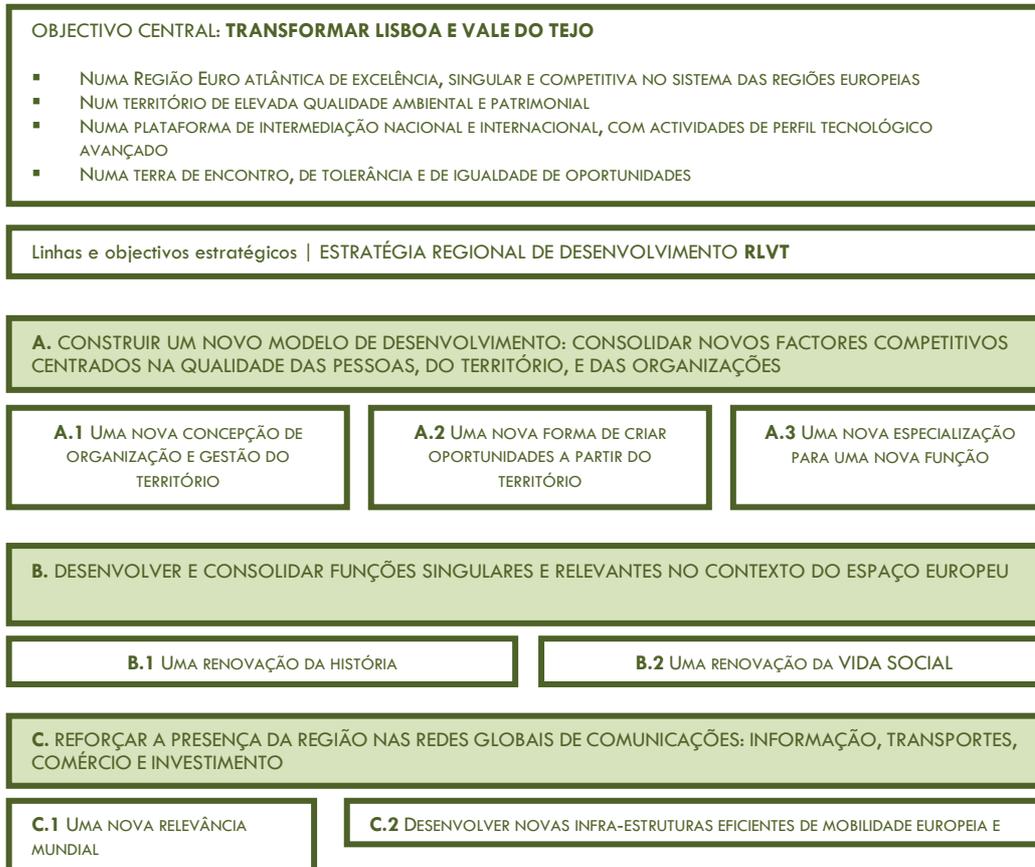
- ≥ Plano Estratégico da Região Lisboa e Vale do Tejo
- ≥ Plano Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo
- ≥ Plano Regional de Ordenamento Territorial da AML
- ≥ Plano de Desenvolvimento Integrado da Lezíria do Tejo

5.1. PLANO ESTRATÉGICO DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (PERLVT)

A necessidade de estudar o território de Lisboa e Vale do Tejo em conjunto, diagnosticando potencialidades e debilidades e delineando linhas de orientação estratégicas para a região levou à elaboração do Plano estratégico regional para o período de 2000 a 2010. Deste documento estratégico resume-se o seguinte:



FIGURA 44 – ESQUEMA ESTRATÉGICO SÍNTESE (FONTE:CCDR, PERLVT)



Não havendo nenhuma referência directa ao concelho de Benavente, este encontra-se no território da sub-região Vale do Tejo, o território de excelência ambiental e é servido pela intensa rede de acessibilidades regional e nacional. Numa abordagem simplista, o território concelhio é crucial para a concretização de sub-objectivos como:

- ≥ Uma Região com qualidade ambiental... no qual são elencadas acções de valorização das zonas protegidas e sensíveis (ex.ZPE e estuário do Tejo);
- ≥ Um mundo rural ambientalmente sustentável e multifuncional, no qual é referida a criação de Centros tecnológicos para a horto-fruticultura, viticultura e a Promoção e reforço das fileiras do vinho e do azeite, assim como a salvaguarda e valorização do meio rural;
- ≥ Dinamização e reconversão da base económica local... criando marcas sub-regionais /regional, promovendo a investigação sobre produtos e características sub-regionais/regional, apoiando a economia agro-pecuária e agro-industrial e

fomentando novos serviços avançados de apoio à modernização das actividades económicas;

- ≥ Reforçar e alargar a vocação turística e de lazer da Região... Diversificação de produtos turísticos, desenvolvendo novas frentes de turismo, nomeadamente as ligadas ao turismo de saúde (termas, talassoterapia), eco-turismo, turismo radical, turismo cultural, em espaço rural, náutica de recreio, etc.
- ≥ Desenvolver integradamente novas competências logísticas...Criando o quadro institucional de regulação e gestão da logística, designadamente o respectivo ordenamento espacial e criando na região de 2/3 áreas logísticas de classe nacional e internacional e os restantes elementos do sistema de ordenamento logístico.

5.2. PLANO OPERACIONAL DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (PORLVT)

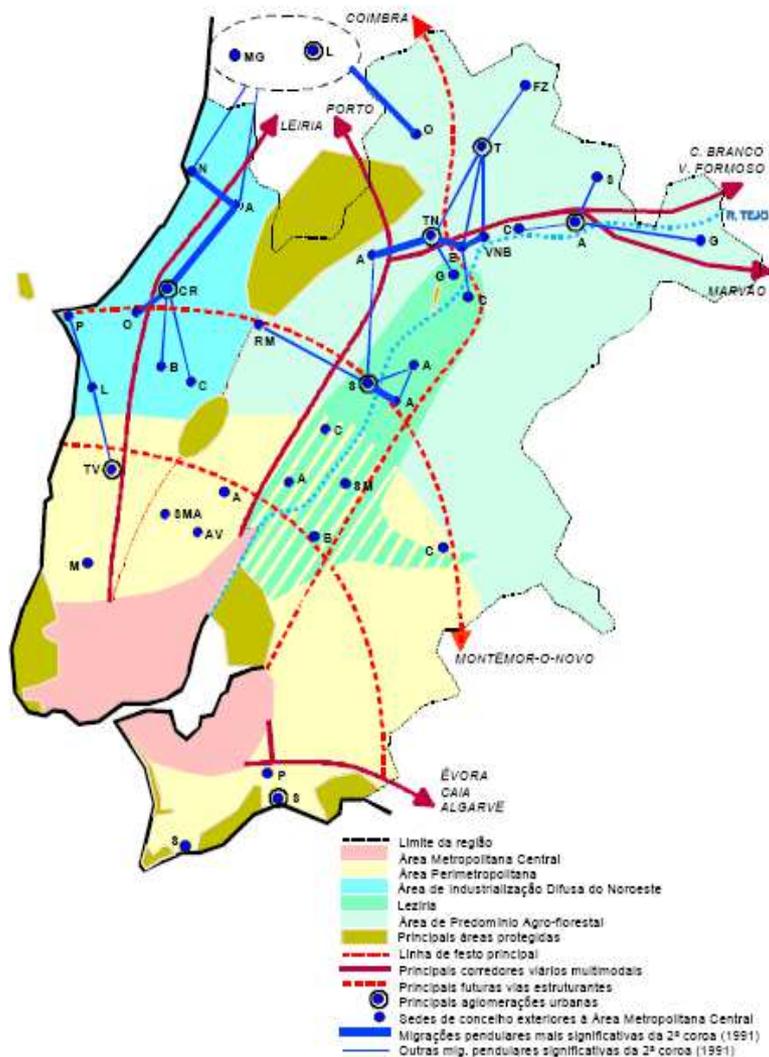
O modelo territorial assumido pelo Plano Operacional 2000-2006 apresenta-se na figura 29 sendo ainda de referir para a **sub-região do Vale do Tejo** os seguintes pontos fortes:

- ≥ Posição geo-estratégica e acessibilidades externas, face à AML, ao país e aos principais corredores de acesso à Europa.
- ≥ Sistema de cidades intermédias atractivas, com apreciável qualidade urbana e valores patrimoniais.
- ≥ Agentes sociais, económicos e autárquicos activos.

E os seguintes pontos fracos:

- ≥ Sistemas de ensino superior, de formação profissional e de actividades de I&D.
- ≥ Rede de sistemas de transportes (PRN e rede capilar).
- ≥ Áreas ambientais sensíveis e críticas.

FIGURA 45 – MODELO TERRITORIAL DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (FONTE: PORLVT)



O Programa Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo fundamenta-se e estrutura-se em estreita articulação com a Estratégia de Desenvolvimento da Região de Lisboa e Vale do Tejo, elaborada no âmbito do Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social. Como **objectivo global** define-se nessa Estratégia:

Transformar Lisboa e Vale do Tejo numa região euro-atlântica de excelência, singular e competitiva no sistema das regiões europeias, num território de elevada qualidade ambiental e patrimonial, numa plataforma de intermediação nacional e internacional, com actividades de perfil tecnológico avançado, numa terra de encontro, de tolerância e de igualdade de oportunidades.

O PORLVT é um programa operacional previsto no âmbito do Eixo 4, do Quadro Comunitário de Apoio III (2000-06): Promover o Desenvolvimento das Regiões e a Coesão Nacional. O Programa Operacional Regional envolve participações comunitárias do FEDER, FEOGA e FSE e organiza-se três Eixos Prioritários:

- ≥ Eixo Prioritário 1 - Apoio a Investimentos de Interesse Municipal e Intermunicipal
- ≥ Eixo Prioritário 2 - Acções Integradas de Base Territorial
- ≥ Eixo Prioritário 3 - Intervenções da Administração Central Regionalmente Desconcentradas

Nestes eixos enquadram-se acções que visem a melhoria ambiental e urbanística dos territórios – construção das redes de infra-estruturas básicas, equipamentos de utilização colectiva (ensino, saúde, cultura, etc.), acessibilidades, promoção de acções de qualificação da população activa, entre outras que contribuem para uma crescente qualificação sócio económica e territorial.

5.3. PLANO REGIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DA AML (PROTAML)

Aprovado pela RCM68/2002 de 08 de Abril, o Plano Regional da AML é o primeiro para uma sub-região de Lisboa e Vale do Tejo.

Não tendo efeitos directos sobre a sub-região do Vale do Tejo é importante que seja um documento de referência para a prossecução do ordenamento regional. Para além disso, o concelho de Benavente foi considerado nos estudos do PROTAML pela sua contiguidade territorial, ainda que todas as referências não sejam vinculativas.

É interessante reter a informação que a seguir se apresenta, retirada do PROTAML.

FIGURA 46 - DINÂMICAS TERRITORIAIS DA AML

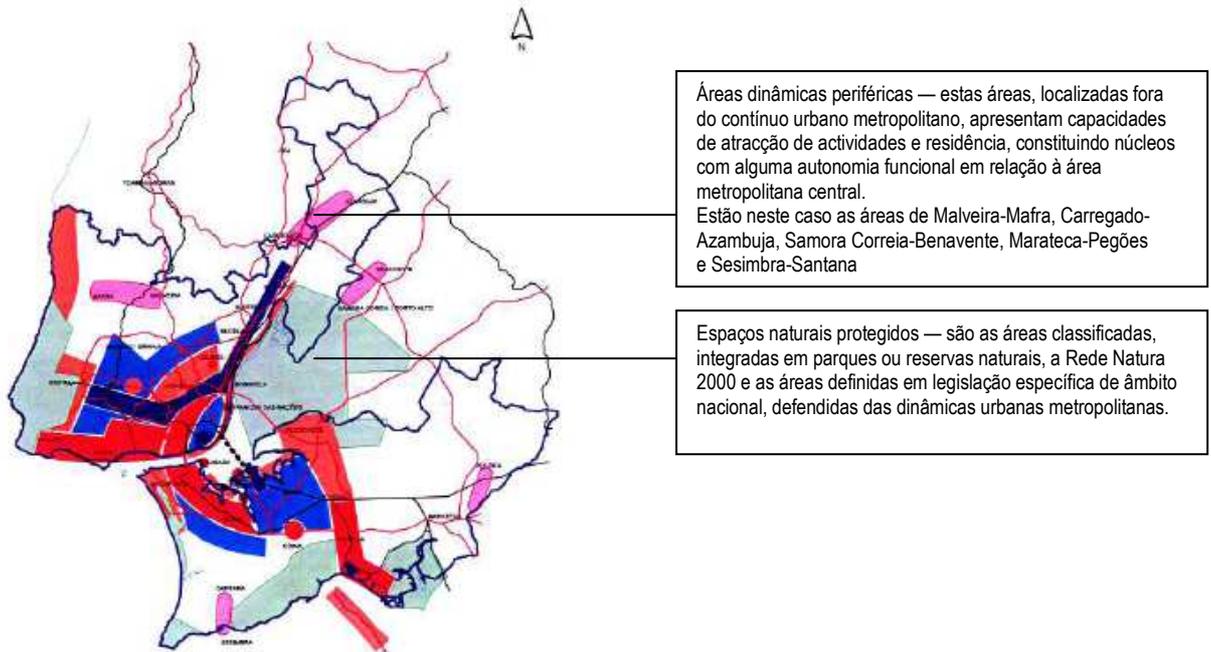
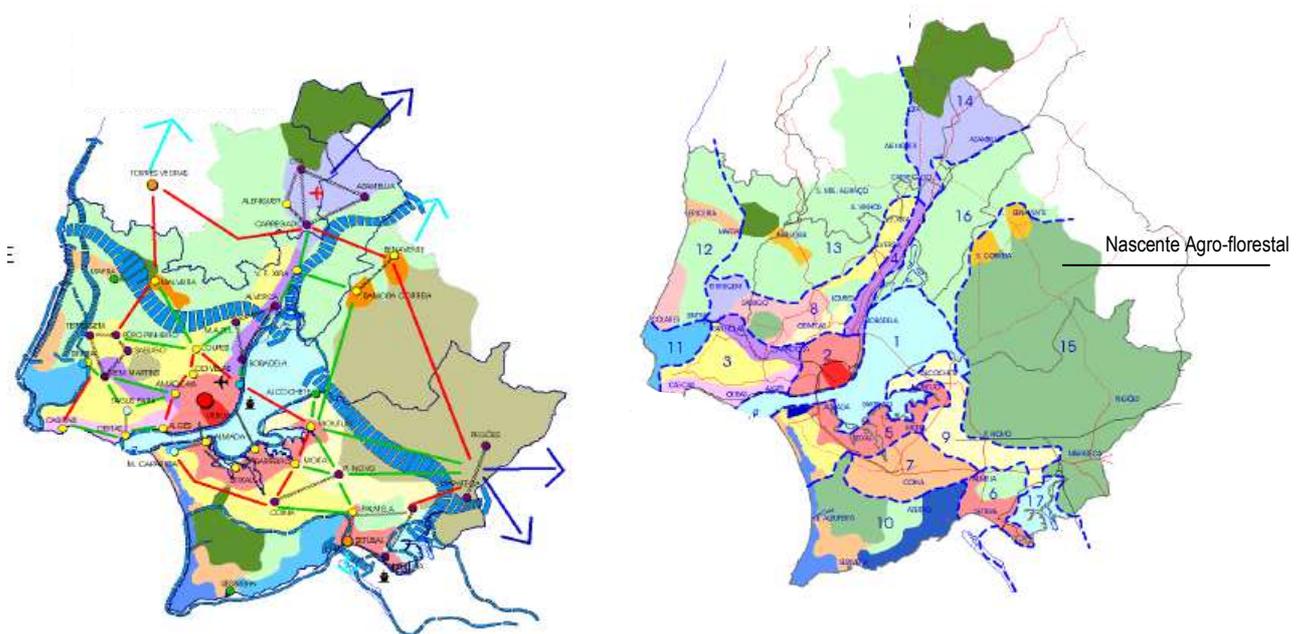


FIGURA 47 - ESQUEMA DO MODELO TERRITORIAL E UNIDADES TERRITORIAIS (FONTE:PROTAML)



Já fora da AML, considera-se como eixo a desenvolver, o eixo Benavente/Samora Correia (segundo Anel Metropolitano) no cruzamento da ligação entre as áreas de expansão logística (que será também parte da ligação nacional norte-sul tangencial à AML) com a ligação da AML Sul ao Vale do Tejo.

Em termos de unidades territoriais, a quase totalidade do território concelhio integra a unidade "Nascente Agro-florestal" – unidade que apresenta uma ocupação extensiva relativamente homogénea, assente na exploração agro-florestal ligada ao montado de sobro, apresentando já algumas intrusões significativas de áreas de exploração agrícola intensiva de regadio.

As **orientações territoriais** que englobam a área em estudo são:

- ≥ "1.3.15 - Nascente agro-florestal:
- ≥ 1.3.15.1 - Manter e preservar a área de montado, tendo em conta o seu elevado interesse ecológico, paisagístico e económico.
- ≥ 1.3.15.2 - Estudar e orientar as pressões geradas pelas novas condições de acessibilidade e determinadas pela procura de solos para culturas intensivas de regadio, para novas formas de ocupação habitacional e para núcleos de desenvolvimento turístico.
- ≥ 1.3.15.3 - Estudar a implementação da plataforma logística centrada em Pegões/Marateca e articulada com o porto de Setúbal.
- ≥ 1.3.15.4 - Consolidar o crescimento em Samora Correia/Benavente, fomentando o seu reforço como pólo de serviços em articulação com Carregado/Ota/Azambuja e com Pegões/Marateca.H".

As **acções urbanísticas** que envolvem o concelho de Benavente são:

- ≥ "3.7 - Área urbana periférica a estruturar ... 3.7.2 — As áreas de Benavente e Samora Correia devem consolidar o seu crescimento e concretizar o seu papel a nível de serviços supra municipais, tendo em conta a sua localização na charneira das duas áreas futuras de desenvolvimento logístico."

5.4. PLANO REGIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO OESTE E VALE DO TEJO (PROTOVT)

O PROTOVT foi aprovado pela RCM n.º 64-A/2009, de 6 de Agosto, sujeita à Declaração de Rectificação n.º 71-A/2009, de 2 de Outubro. Abrange os municípios pertencentes às NUTS III Oeste, Lezíria do Tejo e Médio Tejo, correspondendo a 33 concelhos e uma população de cerca de 800 mil habitantes (PROTOVT, 2009).

O PROTOVT refere 4 Eixos Estratégicos estruturantes para a organização territorial:

- ≥ *Eixo 1 - ganhar a aposta da inovação, competitividade e internacionalização*), fundado essencialmente na Competitividade;
- ≥ *Eixo 2 - potenciar as vocações territoriais num quadro de sustentabilidade ambiental*), na **qualidade, fundado na valorização**;
- ≥ *Eixo 3 - concretizar a visão policêntrica e valorizar a qualidade de vida urbana*), fundado na qualidade;
- ≥ *Eixo 4 - descobrir as novas ruralidades*, fundado na multifuncionalidade

O Modelo territorial proposto para o OVT pelo PROT assenta em três Sistemas estruturantes (PROT-OVT, 2009, págs. 54 e 55):

- ≥ Sistema Urbano e Competitividade
- ≥ Sistema Ambiental
- ≥ Sistema de Mobilidade

No que diz respeito ao concelho de Benavente, este desempenha um papel estruturante em qualquer destes Sistemas e na definição do Modelo Estratégico para a Região Oeste e Vale do Tejo, em especial na sua relação com a Área Metropolitana de Lisboa.

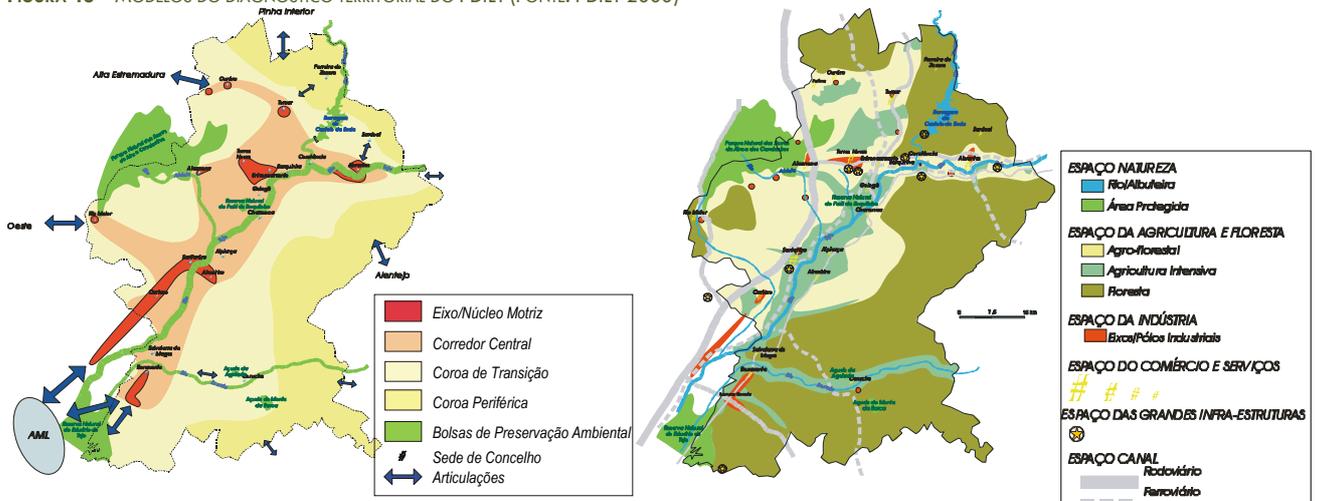
Sendo este documento de grande importância para a definição das orientações e opções do PDM de Benavente, a sua análise será pormenorizada no anexo correspondente ao Relatório de Fundamentação das Opções do Plano.

5.5. PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA LEZÍRIA DO TEJO (PDILT)

Descendo à escala da Sub-região, o PDILT elaborado em 2000 é, como o próprio nome indica, o estudo integrado da sub região determinando os programas e acções cuja concretização contribuirá para o desenvolvimento da sub região da Lezíria do Tejo. Os principais objectivos do PDILT são:

- ≥ Mobilizar e envolver os diversos actores locais e regionais no processo de desenvolvimento;
- ≥ Estimular formas eficazes de organização e de cooperação estratégica;
- ≥ Proporcionar maior visibilidade e protagonismo interno e externo à sub-região e aos agentes locais;
- ≥ Constituir um referencial de orientação e de negociação institucional.

FIGURA 48 – MODELOS DO DIAGNÓSTICO TERRITORIAL DO PDILT (FONTE: PDILT 2000)



A estratégia para a Lezíria do Tejo define sete programas de intervenção, dos quais constam 76 projectos estruturantes que representam um investimento global na ordem dos 250 milhões de contos.

FIGURA 49- PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PDILT



As acções no território de Benavente distribuem-se pelos diversos programas e subprogramas, destacando-se a Valorização do Sorraia e a proposta de construção do pólo Empresarial e de negócios de Benavente.

6. EM SÍNTESE

A nível regional, Benavente é um território de oportunidade. A sua inquestionável qualidade ambiental (RNET, ZPE), as reservas de espaço passíveis de ocupar de forma ordenada e sustentável, o potencial agrícola e económico (Companhia das Lezírias e unidades industriais e logística) aliado ao cada vez melhor quadro de acessibilidades (IC11 e IC3) e à recente proposta de localização do “Novo Aeroporto de Lisboa”, não esquecendo a sua dinâmica socio-demográfica (aumento populacional acompanhado pelo aumento da população mais jovem) são alguns dos factores singulares deste território da Região de Lisboa e Vale do Tejo.

CAP 2 SÓCIO DEMOGRAFIA



1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

De acordo com o regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial – DL380/99 de 22 de Setembro, alterado pelo DL310/03 de 10 de Dezembro, com a nova redacção dada pelo DL46/2009 de 20 de Fevereiro, a revisão dos instrumentos de gestão territorial pode decorrer da necessidade de adequação do plano a uma nova realidade social, económica, cultural e ambiental.

O conhecimento dos movimentos da população, da sua estrutura, composição e distribuição no território, das mudanças que nela ocorrem ao longo do período de vigência do Plano Director Municipal bem como dos fenómenos responsáveis por essas mudanças é crucial no processo de adequação do planeamento e gestão territorial à realidade.

Neste capítulo procura-se analisar os indicadores demográficos referenciados no parágrafo anterior, tendo como principal fonte de informação os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) – recenseamentos gerais da população (Censos) e anuários estatísticos.

O diagnóstico, determinado pela evolução dos principais indicadores de análise, será o ponto de partida para delinear tendências que ajudem, de forma equilibrada e sustentável, a perspectivar e equacionar o modelo de desenvolvimento concelhio.

2. ANÁLISE DEMOGRÁFICA E SOCIAL

Tendo já sido apresentada uma abordagem ao contexto socio-demográfico regional, no capítulo do Enquadramento, acresce agora apenas apresentar uma abordagem de âmbito territorial mais restrito, ou seja, comparativa ao concelho de Benavente e concelhos contíguos da subregião da Lezíria do Tejo.

Assim sendo, são neste âmbito analisados os seguintes indicadores - população residente, suas variações e migrações, estrutura etária, nível de ensino e actividade dos concelhos incluídos na subregião de Lezíria do Tejo.

2.1. PROVENIÊNCIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE

“A diversidade e especificidade da Região de Lisboa e Vale do Tejo não se verificam apenas ao nível da sua estrutura territorial e económica. A Região distingue-se também pela sua multiculturalidade.” (PORLVT 2000-2006)

Na sub-região da Lezíria do Tejo, segundo dados no INE de 2001, esse cariz multicultural também está presente, conforme se constata pela leitura do quadro seguinte – população residente segundo zona de proveniência¹³.

¹³ Esta informação apenas está disponível no recenseamento da população de 2001, não sendo por isso possível fazer uma análise comparativa do último decénio inter censitário.

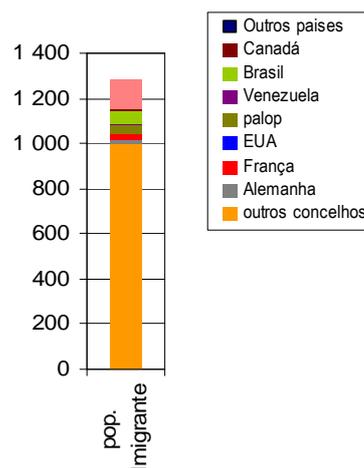
FIGURA 50 - POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO ZONAS DE PROVENIÊNCIAS (FONTE: INE, CENSOS 2001, QUADRO 6.1.1)

	POP. RESIDENTE	OUTROS CONCELHOS	MACAU	TIMOR	ALEMANHA	FRANÇA	EUA	PALOP	ÁFRICA DO SUL	VENEZUELA	BRASIL	CANADÁ	OUTROS PAÍSES	POP. IMIGRADA TOTAL	%
PORTUGAL	10356117	244686	898	242	5983	19196	2767	15536	1400	2359	17533	1806	37985	350391	3%
CONTINENTE	9869343	235108	886	215	5895	18989	2310	15393	1007	1521	17137	1518	36681	336660	3%
LEZÍRIA DO TEJO	240832	5905	13	-	87	294	39	152	15	8	391	18	1121	8043	3%
AZAMBUJA	20837	546	7	-	4	25	3	11	-	-	122	-	139	857	4%
ALMEIRIM	2957	455	3	-	12	44	6	26	-	-	24	1	60	631	3%
ALPIARÇA	8024	180	-	-	3	13	-	4	-	-	2	-	48	250	3%
BENAVENTE	23257	1004	-	-	12	29	3	33	-	5	63	2	135	1286	6%
CARTAXO	23389	696	-	-	6	47	5	21	10	1	58	3	127	974	4%
CHAMUSCA	11492	255	-	-	7	9	4	2	2	-	6	-	31	316	3%
CORUCHE	21332	256	-	-	5	19	-	2	-	-	9	-	45	336	2%
GOLEGÃ	5710	146	-	-	2	3	-	-	-	1	10	-	6	168	3%
RIO MAIOR	21110	458	-	-	12	21	1	4	1	-	19	6	111	633	3%
S. DE MAGOS	20161	555	1	-	6	14	2	16	-	-	32	-	63	689	3%
SANTARÉM	63563	1354	2	-	18	70	15	33	2	1	46	6	356	1903	3%

De acordo com os dados apresentados, da população residente na Lezíria do Tejo, 3% é população proveniente do exterior. Estes residentes imigrados são fundamentalmente provenientes de outros concelhos do território nacional, sendo apenas 1% provenientes de outros países.

FIGURA 51 - POPULAÇÃO IMIGRADA NO CONCELHO DE BENAVENTE SEGUNDO A PROVENIÊNCIA (FONTE: INE, CENSOS 2001)

O concelho de Benavente é no conjunto regional, o que regista mais residentes imigrantes, cerca de 6%. Os residentes provenientes de outros concelhos correspondem a 78% do total de residentes imigrantes, o que indica o **forte poder de atracção residencial que o território de Benavente tem, quer na sub-região e região, nomeadamente entre os concelhos vizinhos e da AML.**



2.2. VARIAÇÕES POPULACIONAIS

FIGURA 52 - VARIAÇÃO POPULACIONAL ENTRE 1991, 2001 E 2011 CONCELHOS DA LEZÍRIA DO TEJO

ZONA GEOGRÁFICA	POP.1991	POP.2001	POP.2011	VAR % 91-01	VAR % 01-11
ALENTEJO	782331	776585	757302	-0,7	-2,5
LEZÍRIA DO TEJO	232969	240832	247453	3,4	2,7
AZAMBUJA	19568	20837	21814	6,5	4,7
ALMEIRIM	21380	21957	23376	2,7	6,5
ALPIARÇA	7711	8024	7702	4,1	-4,0
BENAVENTE	18335	23257	29019	26,8	24,8
CARTAXO	22268	23389	24462	5,0	4,6
CHAMUSCA	12282	11492	10120	-6,4	-11,9
CORUCHE	23634	21332	19944	-9,7	-6,5
GOLEGÃ	6072	5710	5465	-6,0	-4,3
RIO MAIOR	20119	21110	21192	4,9	0,4
SALVATERRA DE MAGOS	18979	20161	22159	6,2	9,9
SANTARÉM	62621	63563	62200	1,5	-2,1

FONTE: INE, CENSOS 1991, 2001 E 2011

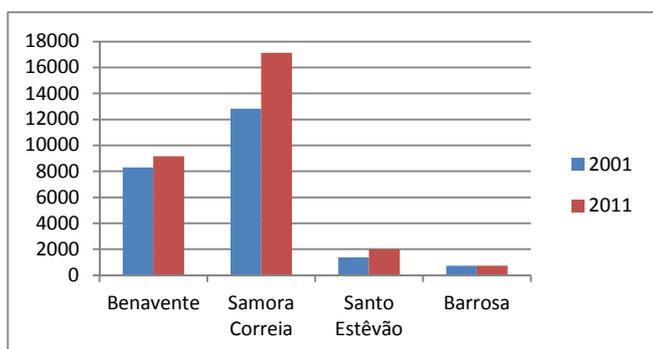
O concelho de Benavente, no contexto da sub-região de Lezíria do Tejo, é claramente o que apresenta uma maior dinâmica demográfica, com um acréscimo populacional de 24,8%, face a uma média dos concelhos da sub-região de 2,7%. Registe-se também a perda populacional de cerca de 12% da Chamusca. O concelho com maior expressão, em termos de população residente absoluta, continua a ser a sede distrital - Santarém.

Depois de conhecidas as dinâmicas concelhias e regionais importa perceber as dinâmicas internas, ou seja, como é que a população se distribui dentro do concelho e qual foi a sua variação temporal. A unidade territorial utilizada é a freguesia.

FIGURA 53 - VARIAÇÃO POPULACIONAL NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE

ZONA GEOGRÁFICA	1991	2001	2011	VAR % 91-01	VAR % 01-11
BENAVENTE	6789	8311	9174	22,4	10,4
SAMORA CORREIA	9470	12826	17123	35,4	33,5
SANTO ESTÊVÃO	1395	1381	1997	-1,0	44,6
BARROSA	681	739	725	8,5	-1,9
CONCELHO	18335	23257	29019	26,8	24,8

FONTE: INE, CENSOS 1991, 2001 E 2011



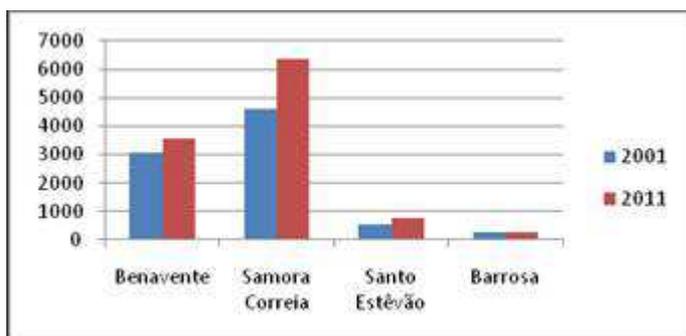
De acordo com os dados estatísticos disponíveis, o concelho deve o seu aumento populacional à dinâmica demográfica das freguesias de Santo Estêvão e Samora Correia, sendo de salientar que só na freguesia de Samora Correia houve um aumento populacional absoluto de 4.297 indivíduos.

A freguesia de Barrosa foi a única das quatro que compõem o concelho a registar um decréscimo, que pela falta de expressão se poderá falar antes em estabilização. Para além do conhecimento do quantitativo populacional importa também conhecer a variação temporal do número de famílias, uma vez que esta informação será mais relevante na avaliação da dinâmica construtiva.

FIGURA 54 - VARIAÇÃO DO Nº DE FAMÍLIAS NAS FREGUESIAS E CONCELHO DE BENAVENTE

ZONA GEOGRÁFICA	1991	2001	2011	VAR % 91-01	VAR % 01-11
BENAVENTE	2291	3057	3557	33,4	16,4
SAMORA CORREIA	3146	4624	6371	47,0	37,8
SANTO ESTÊVÃO	520	526	767	1,2	45,8
BARROSA	262	283	277	8,0	-2,1
CONCELHO	6219	8490	10972	36,5	29,2

FONTE: INE, CENSOS 1991, 2001 E 2011

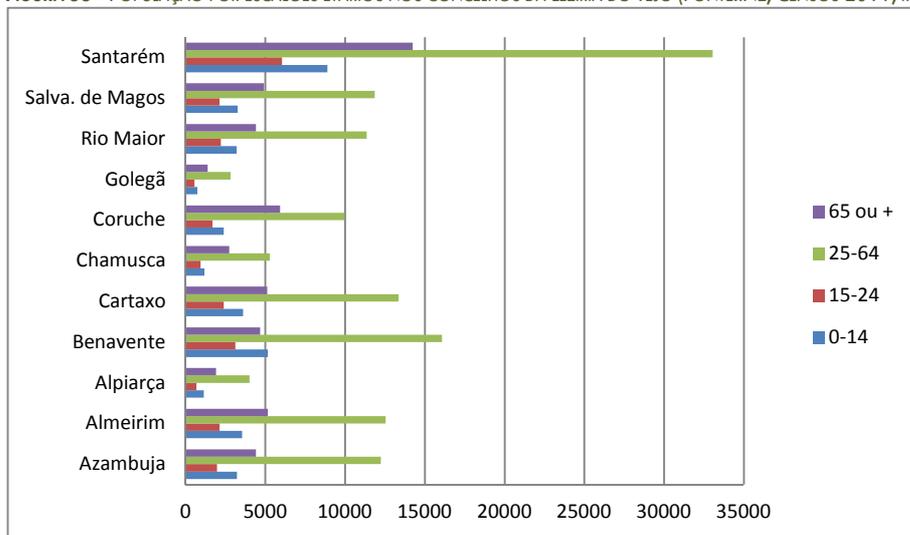


O número de famílias aumentou 29,2% no concelho, sendo Santo Estêvão a freguesia com um aumento mais significativo, seguida de Samora Correia. A freguesia de Benavente também registou incrementos neste indicador, mas mais moderados. De realçar que na freguesia de Barrosa, onde se regista uma ligeira diminuição do número de residentes, regista-se também uma ligeira quebra do número de famílias, o que indica uma diminuição na média de pessoas dos agregados familiares.

2.3. ESTRUTURA ETÁRIA

Considerando a população global desta sub-região, o Concelho de Benavente evidencia ser detentor de uma população jovem, com maior percentagem populacional nas classes etárias até os 40 anos e menos percentagem das classes mais envelhecidas (figura 54).

De salientar, no entanto, que na sub-região o envelhecimento populacional é já algo expressivo (as classes envelhecidas dominam sobre as jovens). O concelho que se destaca mais é Santarém, onde a população denota um padrão de envelhecimento avançado.

FIGURA 55 - POPULAÇÃO POR ESCALÕES ETÁRIOS NOS CONCELHOS DA LEZÍRIA DO TEJO (FONTE:INE, CENSOS 2011, RESULTADOS PROVISÓRIOS)

Os dados por freguesia, apresentados na figura 55, apenas vêm reforçar as conclusões retiradas anteriormente.

FIGURA 56 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO POR FREGUESIA 1991/2001 (FONTE: INE, CENSOS 1991 E 2001)

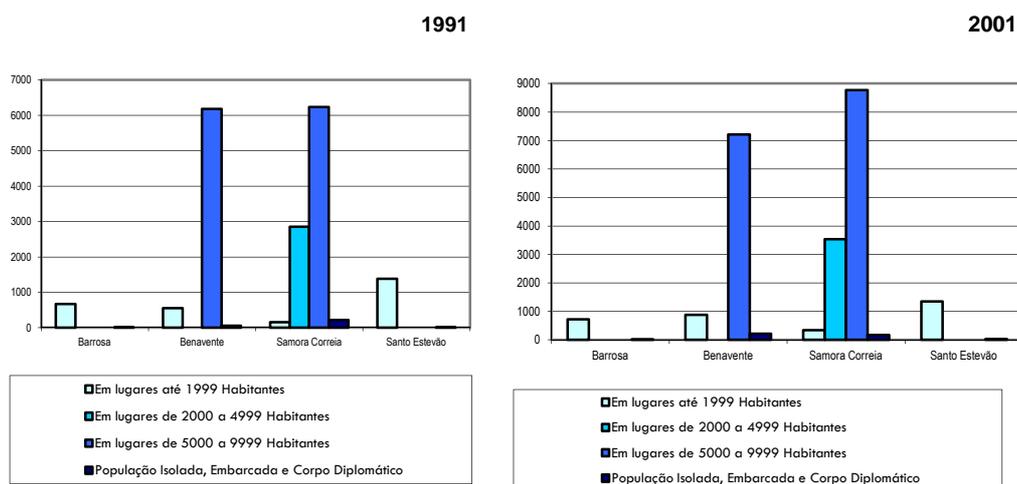
	CONCELHO		BARROSA		BENAVENTE		SAMORA CORREIA		SANTO ESTEVÃO	
	1991	2001	1991	2001	1991	2001	1991	2001	1991	2001
0 A 4 ANOS	979	1375	30	30	340	495	548	773	61	77
5 A 9 ANOS	1145	1284	44	39	436	445	589	717	76	83
10 A 14 ANOS	1357	1272	32	43	493	423	745	745	87	61
15 A 19 ANOS	1487	1426	38	47	534	529	799	779	116	71
20 A 24 ANOS	1348	1696	46	40	515	605	693	975	94	76
25 A 29 ANOS	1334	1936	51	50	470	663	728	1120	85	103
30 A 34 ANOS	1252	1832	52	50	475	656	642	1021	83	105
35 A 39 ANOS	1173	1814	41	55	438	636	625	1031	69	92
40 A 44 ANOS	1302	1630	37	71	460	546	723	932	82	81
45 A 49 ANOS	1199	1413	35	40	433	475	647	823	84	75
50 A 54 ANOS	1220	1441	61	35	431	511	630	816	98	79
55 A 59 ANOS	1214	1393	68	42	446	525	600	736	100	90
60 A 64 ANOS	1046	1317	42	46	381	474	525	699	98	98
65 A 69 ANOS	878	1276	42	61	334	491	405	630	97	94
70 A 74 ANOS	579	904	25	45	241	339	257	455	56	65
75 A 79 ANOS	434	643	13	24	187	247	181	307	53	65
80 A 84 ANOS	247	378	17	14	102	160	87	164	41	40
85 OU + ANOS	141	227	7	7	73	91	46	103	15	26
LEGENDA	ESTÁVEL		DECRÉSCIMO		ACRÉSCIMO					

Nas duas freguesias mais populosas o crescimento populacional é registado em todos os grupos etários, à excepção dos grupos dos 10 aos 19 anos. Nas freguesias menos populosas, apesar do ligeiro aumento populacional na Barrosa existe um decréscimo nos grupos mais jovens e no início da idade activa. Em Santo Estêvão o ligeiro decréscimo registado é acompanhado pelo aumento populacional nos grupos mais jovens e no início da idade activa.

2.4. DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DA POPULAÇÃO

FIGURA 57 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A DIMENSÃO DOS LUGARES (FONTE: INE1991 E 2001)

	1991				2001			
	EM LUGARES ATÉ 1999 HABITANTES	EM LUGARES DE 2000 A 4999 HABITANTES	EM LUGARES DE 5000 A 9999 HABITANTES	POPULAÇÃO ISOLADA, EMBARCADA E CORPO DIPLOMÁTICO	EM LUGARES ATÉ 1999 HABITANTES	EM LUGARES DE 2000 A 4999 HABITANTES	EM LUGARES DE 5000 A 9999 HABITANTES	POPULAÇÃO ISOLADA, EMBARCADA E CORPO DIPLOMÁTICO
CONCELHO	2766	2858	12415	296	3299	3534	15980	444
BARROSA	668	0	0	13	720	0	0	19
BENAVENTE	554	0	6180	55	881	0	7209	221
SAMORA CORREIA	158	2858	6235	219	346	3534	8771	175
SANTO ESTEVÃO	1386	0	0	9	1352	0	0	29

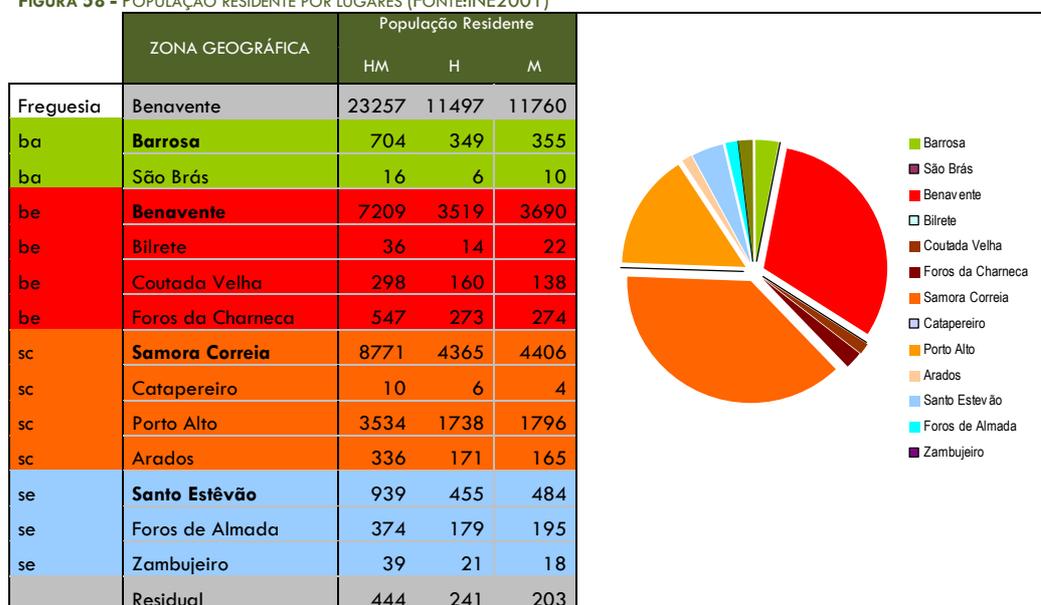


Conclui-se que no território concelhio a população concentra-se nos principais aglomerados, não havendo uma dispersão ou isolamento tendencial (figura 56). É de salientar que apesar da pouca expressão, a população em lugares isolados registou um aumento significativo de 1991 para 2001 – de 296 para 444 indivíduos.

Em todas as freguesias são as sedes os locais de concentração habitacional, sendo os aglomerados satélite a segunda escolha, conforme se constata pela leitura da figura 57. Depois

das sedes de freguesia, em termos quantitativos, é o aglomerado de Porto Alto em Samora Correia o mais expressivo, seguido dos Foros de Almada, Foros de Charneca e Arados.

FIGURA 58 - POPULAÇÃO RESIDENTE POR LUGARES (FONTE:INE2001)



2.5. NÍVEL DE ENSINO

Considerando o nível de escolaridade atingido pelos concelhos da sub-região da Lezíria do Tejo, refira-se que Benavente apresenta um menor quantitativo populacional (em termos relativos) sem nenhum nível de ensino (21%, relativamente à média da sub-região de 22%), embora se considere que este seja ainda elevado.

FIGURA 59 - POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE NO CONCELHO DE BENAVENTE

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	NENHUM	BÁSICO - 1.º CICLO	BÁSICO - 2.º CICLO	BÁSICO - 3.º CICLO	SECUNDÁRIO	PÓS-SECUNDÁRIO	SUPERIOR	
BENAVENTE	Nº	29019	5998	6635	4175	5191	4237	276	2507
	%	100	21	22,9	14,4	17,9	15	1	8
				55					

FONTE: INE 2011

O nível de escolaridade concelhio pode ser medido através das taxas de analfabetismo e níveis de qualificação académica. Refira-se que o nível de escolaridade concelhio é considerado baixo, uma vez que 21% da população não tem nenhum nível de ensino e 55% possui apenas o ensino básico.

Dá-se destaque, também, para o facto de, entre 1991 e 2011, o concelho de Benavente ter reduzido a sua taxa de analfabetismo de 15% para 5,3% (sendo a média da sub-região de 7,5%). Coruche, por sua vez, é o concelho que apresenta maior taxa de analfabetismo (embora tenha reduzido de 27% para 14,6%).

FIGURA 60 - VARIAÇÃO DA TAXA DE ANALFABETISMO NOS CONCELHOS DA LEZÍRIA DO TEJO

ZONA GEOGRÁFICA	TAXA DE ANALFABETISMO (%)		
	1991	2001	2011
AZAMBUJA	14,0	12,7	6,5
ALMEIRIM	18,7	14,7	9
ALPIARÇA	20,7	16,0	9,2
BENAVENTE	14,9	10,2	5,3
CARTAXO	11,8	9,2	5,1
CHAMUSCA	19,8	15,9	9,5
CORUCHE	27,2	22,2	14,6
GOLEGÃ	15,8	13,5	7,9
RIO MAIOR	14,2	10,6	5,8
SALVATERRA DE MAGOS	22,1	18,1	11
SANTERÉM	12,0	9,9	5,6

FONTE: INE 1991, 2001 E 2011

2.6. SECTORES DE ACTIVIDADE

Analisando a distribuição da população economicamente activa empregada, segundo o CAE, na sub-região, denota-se que Benavente se enquadra nos valores médios, pelo que a agricultura e pescas (CAE 0) concentra cerca de 8%, a Indústria (CAE 1-4) 32% e o comércio e serviços (CAE 5-9) domina o emprego, com cerca de 58% da população empregada.

Refira-se ainda o acréscimo na taxa de actividade acentuado no concelho de Benavente, entre 1991 e 2001, muito acima da média da sub-região, de 48.7% para 52.4%.

FIGURA 61 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA, TAXA DE ACTIVIDADE E DESEMPREGO (FONTE:INE1991, 2001 E 2011)

	Total	CAE 0	CAE 1-4	CAE 5-9
2001	11272	932	3779	6561
2011	12746	612	3101	9033
Var. % 01-11	13,1	-34,3	-17,9	37,7

Taxa de Actividade			Taxa de Desemprego		
1991	2001	2011	1991	2001	2011
48,70%	52,40%	50,86%	7,30%	7,40%	13,63%

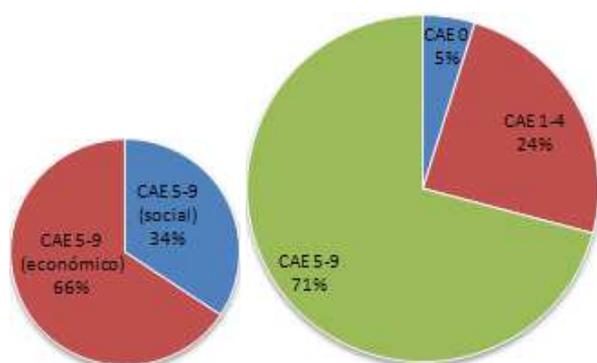


FIGURA 62 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA SEGUNDO O CÓDIGO NACIONAL DE PROFISSÕES (FONTE: INE 2011)

Benavente	n.º	%
Total	12746	100
Grupo 1 CNP – Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos	987	7,7
Grupo 2 CNP – Especialistas das actividades intelectuais e científicas	1230	9,7
Grupo 3 CNP – Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	1462	11,5
Grupo 4 CNP – Pessoal Administrativo	1470	11,5
Grupo 5 CNP – Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores	2474	19,4
Grupo 6 CNP – Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	346	2,7
Grupo 7 CNP – Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	1706	13,4
Grupo 8 CNP – Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1092	8,6
Grupo 9 CNP – Trabalhadores Não Qualificados	1848	14,5
Grupo 0 – Profissões das Forças Armadas	131	1,0

Podemos verificar uma tendência de terciarização das actividades económicas concelhias (figura 61), dada a existência de cerca de 71% das actividades relacionadas com o comércio e

serviços, em 2011. A taxa de actividade diminui cerca de 2% entre 2001 e 2011, do que decorrerá uma taxa de desemprego que em 10 anos aumentou quase o dobro.

Apesar de disperso pelos vários grupos de empregos, existe um predomínio dos “Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores” (figura 62), bem como de trabalhadores não qualificados, reflectindo o ainda baixo nível de instrução concelhia.

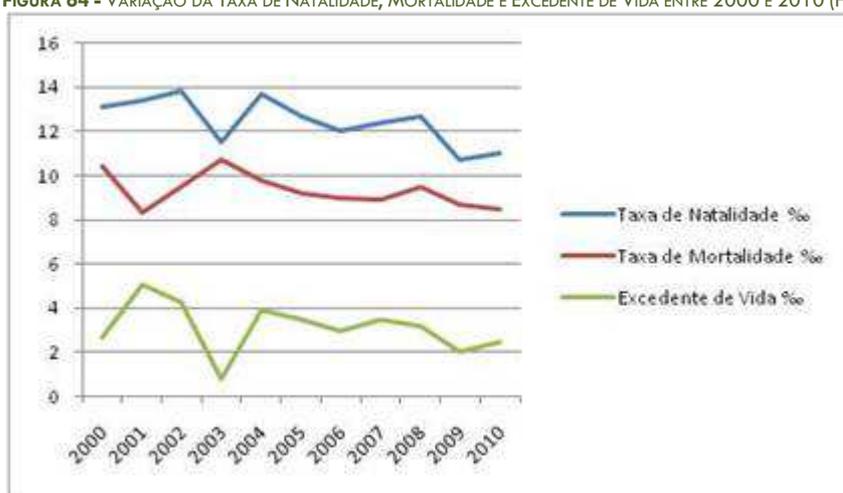
2.7. INDICADORES DEMOGRÁFICOS

Conhecidos os quantitativos referentes às variáveis demográficas importa ainda conhecer os indicadores demográficos que traçam o perfil do concelho. A Taxa de Natalidade, Taxa de Mortalidade, Excedente de Vida e restantes indicadores apresentados no quadro da figura seguinte permitem conhecer melhor a dinâmica demográfica de Benavente.

FIGURA 63 - INDICADORES DEMOGRÁFICOS (FONTE: INE)

	Taxa de Natalidade ‰	Taxa de Mortalidade ‰	Excedente de Vida ‰	Taxa de Fecundidade ‰	Índice de Envelhecimento %	Taxa de Nupcialidade ‰	Taxa de Divórcio ‰
2000	13,1	10,4	2,7	53,1	91,3	5,6	3,2
2001	13,4	8,3	5,1	54	92,3	4,5	1,2
2002	13,8	9,5	4,3	56,2	93,2	5,7	2,4
2003	11,5	10,7	0,8	47,2	94,9	5,5	1,7
2004	13,7	9,8	3,9	55,9	94,1	4,3	3
2005	12,7	9,2	3,5	52,1	94,8	5,8	2,7
2006	12	9	3	49,7	96	4,4	2,6
2007	12,4	8,9	3,5	52,3	97,3	3,9	3,9
2008	12,7	9,5	3,2	54,3	97,4	3,6	2,5
2009	10,7	8,7	2	45,8	100,2	3,5	3
2010	11	8,5	2,5	47,9	102,4	3,3	2,7

FIGURA 64 - VARIÇÃO DA TAXA DE NATALIDADE, MORTALIDADE E EXCEDENTE DE VIDA ENTRE 2000 E 2010 (FONTE:INE)



De acordo com os dados do INE, a taxa de Natalidade no concelho de Benavente regista um crescente aumento desde 1999, depois de um período de decréscimo entre 1997 e 1999. A Taxa de Mortalidade desceu entre 1996 e 2001 cerca de 4‰, tendo ao longo deste período registado várias oscilações. O excedente de Vida teve assim uma variação positiva desde 1998 a 2001. A consulta do Retrato Territorial de Portugal do INE permitiu obter os valores destes indicadores para o ano de 2004, verificando-se assim uma ligeira inversão desde 2001 a 2004 com um aumento da taxa de mortalidade, estabilização da taxa de natalidade e consequente diminuição do excedente de vida.

2.8. QUALIDADE DE VIDA – INDICADORES BÁSICOS

O acesso às infra-estruturas básicas é um pré-requisito essencial para o desenvolvimento sustentável e socialmente equilibrado.

FIGURA 65 - CONDIÇÕES BÁSICAS E LOTAÇÃO DOS ALOJAMENTOS NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE, 2001)

BENAVENTE	DADOS INE		ALOJAMENTOS			FAMÍLIAS CLÁSSICAS	PESSOAS RESIDENTES
CONDIÇÕES DE ELECTRICIDADE E SANITÁRIAS	ELECTRICIDADE	COM			8 264	8 442	22 993
		SEM			21	24	66
	INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	COM RETRETE NO ALOJAMENTO	LIGADO À REDE PÚBLICA DE ESGOTOS		6900	7037	19162
			LIGADO A SISTEMA PARTICULAR DE ESGOTOS		1086	1096	3031
			OUTROS CASOS		38	39	85
		RETRETE FORA DO ALOJAMENTO MAS NO EDIFÍCIO			173	206	604
		SEM RETRETE			88	88	177
ÍNDICE DE LOTAÇÃO	TOTAL ALOJAMENTOS	LOTAÇÃO NORMAL	ALOJAMENTOS SUBLOTADOS (N.º DIVISÕES EXCEDENTES)			ALOJAMENTOS SOBRELOTADOS (N.º DIVISÕES DÉFICE)	
			3 OU MAIS	2 DIVISÕES	1 DIVISÃO	1 DIVISÃO	2 DIVISÕES
	8 230	2 405	632	1 320	2 654	942	211

Em termos gerais, refira-se que a quase totalidade dos alojamentos tem electricidade, e que a maioria se encontra ligado à rede pública de esgotos (cerca de 96%), enquanto 14% dos alojamentos se encontram ligados a sistemas particulares de esgotos. A avaliação do índice de lotação indica que predominam os alojamentos sub-lotados.

2.9. ACESSO À SAÚDE

Todas as freguesias são servidas por uma extensão de saúde e o Hospital Geral de Vila Franca de Xira é a unidade que assegura os serviços de saúde mais especializados.

Destaca-se o índice de 0,8 médicos por 1000 habitantes, que é considerado razoável, bem como as farmácias por 10.000 habitantes (devendo existir uma farmácia por cada 6.000 habitantes). A taxa média de mortalidade infantil aumentou do quinquénio 1997/02 para o quinquénio 1998/03.

FIGURA 66 - SAÚDE (FONTE INE, RETRATO TERRITORIAL NACIONAL)

SAÚDE	2002	2003
MÉDICOS/1000 HABITANTES	0,8	0,8
FARMÁCIAS/10000 HABITANTES	2	2
TAXA MÉDIA DE MORTALIDADE INFANTIL NO QUINQUÉNIO	2,8	3,5

2.10. PRINCIPAL MEIO DE VIDA

FIGURA 67 - POPULAÇÃO DESEMPREGADA SEGUNDO O PRINCIPAL MEIO DE VIDA (FONTE: INE 2011)



De acordo com os dados apresentados na figura 67, 36% da população usufruía de subsídio de desemprego. Destaca-se a percentagem da população que se encontra a cargo da família (32%) e, ainda, com trabalho (18%).

2.11. DIAGNÓSTICO SOCIAL DO CONCELHO¹⁴

O diagnóstico social do concelho, elaborado em 2005, aborda as áreas temáticas da educação/formação e informação, serviços/equipamentos e respostas, toxicodependência, mobilidade e interacção institucional, sendo importante salientar as seguintes conclusões:

¹⁴ Diagnóstico Social do Concelho de Benavente, Janeiro 2005, Câmara Municipal de Benavente, Segurança Social e Rede social

FIGURA 68 - RESUMO DAS ÁREAS TEMÁTICAS (FONTE: DIAGNÓSTICO SOCIAL DO CONCELHO)

ÁREA TEMÁTICA	PROBLEMÁTICAS IDENTIFICADAS	O QUE SE PRETENDE Atingir	TIPOLOGIA DE INTERVENÇÃO	PARCEIROS
EDUCAÇÃO/ FORMAÇÃO/ INFORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - FALTA DE ARTICULAÇÃO ENTRE OS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO; - POUCO ACOMPANHAMENTO DOS PAIS EM RELAÇÃO À ESCOLA; - ELEVADO NÚMERO DE SUCESSO ESCOLAR FICTÍCIO/ QUALIDADE DO SUCESSO EDUCATIVO; - AUSÊNCIA DE RESPOSTAS DE INTEGRAÇÃO ESCOLAR E DE FORMAÇÃO PARA JOVENS DESENQUADRADOS DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, ESPECIFICAMENTE SEM ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA E COM MAIS DE 15 ANOS; - FALTA DE RESPOSTAS PARA ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM/ FALTA DE PRÉ - REQUISITOS; - NECESSIDADE DE MODERNIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS ESCOLARES. 	<ul style="list-style-type: none"> - IDENTIFICAÇÃO/ LEVANTAMENTO/ CARACTERIZAÇÃO DO ABANDONO, INSUCESSO E QUALIDADE DO SUCESSO EDUCATIVO; - ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA ATÉ AO 9.º ANO, POR VIA FORMAL OU ALTERNATIVA; - OFERTA DE MÃO DE OBRA QUALIFICADA CAPAZ DE ATRAIR INVESTIMENTO; - INTENSIFICAR O FACTOR DE QUALIFICAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS; - CONCEPÇÃO E DESENHO REAL DOS CURSOS EM FUNÇÃO DAS NECESSIDADES. 	<ul style="list-style-type: none"> - ARTICULAÇÃO ENTRE OS DIVERSOS INTERVENIENTES NA DEFINIÇÃO DOS PERCURSOS DE INSERÇÃO PARA OS JOVENS; - ARTICULAÇÃO DE PROCEDIMENTOS; - NOVOS CURSOS LOCALIZADOS NO CONCELHO. 	<ul style="list-style-type: none"> - AUTARQUIA (AÇÃO SOCIAL E DIVISÃO DE EDUCAÇÃO); - AGRUPAMENTOS DE ESCOLAS; - ESCOLA SECUNDÁRIA; - EDUCATIS; - EQUIPA DO ENSINO RECORRENTE; - ECAE; - CENTRO DE EMPREGO DE SALVATERRA DE MAGOS.
SERVIÇOS, EQUIPAMENTOS E RESPOSTAS	<p>NECESSIDADE DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> - CRECHES;- JARDINS INFANTIS; - ATL'S;- CENTRO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO PARA CRIANÇAS; - FORMAÇÃO, SUPERVISÃO E LEGALIZAÇÃO DE AMAS; - REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS LÚDICO- PEDAGÓGICOS; - QUALIFICAÇÃO DOS JARDINS-DE- INFÂNCIA E PROLONGAMENTO DE HORÁRIO; - INTERVENÇÃO PRECOCE E SUPORTE À FAMÍLIA BIOLÓGICA; - OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES PARA ADOLESCENTES, QUE VÃO DE ENCONTRO ÀS SUAS REAIS NECESSIDADES; - REESTRUTURAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO EDUCATIS. - CENTROS DE DIA; - CENTROS DE NOITE; - UNIDADES DE APOIO INTEGRADO – UAI; - APOIO DOMICILIÁRIO INTEGRADO – ADI; - FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO PARA IDOSOS (PROPORCIONAR ÀS FAMÍLIAS BIOLÓGICAS SUPORTE ECONÓMICO PARA PODEREM ACOLHER OS SEUS IDOSOS). 	<ul style="list-style-type: none"> - CONSTRUÇÃO/ REQUALIFICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DESTINADOS TANTO À INFÂNCIA/ ADOLESCÊNCIA, COMO À TERCEIRA IDADE; - LEGALIZAÇÃO DE AMAS; - PROLONGAMENTO DE HORÁRIO DOS JARDINS INFANTIS. 	<p>ARTICULAÇÃO ENTRE TODAS AS INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES DO CONCELHO DE BENAVENTE, CUJO ÂMBITO DE INTERVENÇÃO ESTEJA RELACIONADO COM ESTA ÁREA TEMÁTICA, BEM COMO COM OS RESTANTES PARCEIROS.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - SEG. SOCIAL - TODAS AS INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES DO CONCELHO DE BENAVENTE, CUJO ÂMBITO DE INTERVENÇÃO ESTEJA RELACIONADO COM ESTA ÁREA TEMÁTICA; - AUTARQUIA; - JUNTAS DE FREGUESIA.
INTERACÇÃO INSTITUCIONAL	<ul style="list-style-type: none"> - CENTRALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DENTRO DO CONCELHO; - DEFICIENTE ARTICULAÇÃO DE RECURSOS; - EXISTÊNCIA DE FAMÍLIAS SUBSÍDIO – DEPENDENTES; - DEFICIENTES CIRCUITOS DE INFORMAÇÃO; - FALTA DE UMA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR DE INTERVENÇÃO PRECOCE. 	<ul style="list-style-type: none"> - FORMALIZAR A PARCERIA, AO NÍVEL DA INTERVENÇÃO PRECOCE; - EFICIENTE GESTÃO E ARTICULAÇÃO DE RECURSOS; - MELHORAR A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÃO ENTRE OS VÁRIOS SERVIÇOS. 	<ul style="list-style-type: none"> - CRIAÇÃO DE UM MODELO E DE UMA EQUIPA / GRUPO DE ARTICULAÇÃO DE PARCERIAS; - INTERVENÇÃO INTEGRADA DOS TÉCNICOS QUE TRABALHAM NO TERRENO; - PROCESSO DE QUALIDADE E CERTIFICAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES. 	<ul style="list-style-type: none"> - AUTARQUIAS; - SEGURANÇA SOCIAL; - AGRUPAMENTOS DE ESCOLAS DO CONCELHO E ESCOLA SECUNDÁRIA; - TODAS AS INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES DO CONCELHO.

MOBILIDADE	<p>- REDE DE TRANSPORTES POUCO ADEQUADA À REALIDADE, ACENTUANDO-SE NOS PERÍODOS DE FÉRIAS LECTIVAS;</p> <p>- FALTA DE ACESSOS, E NÃO SÓ, PARA PESSOAS DEFICIENTES A SERVIÇOS PÚBLICOS, BEM COMO A EXISTÊNCIA DE ALGUMAS BARREIRAS ARQUITECTÓNICAS;</p> <p>- MAU ESTADO DA ESTRADA NACIONAL 118.1.</p>	<p>- REDE DE TRANSPORTES PÚBLICOS MAIS FLEXÍVEL, PERMITINDO A INSERÇÃO PROFISSIONAL E MOBILIDADE DOS HABITANTES DAS FREGUESIAS RURAIS DO CONCELHO, NOMEADAMENTE BARROSA E SANTO ESTÉVÃO, BEM COMO AS LOCALIDADES DE FOROS DE ALMADA E FOROS DA CHARNECA.</p> <p>- UMA VEZ QUE SÓ A AUTARQUIA POSSUI TRANSPORTE ADAPTADO A PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA, URGE QUE OS TRANSPORTES PÚBLICOS/ COLECTIVOS ADOPTEM EQUIPAMENTO QUE PERMITAM DAR RESPOSTA A ESTA NECESSIDADE;</p> <p>- CUMPRIMENTO DO ESTIPULADO NO DECRETO LEI N.º 123/97, DE 22 DE MAIO, EMANADO PELO MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL, QUE ESTABELECE A OBRIGATORIEDADE DA ADOÇÃO DE UM CONJUNTO DE NORMAS TÉCNICAS BÁSICAS DE ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS ARQUITECTÓNICAS EM EDIFÍCIOS PÚBLICOS, EQUIPAMENTOS COLECTIVOS E VIA PÚBLICA PARA MELHORIA DA ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM MOBILIDADE CONDICIONADA.</p> <p>- REPARAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DA ESTRADA N 118.1 – TROÇO ENTRE BENAVENTE E SANTO ESTÉVÃO (VER NOTA*).</p>	<p>- ARTICULAÇÃO COM A EMPRESA DE TRANSPORTES RIBATEJANA, RESPONSÁVEL PELOS TRANSPORTES DA AUTARQUIA E AGRUPAMENTOS DE ESCOLAS DO CONCELHO E ESCOLA SECUNDÁRIA.</p>	<p>- AUTARQUIA;</p> <p>- EMPRESA DE TRANSPORTES RIBATEJANA;</p> <p>- AGRUPAMENTOS DE ESCOLAS DO CONCELHO</p> <p>_ESCOLA SECUNDÁRIA</p>
TÓXICO-DEPENDÊNCIA	<p>FORÇAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➔ CENTRO DE SAÚDE ➔ EMIC ➔ SERVIR ➔ PLANO MUNICIPAL DE PREVENÇÃO PRIMÁRIA DAS TOXICODEPENDÊNCIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE (PROJECTOS “TEMPOS” E “VOAR”) ➔ PROJECTO HIV / SIDA ➔ ESPAÇO SAÚDE” DA ESCOLA EB 2,3 DUARTE LOPES <p>OPORTUNIDADES ➔ COMISSÃO NACIONAL DE LUTA CONTRA A SIDA</p> <ul style="list-style-type: none"> ➔ PROGRAMA ADIS / SIDA ➔ INSTITUTO DA DROGA E DA TOXICODEPENDÊNCIA ➔ ABRAÇO ➔ ALCOÓLICOS ANÓNIMOS 	<p>FRAQUEZAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➔ EXISTÊNCIA DE APENAS DUAS RESPOSTAS NO CONCELHO (EMIC E SERVIR) <p>AMEAÇAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➔ RESTRIÇÕES ORÇAMENTAIS ➔ NÃO PRIORIZAÇÃO DA NECESSIDADE, NO ÂMBITO DAS POLÍTICAS DE SAÚDE. ➔ INCUMPRIMENTO DOS PRAZOS PARA A EXECUÇÃO DOS PROJECTOS 		

3. ESTIMATIVAS DE CRESCIMENTO POPULACIONAL

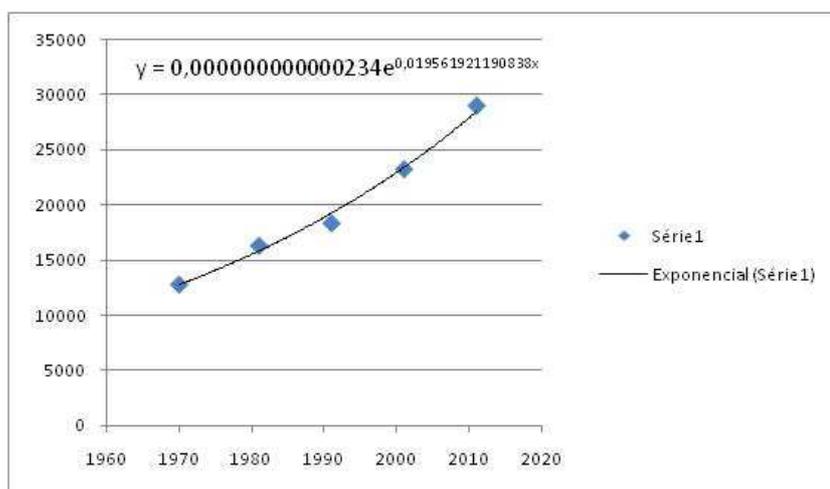
Para que se possa proceder a um planeamento eficaz é fundamental fazer uma previsão do crescimento populacional da área geográfica em análise. As estimativas que a seguir se apresentam foram calculadas com base num período temporal de 14 e 19 anos, respectivamente.

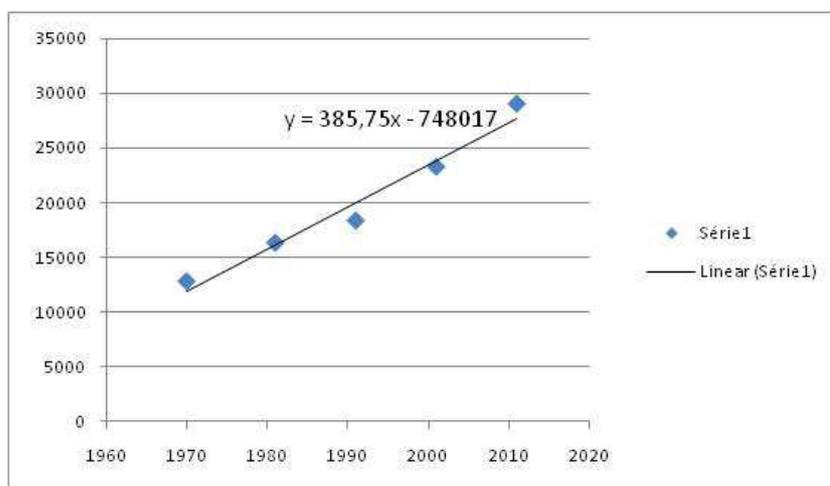
O cálculo que a seguir se apresenta foi elaborado com base em três cenários tendo em conta o método de regressão linear e exponencial.

3.1. PRIMEIRO CENÁRIO (1970_2011)

FIGURA 69 - CRESCIMENTO POPULACIONAL, PARA O ANO DE 2025 E 2030

ANOS	1970	1981	1991	2001	2011	2025	2030
POPULAÇÃO	12778	16306	18335	23257	29019		
PROJEÇÃO EXPONENCIAL						36921	40804
PROJEÇÃO LINEAR						33127	35056

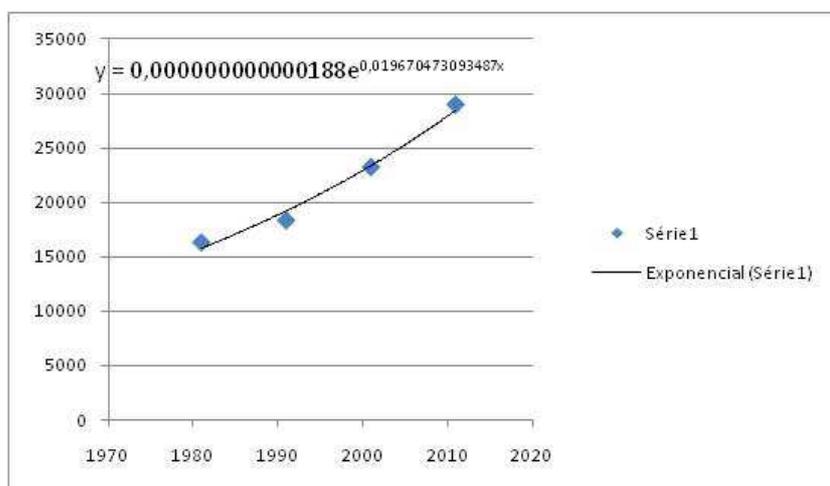


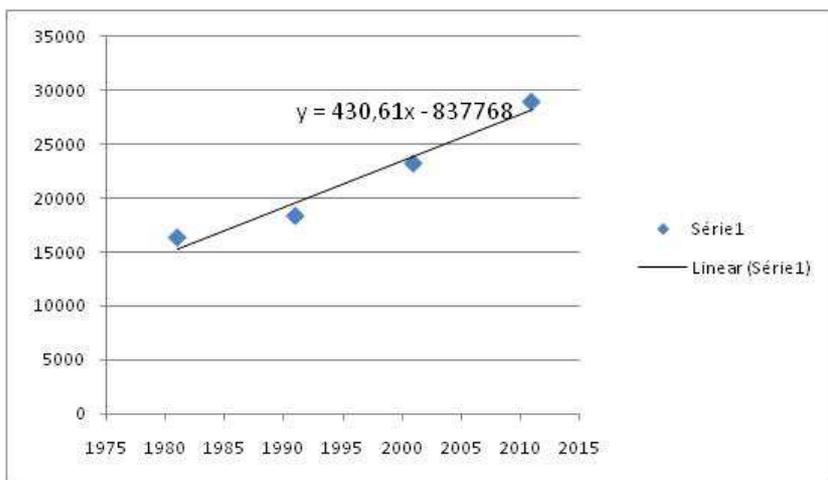


3.2. SEGUNDO CENÁRIO (1981_2011)

FIGURA 70 - CRESCIMENTO POPULACIONAL, PARA O ANO DE 2025 E 2030

ANOS	1981	1991	2001	2011	2025	2030
POPULAÇÃO	16306	18335	23257	29019		
PROJEÇÃO EXPONENCIAL					37435	41261
PROJEÇÃO LINEAR					34217	36370

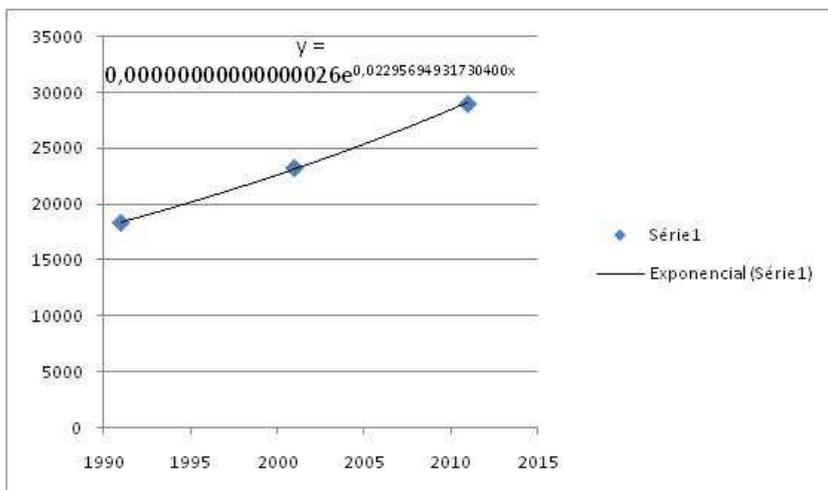


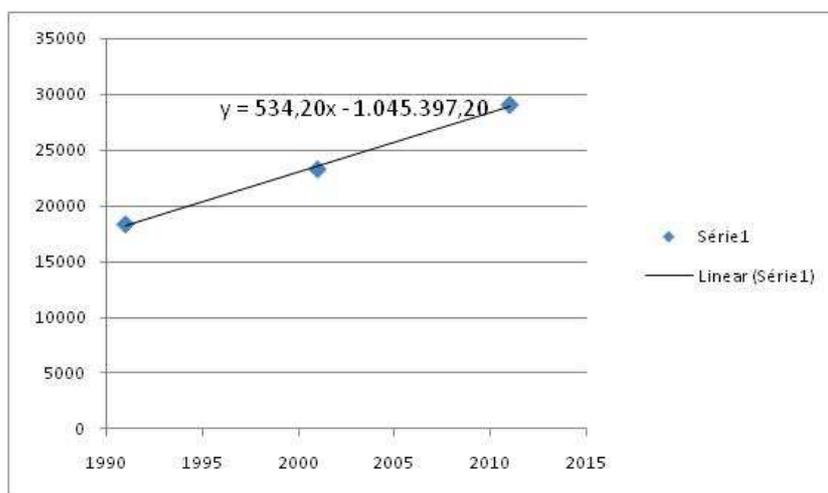


3.3. TERCEIRO CENÁRIO (1991_2011)

FIGURA 71 - CRESCIMENTO POPULACIONAL, PARA O ANO DE 2025 E 2030

ANOS	1991	2001	2011	2025	2030
POPULAÇÃO	18335	23257	29019		
PROJEÇÃO EXPONENCIAL				40214	44988
PROJEÇÃO LINEAR				36358	39029





3.4. SÍNTESE CONCLUSIVA

- Curva da regressão exponencial ajusta-se melhor a cada um dos momentos analisados;
- Os Censos de 1970 revelam bastantes imprecisões pelo que se exclui o primeiro cenário;
- A dinâmica dos últimos 20 anos traduz uma tendência consolidada de evolução demográfica pelo que sugerimos a adopção do Terceiro Cenário. (Considerar apenas os períodos censitários de 1991, 2001 e 2011);
- É expectável que a tendência se mantenha e que, fruto das novas circunstâncias (A_10, A_13, Ponte da Lezíria, Integração progressiva de Benavente no território Metropolitano e expectativa do NAL) , o crescimento demográfico revele um crescimento maior.

CENÁRIO TENDENCIAL

TIPO DE REGRESSÃO	2025	1º CENÁRIO	2º CENÁRIO	3º CENÁRIO
EXPONENCIAL	POPULAÇÃO	36921	37435	40214
LINEAR	POPULAÇÃO	33127	34217	36358

TIPO DE REGRESSÃO	2030	1º CENÁRIO	2º CENÁRIO	3º CENÁRIO
EXPONENCIAL	POPULAÇÃO	40804	41261	44988
LINEAR	POPULAÇÃO	35056	36370	39029

CENÁRIO OPTIMISTA (TENDÊNCIA MAJORADA EM 15%)

TIPO DE REGRESSÃO	2025	3º CENÁRIO	MAJORAÇÃO 15%
EXPONENCIAL	POPULAÇÃO	40214	42246

TIPO DE REGRESSÃO	2030	3º CENÁRIO	MAJORAÇÃO 15%
EXPONENCIAL	POPULAÇÃO	44988	51736

CAP 3 HABITAÇÃO



1. INTRODUÇÃO

A habitação surge como elemento fundamental da imagem urbana nas expansões construtivas em territórios mais alargados. O fim das dicotomias urbano/rural, centro/periferia, teve como principal causa a expansão da construção para fora daqueles que anteriormente seriam os limites identificáveis da cidade. **A habitação é a componente urbana que domina esta transformação.**

As débeis iniciativas públicas no sector com os avultados investimentos privados na construção da habitação, a par do esquecimento do parque habitacional devoluto, traduziram-se num **desfasamento entre os padrões da oferta e da procura** com evidentes consequências económicas, sociais e territoriais.

A habitação, considerada um direito/bem fundamental à condição humana, deixou de o ser na lógica concorrencial e de rendibilidade do sector da construção podendo mesmo afirmar-se que passou a ser tratada como um produto imobiliário lucrativo.

A lógica de mercado no sector da habitação reitera modelos de segregação social e desagregação urbana, uma vez que não se baseia numa lógica de equidade e justa distribuição dos recursos, mas sim numa lógica de maximização de lucros associada quase sempre a fortes densidades construtivas e baixa dotação de espaços complementares - verdes e equipamentos. É neste contexto que a actuação do sector público como regulador dos mecanismos de mercado surge como necessária e fundamental em dois âmbitos:

- ≥ Criando regras para a actuação do sector privado na habitação;
- ≥ Entrando no mercado da habitação através da construção de fogos de qualidade a custos controlados, não apenas para a população que não é contemplada numa lógica de promoção privada mas também para contribuir na criação de alternativas ao sector privado.

A incapacidade de intervenção do sector público nestes dois âmbitos aliada à progressiva procura das cidades como espaço de novas oportunidades por parte das populações mais

desfavorecidas gera fenómenos sociais e urbanos marginais – bairros ilegais, construções clandestinas, barracas, cuja resolução é muito mais problemática.

Quotidianamente é cada vez mais defensível, dada a pluralidade social, a necessidade de identificar e estudar os tipos de futuros proprietários, adequando e orientando a oferta para as necessidades reais da população alvo, assegurando padrões construtivos, arquitectónicos e de envolvente urbana de qualidade.

A actuação municipal/ sector público na área da habitação deve ser proactiva.

2. OBJECTIVOS

O principal objectivo deste relatório é ser a base de fundamentação para a criação de uma política habitacional no concelho de Benavente. Para que este objectivo se possa concretizar foram elaborados um conjunto de análises e diagnósticos tendo como principais fontes de informação os estudos do Instituto Nacional de Estatística (INE), o levantamento de campo e as reuniões levadas a cabo com os representantes autárquicos, e que no final fundamentarão as Orientações/Propostas do Plano Director Municipal nesta matéria.

A análise do parque habitacional procura detectar carências qualitativas e quantitativas, tentando traçar o perfil existente a nível concelhio e avaliar a sua evolução na década inter censitária.

Numa fase de diagnóstico concretiza-se o quadro de necessidades e sistematizam-se instrumentos e práticas passíveis de adoptar. O esboço de propostas terá por base uma componente estratégica fundamentalmente multidisciplinar.

3. METODOLOGIA ADOPTADA

O presente relatório será estruturado da seguinte forma:

- ≥ Retrato da situação actual | O território em presença
 - ≥ Evolução do parque habitacional na década inter censitária – Quantitativo e Qualitativo;
 - ≥ Evolução do quantitativo de Licenças de construção;
 - ≥ Evolução da Tipologia habitacional face ao perfil das famílias;
 - ≥ O fenómeno habitacional dos empreendimentos turísticos;

- ≥ Instrumentos e Formas de Actuação
 - ≥ Regulamentos Municipais e instrumentos e políticas existentes (poder local regional e central);

- ≥ Reflexões e Orientações

4. RETRATO DA SITUAÇÃO ACTUAL | O TERRITÓRIO EM PRESENÇA

4.1 EVOLUÇÃO DO PARQUE HABITACIONAL - ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Numa primeira abordagem ao parque habitacional da área de estudo, é feita uma caracterização sucinta tendo em vista o conhecimento das debilidades ou potencialidades presentes (descendo sempre que possível à escala da freguesia). A caracterização e diagnóstico dos dados apresentados possibilitam a definição ou proposta de campos de actuação direccionados para o aumento da qualidade de vida da população residente ou que poderá vir a residir ali.

Na caracterização geral do parque habitacional são utilizados dados quantitativos e qualitativos, os primeiros obtidos fundamentalmente no recenseamento geral da população de 2001 e 2011 (resultados provisórios).

FIGURA 72 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PARQUE HABITACIONAL 2001 E 2011 (FONTE: INE)

2001							
UNIDADE TERRITORIAL	ÁREA	POPULAÇÃO	FAMÍLIAS	ALOJAMENTOS	EDIFÍCIOS	DENSIDADE CONSTRUTIVA	DENSIDADE DE ALOJAMENTOS
CONCELHO	525,2	23257	8490	11508	7713	14,7	21,9
BENAVENTE	129,3	8311	3057	4123	2745	21,2	31,9
SAMORA CORREIA	327,0	12826	4624	6213	3859	11,8	19,0
SANTO ESTÊVÃO	61,7	1381	526	805	752	12,2	13,0
BARROSA	7,2	739	283	367	357	49,6	51,0
2011							
UNIDADE TERRITORIAL	ÁREA	POPULAÇÃO	FAMÍLIAS	ALOJAMENTOS	EDIFÍCIOS	DENSIDADE CONSTRUTIVA	DENSIDADE DE ALOJAMENTOS
CONCELHO	521,0	29019	10972	14748	9540	28,3	18,3
BENAVENTE	130,3	9174	3557	4823	3092	37,0	23,7
SAMORA CORREIA	321,3	17123	6371	8250	4826	25,7	15,0
SANTO ESTÊVÃO	62,4	1997	767	1299	1268	20,8	20,3
BARROSA	7,2	725	277	376	354	52,4	49,4

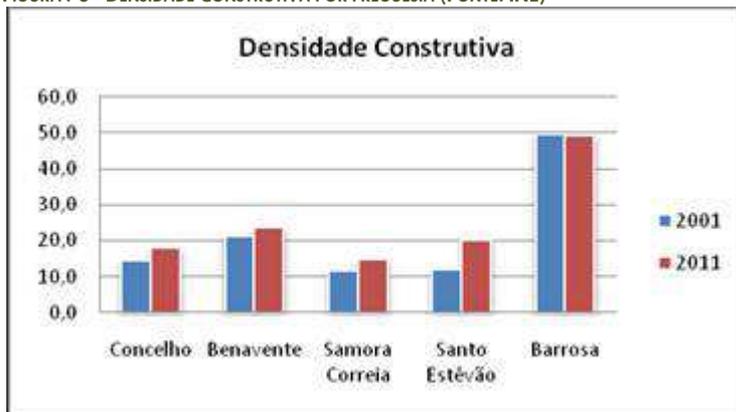
Cruzando a informação do quadro da figura 72 com o conhecimento “in loco” da realidade concelhia é possível avançar com algumas considerações acerca do parque habitacional concelhio e, mais importante, acerca das realidades específicas de cada uma das freguesias.

4.1.1. DENSIDADE CONSTRUTIVA E DENSIDADE DE ALOJAMENTOS

Iniciando a caracterização pelos valores das densidades construtivas e densidades de alojamentos, é importante perceber quais os territórios cuja capacidade de carga já se encontra esgotada ou em vias de estar.

A utilização da área total das freguesias para o cálculo das densidades foi substituída pela área urbana de cada freguesia, ou seja a área onde existe construção (definida em PDM e algumas áreas ocupadas não indicadas neste instrumento). Esta alteração tem por objectivo alcançar valores de densidades representativos da realidade existente.

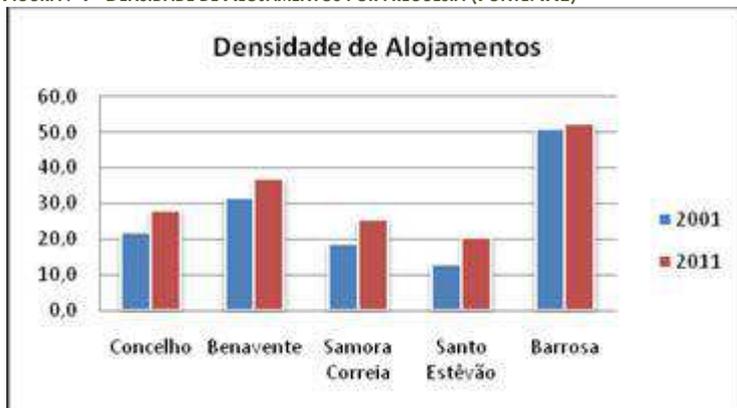
FIGURA 73 - DENSIDADE CONSTRUTIVA POR FREGUESIA (FONTE: INE)



A freguesia com maior densidade construtiva é Barrosa, facto que se justifica simplesmente pela sua reduzida dimensão territorial. Benavente é a segunda freguesia mais densa em termos construtivos, sendo Santo Estêvão e Samora Correia as que mais se distancia dos valores concelhios.

Em relação à variação entre 2001 e 2011 o panorama é de crescimento em todas as unidades territoriais (freguesias), excepto na freguesia de Barrosa.

FIGURA 74 - DENSIDADE DE ALOJAMENTOS POR FREGUESIA (FONTE: INE)



À semelhança do parâmetro anterior, a densidade de alojamentos também registou aumentos, destacando-se Samora Correia com o aumento mais significativo – indicador da concentração da tipologia multifamiliar nesta unidade territorial.

4.1.2. EDIFÍCIOS E ALOJAMENTOS

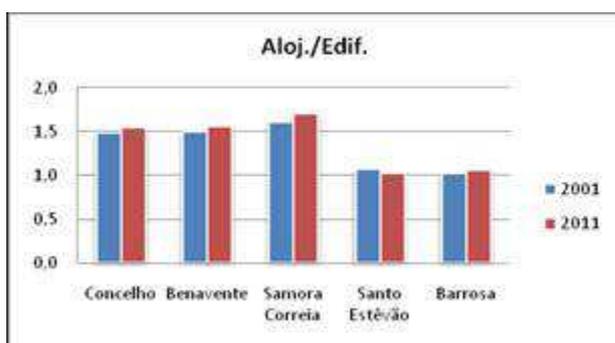
FIGURA 75 - EDIFÍCIOS SEGUNDO Nº DE ALOJAMENTOS POR FREGUESIA (FONTE: INE2011)

Unidade Territorial	Total	1 alojamento	%	2 - 6 alojamentos	%	7 - 12 alojamentos	%	13 ou mais alojamentos	%
Concelho	9547	8372	88	825	9	334	3	16	0
Benavente	3092	2679	87	298	10	110	4	5	0
Samora Correia	4833	4105	85	493	10	224	5	11	0
Santo Estêvão	1268	1254	99	14	1	0	0	0	0
Barrosa	354	334	94	20	6	0	0	0	0

Em todo o concelho predomina a tipologia unifamiliar, conforme se demonstra nos quadros das figuras 75 e 76. Nas freguesias de Benavente e Samora Correia existe a principal concentração da tipologia multifamiliar, com um número limitado de alojamentos por edifício. A freguesia de Samora Correia evidenciou o maior acréscimo na tipologia multifamiliar, dado revelado pelo aumento do indicador em análise.

FIGURA 76 - VARIAÇÃO DO RÁCIO ALOJAMENTOS/EDIFÍCIO ENTRE 2001 E 2011 NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE)

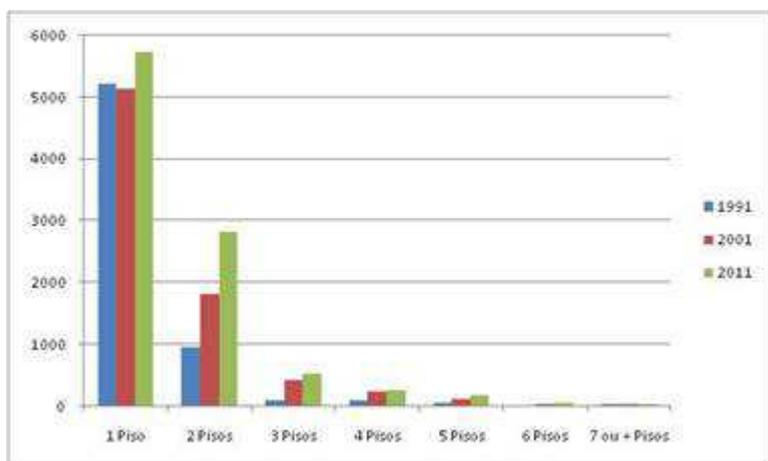
UNIDADE TERRITORIAL	ALOJ. / EDIF.	
	2001	2011
CONCELHO	1,5	1,5
BENAVENTE	1,5	1,6
SAMORA CORREIA	1,6	1,7
SANTO ESTÊVÃO	1,1	1,0
BARROSA	1,0	1,1



Para além do rácio alojamentos/edifício, a volumetria do parque edificado também permite perceber alterações dos padrões tipo-morfológicos (quadro da figura 77). Registam-se acréscimos significativos nas volumetrias dos 3 aos 7 pisos, sendo os dois pisos a volumetria mais expressiva

FIGURA 77 - VARIAÇÃO DO PADRÃO VOLUMÉTRICO ENTRE 1991, 2001 E 2011 NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE)

	1 Piso	2 Pisos	3 Pisos	4 Pisos	5 Pisos	6 Pisos	7 ou + Pisos
1991	5218	948	98	88	56	0	3
2001	5134	1810	411	225	107	21	5
Var. % 91-01	-1,6	90,9	319,4	155,7	91,1	100	66,7
2011	5720	2819	522	250	182	40	14
Var. % 01-11	11,4	55,7	27,0	11,1	70,1	90,5	180,0



4.1.3. PARQUE HABITACIONAL POR ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO

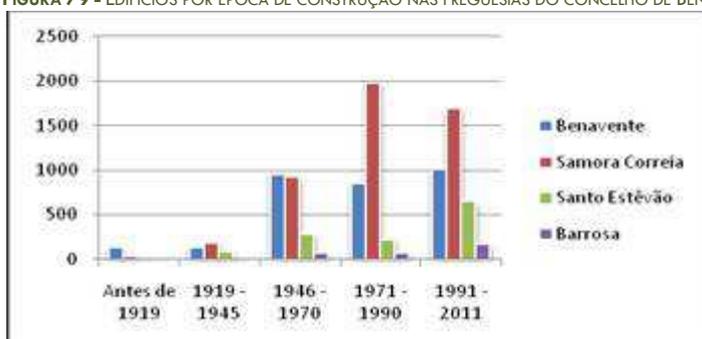
Por fim interessa analisar a evolução da dinâmica construtiva nos últimos anos, no que se refere aos alojamentos familiares ocupados como residência habitual. Este parâmetro pode indicar o grau de atractividade e as dinâmicas socio-económicas instaladas num determinado território.

O quadro da figura 77 retrata o panorama construtivo no concelho de Benavente desde 1919 até 2011.

No período de 1946 a 1970 regista-se o primeiro *boom* construtivo que se estende até ao período 1991-2011. Os dados permitem observar que cerca de 37% dos edifícios existentes no concelho tem cerca de 30 anos.

FIGURA 78 - EDIFÍCIOS POR ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE, CENSOS 2011)

Unidade Territorial	Total	Antes de 1919	1919 - 1945	1946 - 1970	1971 - 1990	1991 - 2011
Concelho	9547	211	444	1954	3265	3673
Benavente	3092	146	145	786	925	1090
Samora Correia	4833	40	180	862	2025	1726
Santo Estêvão	1268	16	92	241	235	684
Barrosa	354	9	27	65	80	173

FIGURA 79 - EDIFÍCIOS POR ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE 2011)

Da análise por freguesias destaca-se o seguinte:

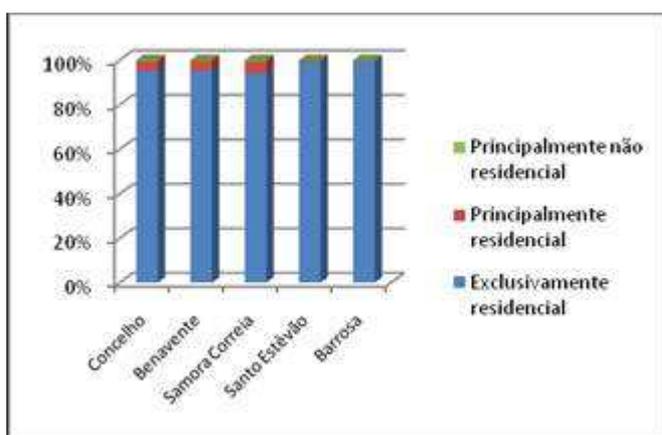
- É na freguesia de Benavente que existe o maior número de edifícios com construção anterior a 1919 – centro antigo da sede de concelho;
- O edificado da freguesia da Barrosa foi construído maioritariamente no último período – 1991 a 2011, tendo a dinâmica construtiva vindo a sofrer sucessivas aumentos.
- As duas freguesias urbanas - Samora Correia e Benavente têm como período mais dinâmico as décadas de 70 e 80 e 90.

4.1.4. PARQUE HABITACIONAL POR TIPO DE USO

No concelho de Benavente predominam os edifícios de uso “exclusivamente residencial” (quadro da figura 80), existindo ainda com alguma expressão edifícios de uso principalmente residencial, fundamentalmente nas freguesias de Samora Correia e Benavente, devido ao número de edifícios multifamiliares aí existentes e de ser nestas freguesias que se concentram o comércio e serviços. O uso não residencial assume alguma relevância na freguesia de Samora Correia, freguesia com forte peso das actividades industriais e logísticas.

FIGURA 80 - EDIFÍCIOS POR TIPO DE USO (FONTE: INE2011)

Tipo de Uso	Concelho	Benavente	Samora Correia	Santo Estêvão	Barrosa
Total	9547	3092	4826	1268	354
Exclusivamente residencial	9078	2938	4529	1259	352
Principalmente residencial	429	147	273	8	1
Principalmente não residencial	33	7	24	1	1



4.1.5. PARQUE HABITACIONAL DISPONÍVEL

Tendo como base os dados de 2001, no concelho existem cerca de 1141 apartamentos e cerca de 685 moradias disponíveis para venda.

FIGURA 81 - IMÓVEIS DISPONÍVEIS PARA VENDA

IMÓVEIS DISPONÍVEIS PARA VENDA NO CONCELHO DE BENAVENTE		
FREGUESIAS	APARTAMENTOS	MORADIAS
BENAVENTE	254	186
SAMORA CORREIA	881	431
BARROSA	0	11
S.TO ESTEVÃO	6	57
TOTAIS	1141	685

Através dos dados apresentados, podemos verificar que a freguesia de Samora Correia é de facto aquela que apresenta maior dinâmica imobiliária, com o maior número de apartamentos e de moradias disponíveis para venda. Neste contexto segue-se a freguesia de Benavente, com valores significativos, mas bem inferiores aos registados para a freguesia de Samora Correia.

As restantes freguesias do concelho, nomeadamente Barrosa e Santo Estevão apresentam uma dinâmica pouco significativa, sendo de destacar em Santo Estevão o mercado das moradias, muito associado aos espaços turísticos, onde se registam 57 moradias para venda.

Podemos de facto constatar que a dinâmica imobiliária registada no concelho de Benavente, se concentra essencialmente nas freguesias de Benavente e Samora Correia, às quais se junta a freguesia de Santo Estevão onde o mercado da habitação secundária (moradias) tem forte expressão.

FIGURA 82 - IMÓVEIS DISPONÍVEIS POR TIPOLOGIA PARA VENDA

IMÓVEIS DISPONÍVEIS POR TIPOLOGIA PARA VENDA NO CONCELHO DE BENAVENTE					
FREGUESIA	T0	T1	T2	T3	T4
BENAVENTE	2	23	124	99	6
SAMORA CORREIA	1	33	237	601	9
BARROSA	0	0	0	0	0
S.TO ESTEVÃO	0	2	4	0	0
TOTAIS	3	58	365	700	15

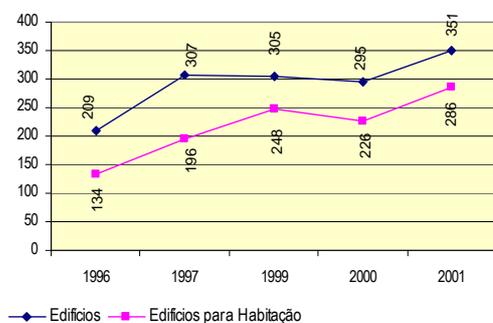
A acrescentar ao anteriormente referido, podemos verificar que em termos de tipologias, predomina no concelho de Benavente o tipo T2 e T3, representando cerca de 93% dos fogos disponíveis no concelho, reforçando assim as conclusões retiradas dos quadros das figuras 71 e 74, onde é possível depreender que, tendo sido as famílias constituídas por uma e duas pessoas as que registaram os aumentos mais significativos nas últimas décadas intercensitária, originou um acréscimo em termos construtivos no concelho, de fogos com tipologias habitacionais de quatro e cinco divisões.

4.1.6. TIPOLOGIA DAS LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO

Tendo por base os dados do INE relativos ao licenciamento no quinquénio 1996/2001 é possível definir o padrão de intervenções no edificado (quadro da figura 83).

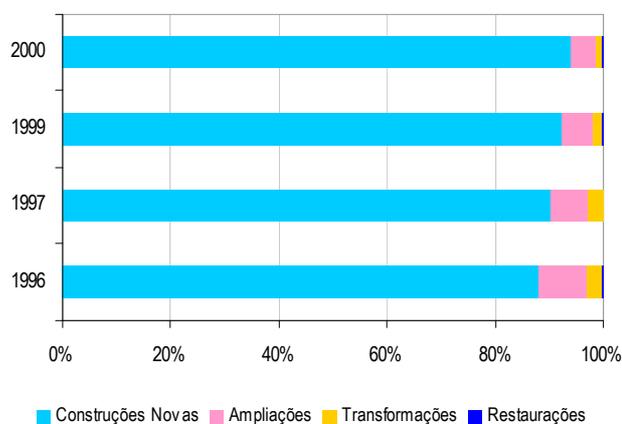
FIGURA 83 - LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO CONCEDIDAS POR TIPOLOGIA POR ANO (FONTE: INE)

	TOTAL		CONSTRUÇÕES NOVAS			AMPLIAÇÕES		TRANSFORMAÇÕES		RESTAURAÇÕES	
	EDIFÍCIOS	EDIFÍCIOS PARA HABITAÇÃO	EDIFÍCIOS	EDIFÍCIOS PARA HABITAÇÃO	FOGOS PARA HABITAÇÃO	EDIFÍCIOS	EDIFÍCIOS PARA HABITAÇÃO	EDIFÍCIOS	EDIFÍCIOS PARA HABITAÇÃO	EDIFÍCIOS	EDIFÍCIOS PARA HABITAÇÃO
1996	209	134	184	120	306	19	12	5	2	1	-
1997	307	196	275	179	424	20	16	9	1	-	-
1999	305	248	272	236	555	17	9	5	2	1	1
2000	295	226	275	212	589	14	12	3	2	1	-
2001	351	286	326	271	544	15	10	3	3	2	2

FIGURA 84 - EVOLUÇÃO DAS LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO PARA HABITAÇÃO E TOTAL NO PERÍODO 1996 A 2001 (FONTE: INE)

O sector residencial é o principal motor do mercado de construção, como se verifica na figura 83. No ano de 1997 houve o maior diferencial entre a construção total e a construção para habitação (indústria e serviços são responsáveis neste ano por 36% da construção em 1997).

FIGURA 85 - TIPOLOGIA DE LICENÇAS NO PERÍODO 1996 A 2001 (FONTE: INE)



No que se refere à tipologia das licenças concedidas, as ampliações, transformações e restaurações são em número insignificante comparativamente com as novas construções (figura 84).

4.2. POPULAÇÃO E ALOJAMENTOS

Em 2011 existiam no concelho 14 798 alojamentos para um total de 9 547 edifícios, o que perfaz um rácio de 1,6 alojamento/edifício.

Verificou-se um acréscimo de 28% nos alojamentos, face a 2001, sendo este acréscimo superior ao dos edifícios e ao rácio de 1,5 alojamentos/edifício em 2001. Confirma-se, assim, o aumento do número de alojamentos por edifício.

FIGURA 86 - TIPO DE ALOJAMENTO FAMILIARES NO CONCELHO E FREGUESIAS DE BENAVENTE (FONTE: INE 1991, 2001, 2011)

		Alojamentos familiares			
		Total	Clássicos	Não Clássicos	Colectivos
1991	Nº	8644	8595	49	18
	%	100	99	1	0
2001	Nº	11495	11440	55	13
	%	100	100	0	0
Var. 91-01		33,0	33,1	12,2	-27,8
2011	Nº	14728	14707	21	20
	%	100	100	0	0
Var. 01-11		28,1	28,6	-61,2	53,8

Relativamente ao tipo de alojamento a figura 86 reflecte a predominância dos alojamentos familiares clássicos nos anos em análise.

Segundo os dados dos Censos de 2011, existiam 14 728 alojamentos familiares, sendo que a sua totalidade constituíam alojamentos familiares clássicos.

Quando analisadas as variações por períodos censitários verifica-se que os alojamentos familiares clássicos aumentaram cerca de 29%.

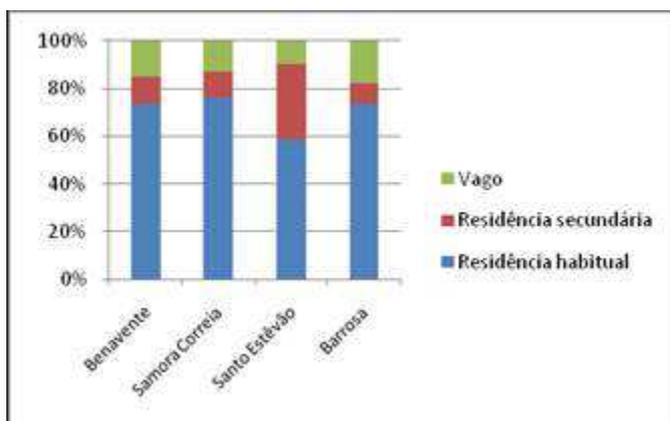
De referir, ainda, a pouca relevância dos alojamentos familiares colectivos, não obstante o seu aumento relativo.

FIGURA 87 - ALOJAMENTOS FAMILIARES SEGUNDO A FORMA DE OCUPAÇÃO NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE1991, 2001 E 2011)

		Alojamentos familiares			
		Total	Residência habitual	Uso sazonal ou secundário	Vagos
1991	Nº	8644	6092	1365	1187
	%	100	70	16	14
2001	Nº	11495	8285	1660	1550
	%	100	72	14	13
Var. 91-01		33,0	36,0	21,6	30,6
2011	Nº	14728	10876	1855	1997
	%	100	74	13	14
Var. 01-11		28,1	31,3	11,7	28,8

Analisando os alojamentos de acordo com a forma de ocupação (figura 87) verifica-se que em 2011, 74% dos alojamentos são ocupados como residência habitual, 14% estão vagos e 13% têm uma ocupação sazonal ou secundária.

No computo geral houve uma tendência para um aumento dos alojamentos familiares vagos com uma variação de 29% e dos alojamentos de uso sazonal e secundário, com 12%. Por outro lado, os alojamentos de residência habitual registaram uma acréscimo de 31%, menor que o crescimento de 36% da década anterior, 91-01.



Ao nível das freguesias em 2011 é em Santo Estêvão que o mercado da habitação secundária tem maior expressão – 32%, sendo na freguesia de Samora Correia que, em termos absolutos, os valores são mais elevados.

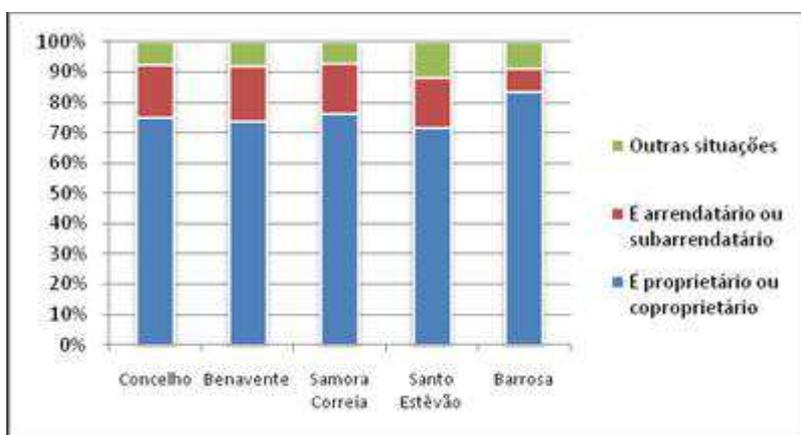
4.2.1. REGIME DE PROPRIEDADE

No ano de 2011, a maioria dos residentes eram os proprietários do alojamento no qual residiam (75%), muito embora existisse ainda um nicho de mercado de arrendamento - 17% dos alojamentos são arrendados. Contabilizam-se ainda 851 casos de outro tipo de situação de ocupação do alojamento.

Conforme se verifica na figura 88, o mercado de arrendamento é mais expressivo nas freguesias mais urbanas – Benavente e Samora Correia e praticamente inexistente na pequena freguesia de Barrosa.

FIGURA 88 - ALOJAMENTOS POR REGIME DE PROPRIEDADE (FONTE: INE 2011)

Unidade Territorial	Total	É proprietário ou coproprietário	%	É arrendatário ou subarrendatário	%	Outras situações	%
Concelho	10855	8156	75	1848	17	851	8
Benavente	3532	2599	74	653	18	280	8
Samora Correia	6287	4783	76	1047	17	457	7
Santo Estêvão	760	545	72	125	16	90	12
Barrosa	276	229	83	23	8	24	9



4.2.2. INDICADORES DE SALUBRIDADE E CONFORTO

Passando à análise qualitativa dos alojamentos no concelho (quadro da figura 89), conclui-se que a cobertura de electricidade, água e esgotos andam acima dos 90%, existindo algumas situações pontuais de carência. Nestes indicadores os alojamentos no concelho não apresentem grandes carências qualitativas, a não ser os mais antigos que apresentam algumas necessidades.

FIGURA 89 - ALOJAMENTOS/RESIDÊNCIA HABITUAL SEGUNDO O ACESSO ÀS REDES DE INFRA-ESTRUTURAS BÁSICAS (FONTE: INE 2001)

	CONCELHO	BARROSA	BENAVENTE	SAMORA CORREIA	SANTO ESTEVÃO
ALOJ. RESIDÊNCIA HABITUAL	8263	283	3018	4450	512
COM ELECTRICIDADE	8250	282	3014	4443	511
SEM ELECTRICIDADE	13	1	4	7	1
COM ÁGUA	8191	274	2993	4418	506
SEM ÁGUA	72	9	25	32	6
COM ESGOTOS	8180	271	2981	4425	503
SEM ESGOTOS	83	12	37	25	9

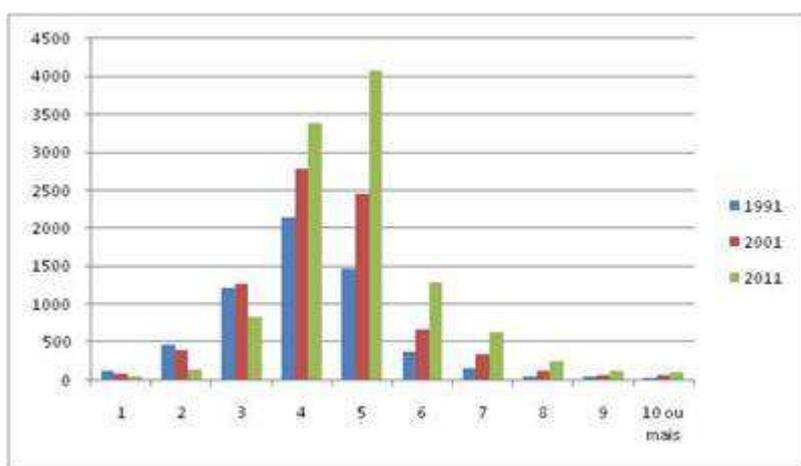
4.2.3. EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA HABITACIONAL FACE À EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA DE FAMÍLIA

Não havendo uma relação directa entre a dimensão dos agregados familiares e a dimensão de habitação potencialmente procurada, pode afirmar-se que existe uma grande probabilidade deste ser um factor de peso no momento da escolha. Um agregado familiar de 2 ou 3 pessoas seria de esperar que procurasse uma tipologia de, no máximo, 4 assoalhadas.

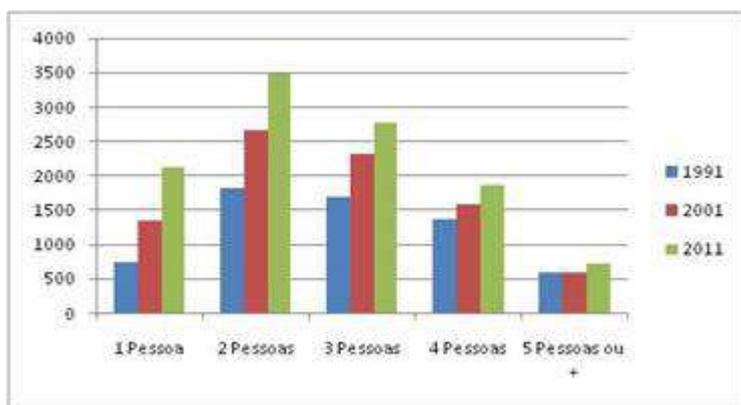
Assim, é importante averiguar se a evolução da tipologia de construção tem acompanhado a transformação do perfil das famílias ou, se pelo contrário, em Benavente, a procura de habitação não tem uma relação directa entre estes dois indicadores.

FIGURA 90 - ALOJAMENTOS CLÁSSICOS, OCUPADOS COMO RESIDÊNCIA HABITUAL, SEGUNDO O NÚMERO DE DIVISÕES, NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE2011)

	Total	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10 ou +
1991	6043	112	466	1212	2148	1467	375	157	43	36	27
2001	8230	81	393	1273	2785	2458	671	327	119	70	53
Var. % 91-01	36%	-28%	-16%	5%	30%	68%	79%	108%	177%	94%	96%
2011	10855	44	137	828	3384	4077	1287	633	250	115	100
Var. % 01-11	32%	-46%	-65%	-35%	22%	66%	92%	94%	110%	64%	89%

**FIGURA 91 - FAMÍLIAS CLÁSSICAS SEGUNDO A DIMENSÃO, NO CONCELHO DE BENAVENTE (FONTE: INE2011)**

	Total	1 Pessoa	2 Pessoa	3 Pessoa	4 Pessoa	5 Pessoas ou +
1991	6219	753	1816	1684	1369	597
2001	8483	1351	2657	2310	1578	587
Var. % 91-01	36%	79%	46%	37%	15%	5%
2011	10963	2122	3479	2766	1865	731
Var. % 01-11	29%	57%	31%	20%	18%	25%



Da leitura das figuras 90 e 91 é possível depreender que, tendo sido as famílias constituídas por uma e duas pessoas que registaram os aumentos mais significativos na última década intercensitária, as tipologias habitacionais mais construídas e ocupadas foram as de cinco divisões ou mais.

Apesar dos núcleos familiares diminuírem tendencialmente de dimensão, as habitações mais espaçosas, com maior número de divisões, aliadas ao enquadramento natural do concelho e proximidade da AML parecem tender a ser a imagem de marca do concelho de Benavente.

5. CONCLUSÃO

Terminado o estudo de caracterização do parque habitacional, é possível sistematizar os seguintes pontos:

- I. No concelho de Benavente continuam a predominar os edifícios de tipologia unifamiliar. No entanto, denota-se uma ligeira mudança na tipologia do edificado, tendo em conta o aumento no rácio de alojamentos/edifício.
- II. As freguesias mais dinâmicas no sector construtivo são as de Samora Correia e Benavente, tendo-se verificado um acréscimo no número de pisos por edifício nestas freguesias. Torna-se por isso relevante assegurar a qualidade dos espaços públicos e de lazer, nestas áreas, numa concertação entre promotores e poder local.
- III. Outra característica que ressalta desta análise é a idade do edificado no concelho, pelo que 37% dos edifícios têm cerca de 30 anos. Salienta-se, ainda o facto de ser no período de 1946 a 1970 que se regista o primeiro boom construtivo no concelho. Importa por isso pensar numa política de requalificação do edificado, recorrendo aos programas existentes para esse fim e promovendo-os junto da população.
- IV. O mercado de arrendamento parece tender a diminuir, sendo os alojamentos nele existentes já bastante antigos.
- V. Os alojamentos no concelho têm um uso “exclusivamente residencial”, apesar do crescimento do uso “principalmente residencial” ser já um valor a considerar. Este crescimento deve-se ao aumento da habitação multifamiliar, que normalmente associa o comércio à função residencial.
- VI. A sazonalidade e o fenómeno da segunda habitação tem uma dimensão relevante no concelho, sendo interessante perceber quais as interdependências a nível económico e os impactos a nível social.

- VII. Atendendo à existência de alojamentos vagos em número considerável no concelho, deve-se procurar entender se o mercado da habitação está a dar resposta à procura existente, não em termos quantitativos, mas sim qualitativos. A tendência de diminuição do nº de pessoas por família é um dado a considerar.

Sendo este um concelho com grande capacidade atractiva, devido à sua localização geográfica e, podendo esta aumentar devido às novas vias que já se encontram em construção, é essencial que se pense quais as áreas com melhor aptidão construtiva e quais as tipologias a propor para as mesmas, de forma a garantir, no futuro, uma qualidade urbana e de vida no concelho, sem pôr em causa valores naturais e sociais.

CAP 4 SÓCIO ECONOMIA
VER PLANTA 28 – ACTIVIDADES ECONÓMICAS



1. INTRODUÇÃO

A construção deste Estudo Sectorial tem como objectivo sintetizar os resultados de várias análises que vêm sendo efectuadas desde o início do processo de revisão do Plano Director Municipal de Benavente (PDM Benavente). Este exercício de síntese recorre à base de dados das principais funções ou actividades económicas identificadas no concelho de Benavente, aquando do levantamento de campo, bem como a toda a informação de caracterização da actividade industrial cedida pela Câmara Municipal de Benavente, nomeadamente o Diagnóstico Social. Esta informação é complementada por vários indicadores disponíveis, como são os do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Para além dos resultados de síntese, que se referem à territorialização das principais actividades económicas, agrupadas segundo a Classificação das Actividades Económicas (CAE), procede-se à sua problematização e apontamento de possíveis medidas conducentes à resolução dos primeiros.

Mais à frente serão apresentados os eixos estratégicos de intervenção referentes à dinamização da base económica do concelho.

2. POPULAÇÃO ACTIVA

Conhecer o perfil da população activa é importante no processo de caracterização da base económica local.

Os dados a seguir apresentados procuram caracterizar a população activa concelhia, de acordo com a sua situação face ao emprego, o seu nível de instrução e os sectores de actividade onde desempenham o seu trabalho. A principal fonte de informação para a concretização deste ponto é o Instituto Nacional de Estatística (INE).

2.1. SITUAÇÃO FACE AO EMPREGO

De acordo com o INE, de um total de 12746 activos registados em 2011, perto de 83% eram “trabalhadores por conta de outrem”. Os activos “empregadores” são o segundo quantitativo mais relevante, representando 10% do total (figura 92).

FIGURA 92 - POPULAÇÃO EMPREGADA SEGUNDO A SITUAÇÃO NA PROFISSÃO E DESEMPREGADA SEGUNDO A CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO (FONTE: INE2011)

Total	População empregada						População desempregada		
	Empregador	Trabalhador por Conta Própria	Trabalhador Familiar não Remunerado	Trabalhador por Conta de Outrem	Membro Activo de Cooperativa	Outra Situação	Procura 1º Emprego	Procura Novo Emprego	
Benavente	12746	1307	690	44	10570	9	126	281	1731
%		10,3%	5,4%	0,3%	82,9%	0,1%	1,0%	14,0%	86,0%

A população desempregada é de 2012 indivíduos estando na sua maioria à procura de novo emprego. Estes dados revelam uma taxa de actividade a nível concelhio de 51% e uma taxa de desemprego de 13,6%.

FIGURA 93 - TAXAS DE ACTIVIDADE E DESEMPREGO EM 1991, 2001 E 2011 (FONTE: INE)

	tx.actividade			tx.desemprego		
	1991	2001	2011	1991	2001	2011
Continente	44,9	48,4	47,6	6,1	6,9	13,2
Alentejo	42	45,4	45,3	9,2	8,4	12,8
Lezíria do Tejo	44,3	48,1	46,6	7,1	8,1	12,7
Benavente	48,7	52,4	50,9	7,3	7,4	13,6

Sendo os trabalhadores por conta de outrem o grupo mais significativo no concelho de Benavente, é importante perceber de que ramo de actividade são os estabelecimentos empregadores.

FIGURA 94 - TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM NOS ESTABELECIMENTOS SEGUNDO O SECTOR DE ACTIVIDADE E SEXO EM 2000 (FONTE: INE, ANUÁRIO ESTATÍSTICO DARLVT2002)

BENAVENTE	TOTAL			PRIMÁRIO			SECUNDÁRIO			TERCIÁRIO		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
6405	3825		2580	505	315	190	2944	1859	1085	2956	1651	1305

De acordo com o anuário estatístico da região de Lisboa e Vale do Tejo, os dados de 2000 apontam para um equilíbrio entre sector secundário e terciário (figura 94). Ou seja, é ainda visível a tradição industrial afirmada nas indústrias metalo-mecânicas, apesar de nos últimos anos a indústria transformadora conhecer neste concelho um maior desenvolvimento. O sector dos serviços e turismo são, apesar de tudo, o predominante no concelho.

O panorama regional é idêntico, no que se refere à distribuição dos activos empregados por conta de outrem ou por conta própria (figura 94). Importa referir que nesta situação o número de homens e de mulheres é equivalente, enquanto que na situação de trabalhadores por conta própria, apesar da sua reduzida representatividade, o número de trabalhadores do sexo masculino, quase duplica o número de trabalhadores do sexo feminino.

FIGURA 95 - POPULAÇÃO EMPREGADA POR SITUAÇÃO NA PROFISSÃO NA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO (FONTE: INE 2002)

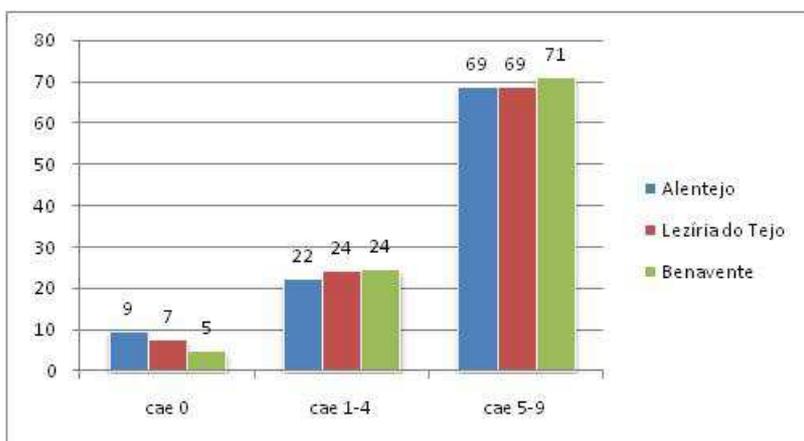
		LISBOA E VALE DO TEJO				
		1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE	MÉDIA ANUAL
POPULAÇÃO EMPREGADA	HM	1670,1	1680,2	1674,4	1642,9	1666,9
	H	908,3	907,5	902,7	888,7	901,8
	M	761,9	772,7	771,7	754,2	765,1
DA QUAL:						
TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM	HM	1340,8	1336,5	1344,8	1331,9	1338,5
	H	691,4	679,9	689,3	686,0	686,7
	M	649,3	656,6	655,5	646,0	651,9
TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA	HM	296,2	308,0	293,1	282,5	295,0
	H	203,3	213,1	198,6	189,9	201,2
	M	92,9	94,9	94,5	92,6	93,7

2.2. SECTOR DE ACTIVIDADE

A população activa, independentemente da sua situação face ao emprego, encontra-se maioritariamente a exercer funções no sector terciário (figura 96). A principal diferenciação entre o concelho e a Região é a maior percentagem de activos na indústria e menor na agricultura.

FIGURA 96 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTOR DE ACTIVIDADE (FONTE: INE, 2011)

	Total	CAE 0		CAE 1-4		CAE 5-9	
Alentejo	298691	28062	9%	65576	22%	205053	69%
Lezíria do Tejo	100637	7301	7%	24361	24%	68975	69%
Benavente	12746	612	5%	3101	24%	9033	71%



No que se refere à população empregada por profissão, observa-se que as categorias de profissões que contêm um maior número de trabalhadores são serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores; Trabalhadores Não Qualificados e os Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices. Os Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura,

da pesca e da floresta correspondem à categoria que emprega o menor número de activos da população.

FIGURA 97 - POPULAÇÃO EMPREGADA E PROFISSÃO (FONTE: INE, 2011)

Benavente	n.º	%
Total	12746	100
Grupo 1 CNP – Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos	987	7,7
Grupo 2 CNP – Especialistas das actividades intelectuais e científicas	1230	9,7
Grupo 3 CNP – Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário	1462	11,5
Grupo 4 CNP – Pessoal Administrativo	1470	11,5
Grupo 5 CNP – Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores	2474	19,4
Grupo 6 CNP – Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	346	2,7
Grupo 7 CNP – Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	1706	13,4
Grupo 8 CNP – Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1092	8,6
Grupo 9 CNP – Trabalhadores Não Qualificados	1848	14,5
Grupo 0 – Profissões das Forças Armadas	131	1,0

2.3. NÍVEL DE INSTRUÇÃO E IDADE DOS ACTIVOS

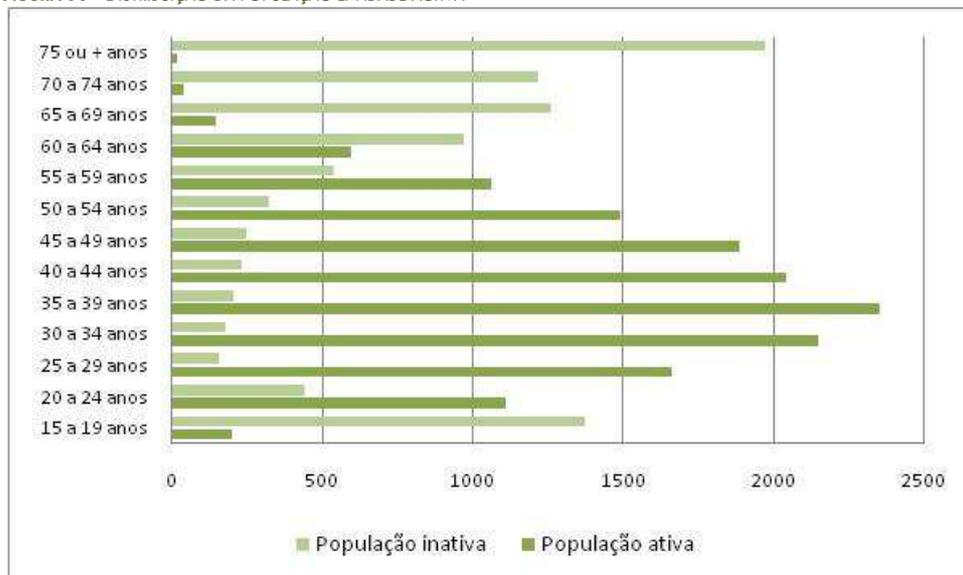
Estamos na presença de um município invulgarmente jovem no contexto nacional e regional, sendo relevante perceber se essa realidade é visível na população activa.

Para além da idade importa também conhecer o nível de instrução dos activos. Dado crucial para a sustentação de uma política de inovação com base no potencial endógeno encontrado localmente.

Com base nos censos 2011 da “população residente, com 15 ou mais anos, segundo o grupo etário e condição perante o trabalho (figura 98) e “população activa por grupo etário e nível de ensino” (figura 100), retira-se a informação seguinte.

FIGURA 98 - POPULAÇÃO RESIDENTE, COM 15 OU MAIS ANOS, SEGUNDO O GRUPO ETÁRIO E CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO (FONTE: INE 2011)

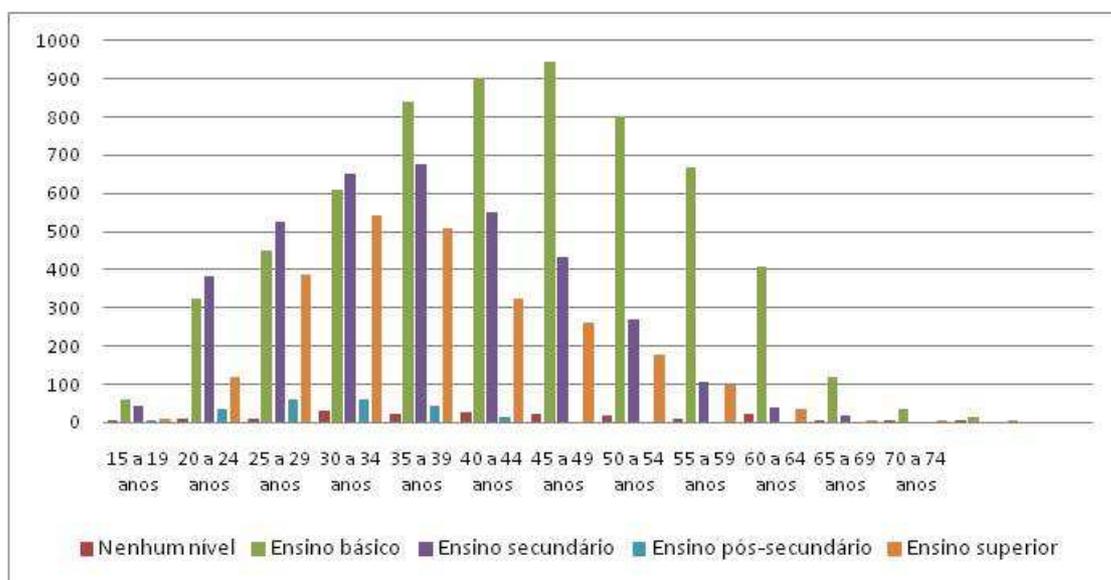
	TOTAL	15 A 19	20 A 24	25 A 29	30 A 34	35 A 39	40 A 44	45 A 49	50 A 54	55 A 59	60 A 64	65 A 69	70 A 74	75 OU +
População ativa	14758	201	1112	1663	2150	2353	2044	1888	1489	1062	595	146	40	15
População inativa	9115	1374	443	156	176	206	232	249	321	537	970	1262	1218	1971
Estudantes	1657	1279	315	42	10	1	3	2	4	1	0	0	0	0
Domésticas	910	7	20	24	60	79	90	96	110	131	148	67	37	41
Reformados, aposentados ou na reserva	5384	1	6	2	10	15	25	39	94	280	672	1170	1165	1905
Incapacitados permanentes para o trabalho	345	8	20	16	23	36	33	35	38	49	70	5	4	8
Outros	819	79	82	72	73	75	81	77	75	76	80	20	12	17

FIGURA 99 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM IDADE ACTIVA

Como se regista nas figuras 98 e 99, a maior percentagem de residentes activos encontra-se nos escalões dos 25 aos 59 anos. Sendo também de realçar que a população com mais de 15 anos sem actividade económica é constituída, em grande parte, por reformados e estudantes, havendo também um peso importante da classe “domésticas”. De acordo com a mesma fonte, a população activa do concelho de Benavente é bastante heterogénea em relação ao grau de ensino que possui. A educação mais representativa nos activos é o ensino básico, seguido do ensino secundário e ensino superior, conforme é apresentado no quadro da figura 100.

FIGURA 100 - POPULAÇÃO ACTIVA POR GRUPO ETÁRIO E NÍVEL DE ENSINO (FONTE: INE 2001)

Total	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69	70 a 74	75 ou +
Pop. com actividade económica	12746	112	869	1434	1898	2091	1815	1662	1270	887	507	146	15
Nenhum nível	182	1	11	8	31	24	26	20	17	11	23	3	2
EB - 1º ciclo	1892	0	13	24	54	106	175	283	345	430	333	100	19
EB - 2º ciclo	1459	18	60	96	137	267	297	262	184	95	33	7	3
EB - 3º ciclo	2829	43	251	331	419	467	431	399	275	145	43	12	11
Ensino secundário	3699	41	381	526	653	676	552	435	270	107	40	18	0
Ensino pós-secundário	213	1	34	61	61	44	12	0	0	0	0	0	0
Ensino superior	2472	8	119	388	543	507	322	263	179	99	35	6	2



Como se esquematiza no gráfico da figura 100, existe uma diferenciação em termos de nível de ensino entre os activos em idades mais jovens e activos mais velhos, ou seja, no primeiro grupo a formação predominante é ao nível do secundário e superior, enquanto no segundo grupo é o ensino básico. **A renovação da população activa é acompanhada pela crescente qualificação da mesma.**

Actualmente e atendendo aos valores registados para a região de Lisboa e Vale do Tejo (figura 101), Benavente configura-se como uma área de reserva de mão-de-obra e de espaço capaz

de suportar os irreversíveis processos de desconcentração económica e residencial da Grande Lisboa.

FIGURA 101 - POPULAÇÃO ACTIVA POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO NA RLVT (FONTE: INE, ANUÁRIO ESTATÍSTICO RLVT 2002)

	LISBOA E VALE DO TEJO				
	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE	MÉDIA ANUAL
POP. ACTIVA	1775,1	1790,5	1788,2	1778,2	1783,1
SEM INSTRUÇÃO	86,8	87,2	87,6	76,0	84,4
BÁSICO 1º CICLO	512,1	510,8	518,6	499,8	510,3
BÁSICO 2º CICLO	290,3	292,0	283,8	289,5	288,9
BÁSICO 3º CICLO	358,2	343,3	360,7	359,6	355,5
SECUNDÁRIO	297,3	313,5	302,2	303,6	304,2
SUPERIOR	230,5	243,6	235,2	250,2	239,9

A esta escala de análise verifica-se que, do total da população activa, a moda situa-se no 1º ciclo do Ensino Básico, estando os restantes uniformemente distribuídos pelo 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior. Observa-se ainda que uma minoria da população activa não tem nenhum nível de instrução.

3. ACTIVIDADES ECONÓMICAS DO CONCELHO

A localização geo-estratégica do concelho de Benavente, muito valorizada pela excelente rede de acessibilidades existentes e previstas, que visam reforçar as ligações do concelho ao Norte e ao Sul do país assim como ao Alto Alentejo e com a sua região fronteiriça, é determinante para a sua afirmação sócio-económica na região.

3.1. LOCALIZAÇÃO

Tão importante como conhecer o peso/representatividade de cada sector económico na estrutura sócio-produtiva do concelho é o conhecimento da sua distribuição no território. É evidente a influência da localização das actividades, não só na distribuição da população mas também no crescimento de cada um dos sectores económicos.

A localização da actividade terciária está tendencialmente associada às centralidades urbanas – locais mais atractivos do ponto de vista habitacional e do lazer. Por sua vez, a localização das actividades secundárias surge preferencialmente em locais mais periféricos, associados a eixos de distribuição viária que garantem uma fácil acessibilidade a trabalhadores e clientes. O sector agrícola é o mais influenciado por condições naturais, tais como constituição dos solos e presença de água.

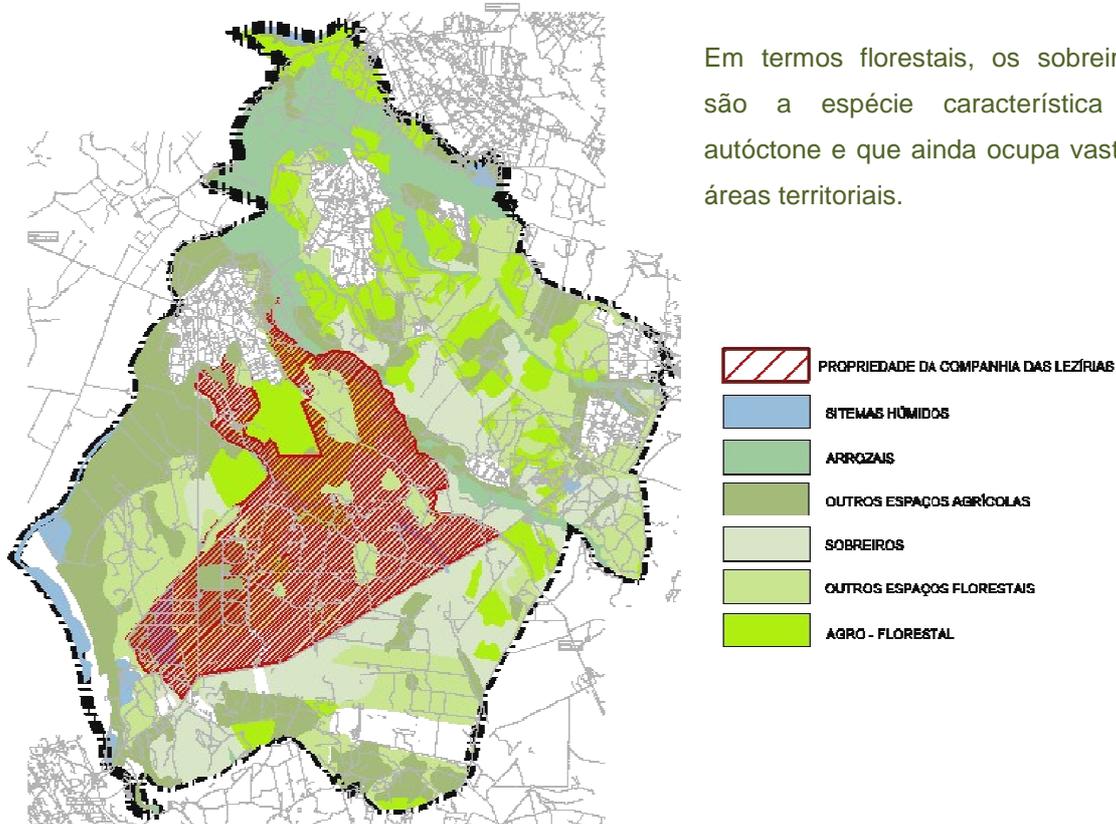
O padrão locativo das actividades económicas foi-se adaptando ao suporte natural presente e foi sendo a causa e o efeito da ocupação humana (residencial e vias) do concelho de Benavente e da região da Lezíria. A agricultura, tirando partido das características do solo e da presença de água abundante foi aparecendo diversificada e dispersa por todo o concelho. A indústria foi-se disseminando pelos aglomerados, próxima da mão-de-obra que a alimentava e mais recentemente localizada em espaços próprios servidos pelos principais canais de mobilidade. O comércio e serviços foram crescendo associados aos espaços residenciais e aos canais viários de atravessamento do concelho.

3.1.1. SECTOR PRIMÁRIO

Apesar da pouca expressividade em termos de emprego é a actividade primária que mais marca o território concelhio. As extensões territoriais ocupadas pela agricultura, floresta e agropecuária são amplas e diversificadas (figura 100).

Em termos agrícolas, destaca-se a cultura do arroz, associada aos espaços mais irrigados – aluviões. Estes espaços localizam-se fundamentalmente na envolvente dos rios Sorraia e Almansor. Para além desta cultura, a oliveira e a vinha são também importantes na economia agrícola.

FIGURA 102 - TERRITÓRIO AGRÍCOLA E FLORESTAL /SECTOR PRIMÁRIO



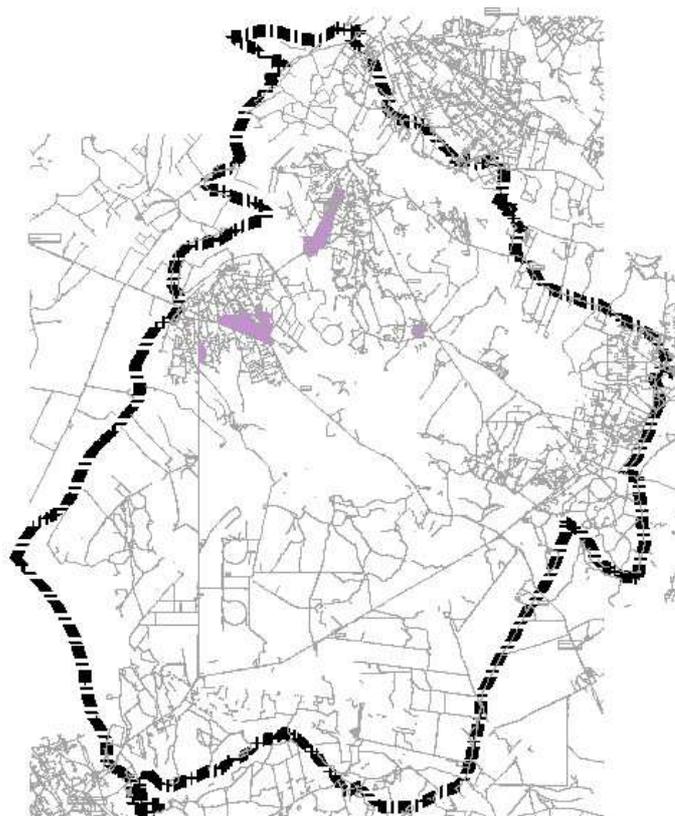
Para além das actividades ligadas ao solo, existe um sector de grande expressão ligado aos animais. A agro-pecuária é em Benavente uma actividade de referência, sendo a sua imagem de marca ligada ao cavalo. No entanto, existem também explorações de outras espécies animais (aves, bovinos e suínos são os mais relevantes).

Na agropecuária, em especial na fileira do cavalo, a Companhia das Lezírias tem um papel crucial e é nas suas propriedades que existem a maioria das infra-estruturas ligadas a esta actividade. É também aqui que começou a surgir a criação de porco preto.

3.1.2. SECTOR SECUNDÁRIO

Tendo sido em tempos a metalomecânica a actividade industrial de maior expressão, pode-se dizer que actualmente a industria tem uma base diversificada. Para além das pequenas unidades industriais que ainda povoam os aglomerados urbanos, há uma tendência cada vez mais expressiva de concentração industrial em espaços territorialmente identificados e servidos por infra-estruturas e acessibilidades adequadas, minimizando os impactos negativos que muitas vezes advêm da excessiva proximidade entre espaços industriais e espaços residenciais.

FIGURA 103 - ESPAÇOS DE LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL /SECTOR SECUNDÁRIO

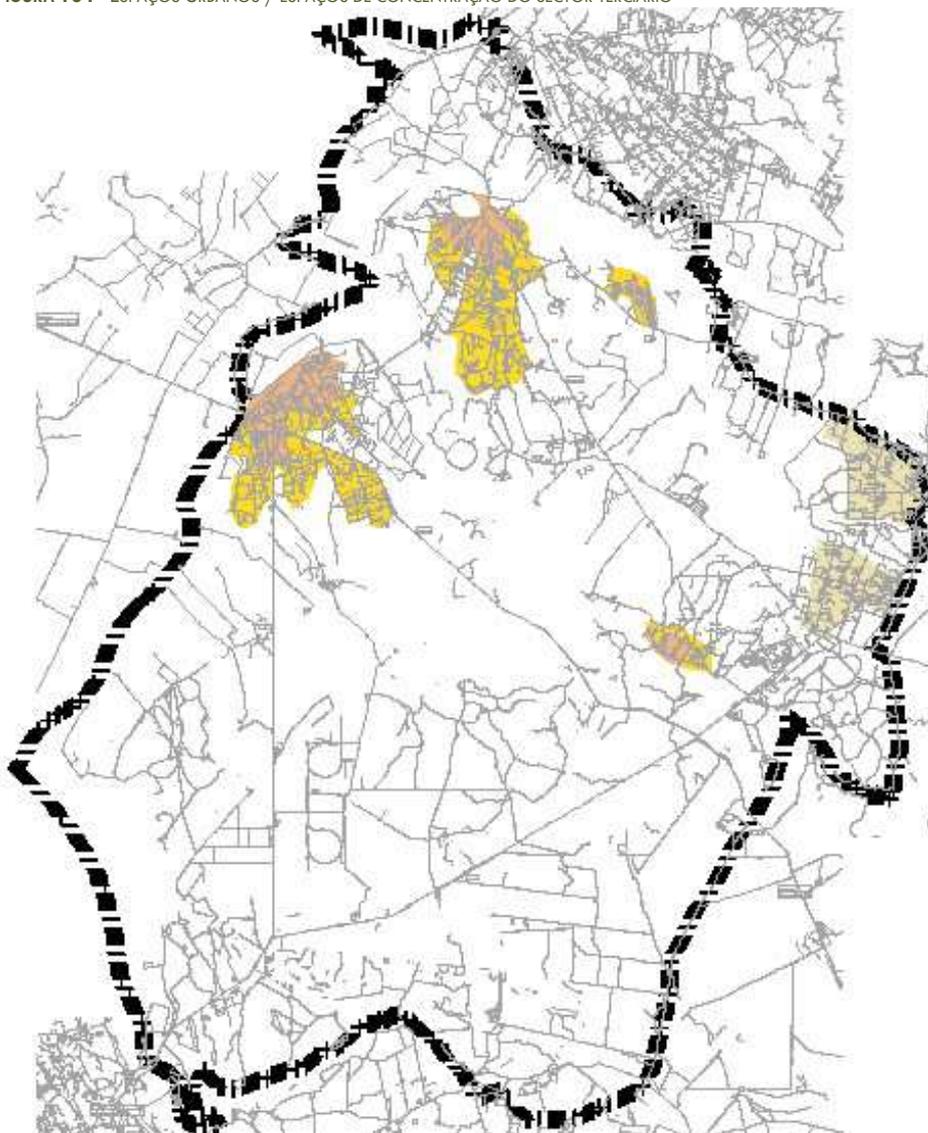


Em termos locativos existe uma maior concentração das actividades industriais na envolvente da EN10 e EN118, próximo dos principais espaços urbanos – Benavente e Samora Correia (Figura 101).

3.1.3. SECTOR TERCIÁRIO

Associado aos territórios urbanos existem o comércio e os serviços, com maior ou menor intensidade, conforme a dimensão e dinâmica desses mesmos territórios. No concelho de Benavente distingue-se a denominada coroa urbana – Benavente e Samora Correia, como espaço de maior concentração da actividade terciária. Santo Estêvão e Barrosa encontram-se num patamar distinto, sendo de referir que, fruto da existência dos empreendimentos turísticos Sto. Estêvão tem vindo a aumentar o número de unidades comerciais – restauração em especial.

FIGURA 104 - ESPAÇOS URBANOS / ESPAÇOS DE CONCENTRAÇÃO DO SECTOR TERCIÁRIO



3.2. CARACTERIZAÇÃO GERAL

3.2.1. SECTOR PRIMÁRIO

Para além do seu potencial endógeno de desenvolvimento, em Benavente a agricultura e a pecuária tem ainda alguma expressão, dado o usufruto das potencialidades ímpares de regadio do Vale do Tejo, exemplo dos arrozais, para além das suas famosas ganadarias e coudelarias.

Tendo como principal fonte a informação do Ministério da agricultura¹⁵ é elaborado um retrato concelhio.

No que diz respeito ao sector Agrícola, **produção animal, caça e silvicultura**, o Concelho de Benavente, apresenta uma extensa área com características marcadamente rurais onde as actividades agro-florestais têm uma importância relativa significativa. O concelho tem uma área de 521Km², dos quais 250Km² (cerca de metade do concelho) têm uso florestal e 34Km² têm uso agrícola.

No concelho cada unidade de produção tem uma superfície utilizada que vai desde os 20,45ha por exploração na freguesia de Benavente, até aos 104,69 ha por exploração na freguesia de Samora Correia (INE, 1999). Ou seja, a produtividade marginal de cada unidade produção pode ser muito significativa para a economia regional do concelho. O PDM em vigor que agora se revê considerava já o sector agrícola e agro-florestal como factor chave da sustentabilidade do concelho de Benavente.

A freguesia de Barrosa, sendo a mais pequena no concelho, é aquela cujo território tem uma maior ocupação relativa para a actividade agrícola (14,30%). No entanto, a freguesia cuja população mais depende da agricultura é a de St.º Estêvão, onde 373 dos 1381 habitantes se dedicam à agricultura, ou seja, 27%.

¹⁵ http://www.idrha.min-gricultura.pt/a_hidroagricolas/exploracao/ahsorraia.htm

FIGURA 105 - SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA (SAU) E POPULAÇÃO EMPREGUE NA AGRICULTURA (FONTE: INE, INDICADORES DA ACTIVIDADE AGRÍCOLA 1999 E 2001)

	BARROSA	St.º ESTEVÃO	S. CORREIA	BENAVENTE	TOTAL
SAU	1.024	3.347	26.590	5.707	36.668
ÁREA AGRÍCOLA	7.160	61.660	326.990	129.300	525.110
% NA FREGUESIA	14,30%	5,43%	8,13%	4,41%	7%
POPULAÇÃO AGRÍCOLA	50	373	633	628	1.684
POPULAÇÃO TOTAL	739	1.381	12.826	8.311	23.257
%	7%	27%	5%	8%	7%

As explorações de produção animal, nomeadamente os aviários e as vacarias estão localizados principalmente na freguesia de Benavente. Este tipo de actividades tem impactos importantes no território e no ambiente natural.

Uma caracterização mais detalhada é possibilitada pelos dados do recenseamento Geral da Agricultura de 1999 (figuras 103 a 104).

FIGURA 106 - DADOS GERAIS DO SECTOR AGRÍCOLA (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999)

	FREGUESIAS								CONCELHO	
	BENAVENTE		STO ESTEVÃO		BARROSA		SAMORA CORREIA		BENAVENTE	
	N.º EXPL.	VALOR	N.º EXPL.	VALOR	N.º EXPL.	VALOR	N.º EXPL.	VALOR	N.º EXPL.	VALOR
EXPLORAÇÕES (N.º E SUPERFÍCIE TOTAL)	279	6719	127	4605	22	1112	254	33670	682	46106
NATUREZA JURÍDICA DA EXPLORAÇÃO (N.º E SUPERFÍCIE TOTAL)										
PRODUTOR SINGULAR AUTÓNOMO	136	732	89	1357	7	28	203	1907	435	4025
PRODUTOR SINGULAR EMPRESÁRIO	113	3809	31	1328	12	825	24	4347	180	10309
SOCIEDADES	30	2178	7	1920	2	...	26	21866	65	26062
BALDIOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTADO E PESSOAS PÚBLICAS	-	-	-	-	1	...	1	...	2	...
OUTRAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA (SAU)	268	5707	127	3347	22	1024	253	26590	670	36668
POR CONTA PRÓPRIA	207	2810	116	1660	13	263	221	21652	557	26386
ARRENDAMENTO	86	2457	24	1165	11	749	42	4771	163	9142
OUTRAS FORMAS	29	440	6	521	1	...	24	167	60	1141
MATAS E FLORESTAS SEM SULT.SOB-COBERTO	16	548	26	1127	1	...	19	6465	62	8176
SUPERFÍCIE AGRÍCOLA NÃO UTILIZADA	15	37	5	16	-	-	12	18	32	70
OUTRAS SUPERFÍCIES	274	428	123	115	22	50	248	597	667	1191
SAU POR EXPLORAÇÃO		20,45		26,36		46,56		104,69		53,77
N.º DE BLOCOS COM SAU POR EXPLORAÇÃO		2,12		1,61		2		1,43		1,76
SUPERFÍCIE IRRIGÁVEL	245	4250	115	1330	20	410	238	15651	618	21641
POPULAÇÃO AGRÍCOLA		628		373		50		633		1684

Como já se referiu anteriormente é em Samora Correia que se encontra a maior superfície agrícola, sendo em Benavente que existe o maior número de explorações. As explorações têm

áreas agrícolas utilizadas de aproximadamente 104ha em Samora Correia, valor muito superior ao encontrado nas restantes freguesias.

No que se refere à natureza jurídica da exploração destaca-se as sociedades agrícolas em Benavente e Samora Correia, sendo os quantitativos maiores referentes a produtores singulares autónomos.

Sendo o produtor singular o mais significativo, é importante traçar o seu perfil, conhecendo assim qual a identidade do pilar da agricultura local.

De acordo com o recenseamento geral da agricultura, a maioria dos agricultores são do sexo masculino, com idade superior a 55 anos e apenas com o nível de ensino básico, sendo a agricultura a sua actividade principal (figura 105)

FIGURA 107 - CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR AGRÍCOLA SINGULAR (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999)

	FREGUESIAS				CONCELHO
	BENAVENTE	STO. ESTEVÃO	BARROSA	SAMORA CORREIA	BENAVENTE
	N.º DE INDIVÍDUOS				
PRODUTORES	249	120	19	227	615
SEXO					
HOMENS	204	105	17	204	530
MULHERES	45	15	2	23	85
IDADE					
< 25 ANOS	2	2	-	1	5
25 A < 40 ANOS	45	12	5	13	75
40 A < 55 ANOS	66	30	4	60	160
55 A < 65 ANOS	68	38	5	57	168
> = 65 ANOS	68	38	5	96	207
NÍVEL DE INSTRUÇÃO					
NENHUM	39	34	3	69	145
BÁSICO	179	76	16	141	412
SECUNDÁRIO	18	1	-	5	24
SUPERIOR	13	9	-	12	34
TEMPO DE TRABALHO AGRÍCOLA					
> 0 A < 50 %	132	72	5	155	364
> = 50% A < 100%	97	21	14	48	180
TEMPO COMPLETO	20	27	-	24	71
ACTIVIDADE EXTERIOR REMUNERADA					
PRINCIPAL	94	50	5	101	250
SECUNDÁRIA	7	5	1	6	19

No que se refere ao tipo de cultura encontrado no concelho, a maior superfície é ocupada por prados e pastagens permanentes, sendo a cultura de cereais para grão a segunda mais relevante (figura 106).

FIGURA 108 - UTILIZAÇÃO DAS TERRAS POR TIPO DE CULTURA (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999)

TIPO DE CULTURA	FREGUESIAS								CONCELHO	
	BENAVENTE		STO ESTEVÃO		BARROSA		SAMORA CORREIA		BENAVENTE	
	N.º EXPL.	SUPERFÍCIE	N.º EXPL.	SUPERFÍCIE	N.º EXPL.	SUPERFÍCIE	N.º EXPL.	SUPERFÍCIE	N.º EXPL.	SUPERFÍCIE
CEREAIS PARA GRÃO	106	2758	42	777	18	231	59	4239	225	8006
LEGUMINOSAS SECAS PARA GRÃO	1	...	1	...	-	-	2	...	4	80
PRADOS TEMPO RÁRIOS E CULT. FORRAGEIRAS	25	611	24	590	1	...	71	3650	121	4860
BATATA	52	153	14	46	3	5	43	189	112	393
CULTURAS INDUSTRIAIS	7	120	5	38	-	-	18	701	30	859
CULTURAS HORTÍCOLAS EXTENSIVAS	83	695	23	208	7	43	33	295	146	1242
CULTURAS HORTÍCOLAS INTENSIVAS	23	88	3	5	-	-	87	141	113	233
FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS	-	-	-	-	-	-	12	31	12	31
POUSIO	71	264	52	229	5	32	76	3896	204	4420
HORTA FAMILIAR	55	13	79	14	6	2	114	14	254	43
FRUTOS FRESCOS	23	16	44	16	-	-	18	9	85	40
CITRINOS	59	41	51	10	2	...	95	32	207	103
FRUTOS SUB-TROPICAIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FRUTOS SECOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OLIVAL	6	5	11	8	1	...	2	...	20	39
VINHA	55	70	64	58	1	...	51	128	171	258
VIVEIROS	-	-	1	...	1	-	-	-	1	...
PRADOS E PASTAGENS PERMANENTES	39	984	21	1377	4	678	58	13240	122	16279

As áreas das produções agrícolas permitem a mecanização da actividade e consequente aumento da produtividade. O número de equipamentos agrícolas existentes (figura 107) a nível concelhio é a prova desta realidade.

FIGURA 109 - EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS EXISTENTES (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999)

EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS	FREGUESIAS								CONCELHO	
	BENAVENTE		STO ESTEVÃO		BARROSA		SAMORA CORREIA		BENAVENTE	
	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º
TRATORES	186	334	67	107	18	29	123	299	394	769
< 55 cv	70	75	25	26	3	3	68	85	166	189
> = 55 cv	137	259	46	81	17	26	76	214	276	580
MOTOCULTIVADORES	21	21	8	9	-	-	40	42	69	72
MOTOENXADAS	7	7	2	...	1	...	10	10	20	20
MOTOCEIFEIRAS	3	3	1	...	-	-	2	...	6	6
DISTRIBUIDORES E ADUBOS E CORRECTIVOS	110	125	28	36	14	14	58	103	210	278
SEMEADORES	53	60	14	16	6	6	26	59	99	141
GADANHEIRAS	19	20	9	11	2	...	36	46	66	79
ENFARDADEIRAS	12	14	7	7	1	...	26	36	46	58
CEIFEIRAS DEBULHADORAS	22	23	6	6	2	...	14	20	44	51
PULVERIZADORES E POLVILHADORES	120	130	76	82	12	12	78	112	286	336

A pecuária tem uma forte expressão concelhia. As explorações de aves são em maior número comparativamente com as restantes espécies animais, seguidas dos bovinos e suínos que como já se referiu também têm um peso importante na economia agrícola (figura 108).

Um dos pontos fundamentais nesta matéria é a sustentabilidade ambiental destas explorações, ou seja, importa delinear um programa de acção que assegure o tratamento dos detritos e monitorize periodicamente o seu funcionamento. No que respeita às implicações territoriais que este tipo de actividades encerram, será possível propor um estudo de minimização de impactos paisagísticos que possam servir de guia em possíveis novos licenciamentos de explorações de produção animal.

FIGURA 110 - QUANTIFICAÇÃO DOS EFECTIVOS ANIMAIS (FONTE: RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA DE 1999)

	FREGUESIAS								CONCELHO	
	BENAVENTE		STO ESTEVÃO		BARROSA		SAMORA CORREIA		BENAVENTE	
	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º	N.º EXPL.	N.º
BOVINOS	39	4242	7	863	5	811	49	7731	100	13647
VACAS LEITEIRAS	4	706	-	-	-	-	4	109	8	815
OUTRAS VACAS	10	373	5	322	-	-	29	3749	44	4444
SUÍNOS	36	4075	35	64	3	6	41	12786	115	16931
FÊMEAS REPRODUTORAS	9	942	2	...	-	-	13	1387	24	2331
OVINOS	36	1484	24	1241	-	-	52	3310	112	6035
FÊMEAS REPRODUTORAS	33	1355	23	1095	-	-	52	2521	108	4971
CAPRINOS	4	34	6	42	-	-	5	35	15	111
FÊMEAS REPRODUTORAS	4	32	6	35	-	-	5	22	15	89
EQUÍDEOS	17	102	13	81	-	-	36	598	66	781
COELHOS	17	255	9	40	1	...	56	606	83	914
FÊMEAS REPRODUTORAS	12	35	8	14	1	...	52	154	73	204
AVES	104	107780	85	2623	7	218	161	4940	357	115561
FRANGOS DE CARNE	73	1028	63	753	5	53	118	1627	259	3461
GALINHAS POEIRAS E REPRODUTORAS	94	106044	78	475	7	67	148	1709	327	108295

Será necessário ainda no decorrer do processo de revisão, estudar a fundamentação possível para a exploração de novos segmentos de produção para mercados emergentes, nomeadamente a agricultura biológica, com produtos e métodos tradicionais da região. O objectivo será alcançar o selo de certificação de qualidade desses produtos. O turismo rural poderá ser outro aspecto importante a explorar e a integrar como componente do Modelo de Desenvolvimento de Base Municipal.

Finalmente, refira-se que Benavente tem um importante papel no fornecimento de produtos frescos à área envolvente, mormente a grande mancha urbana que é a AML. A exploração deste sector poderá reverter em mais-valias para o concelho.

ÂNCORAS DE DESENVOLVIMENTO DO SECTOR – COMPANHIA DAS LEZÍRIAS

(Texto adaptado de www.cl.pt)

A Companhia das Lezírias, devido à sua importância e expressão no contexto concelhio, poderá ter um importante papel impulsionador e coordenador sendo, portanto um parceiro privilegiado a considerar. A Companhia das Lezírias passou por muitas vicissitudes, sendo nacionalizada em 1975 e tendo passado, em 1989, a Sociedade Anónima de capitais

maioritariamente públicos. Desde 1997, a Companhia das Lezírias vem consolidando a sua situação, quer sob o ponto de vista tecnológico, quer financeiro, baseada numa filosofia de desenvolvimento sustentado.

A Companhia das Lezírias é a maior exploração agro-pecuária e florestal existente em Portugal, compreendendo a Lezíria de Vila Franca de Xira, a Charneca do Infantado, o Catapereiro e os Paus (Belmonte e Lavouras). A Lezíria está compreendida entre os rios Tejo e Sorraia e é subdividida pela Recta do Cabo (E.N. 10 entre Vila Franca de Xira e Porto Alto) em Lezíria Norte e Lezíria Sul. Lezíria Norte, constituída por cerca de 1.300 hectares explorados indirectamente (rendeiros). Lezíria Sul constituída por cerca de 5.000 hectares, dos quais 3.000 ha são explorados indirectamente (rendeiros) e 2.000 ha estão afectos a pastagens e/ou à produção de forragens. A seguir à área de pastagens/forragens, a cultura predominante é a do arroz num total de 650 hectares, seguida de 140 hectares de milho (sob pivot). Nos Paus de Belmonte e Lavouras, num total de 460 hectares, cultiva-se arroz.

ARROZ

A Cultura de arroz na Companhia das Lezírias remonta ao princípio do Século XIX. Em meados do Século XX já produzia 1 milhão de quilos. Entrados em pleno Século XXI, podemos assegurar que a evolução verificada nos sistemas de produção, nos permite cultivar uma área de 1110 hectares, com uma produção a rondar os 7 milhões de quilos, com os mais



elevados padrões de qualidade. Apesar de ser o maior produtor individual, a Companhia considera que não tem dimensão suficiente para implementar um processo industrial de transformação e comercialização de arroz, pelo que decidiu aderir a um agrupamento de produtores - Orivárzea -, contribuindo assim para uma melhor valorização do arroz produzido nesta região. Genuína e exclusivamente nacional, a produção de Arroz da Companhia das Lezírias está localizada em pleno Ribatejo, beneficiando de condições únicas para esta cultura.

Bem no coração do Estuário formado pela confluência dos Rios Tejo e Sorraia, a zona de produção tem por base as ricas terras de aluvião das Lezírias, e como céu a amenidade do clima Mediterrânico temperado com as Influências Atlânticas. Por outro lado, dado que a zona de produção está integrada na Zona de Protecção Especial à Reserva Natural do Estuário do Tejo, o sistema de produção, quer na mobilização dos solos, quer nos produtos utilizados na sua correcção, é especialmente cuidado tendo como preocupação a preservação da avifauna ali existente.



A conjugação favorável dos diferentes factores que influenciam a qualidade, condições de solo e clima, escolha criteriosa das sementes e variedades culturais, cuidadosos processos de produção e tecnologia avançada na sua preparação, só podiam resultar num produto absolutamente natural, de qualidade superior e directamente vocacionado para gosto da verdadeira cozinha portuguesa.

A cozinha tradicional portuguesa exige que o arroz utilizado tenha, como principal característica, uma boa capacidade de absorção dos condimentos e sabores que lhe são mais adequados. O Arroz produzido na Companhia das Lezírias, comercializado sob as marcas "Belmonte" e "Bom Sucesso", garante todas essas qualidades.

PRODUÇÃO FLORESTAL

Com cerca de 10.000 hectares a área florestal da Companhia das Lezírias, S.A., tem um povoamento diversificado com manchas das diversas espécies que o compõem, espalhadas por toda a propriedade, proporcionando uma paisagem variada e muito agradável.

As principais espécies são:

- 6.700 hectares - Sobreiro;
- hectares de Pinho bravo;
- 300 hectares de Pinho manso;
- 700 hectares de Eucalipto.

A floresta é explorada em uso múltiplo, destacando-se as seguintes actividades:

- Extracção de cortiça e lenha dos sobreiros.
- Corte de pinheiros bravos para madeira de serração e lenhas para estilha.
- Colheita das pinhas dos pinheiros mansos para produção de pinhão.
- Madeira de eucalipto para pasta de papel.
- Pastoreio.
- Caça.
- Agro-Turismo.
- Apicultura.

Com a colaboração do I.S.A. - Instituto Superior de Agronomia, foi elaborado em 1992 um "Plano de Ordenamento da Área Florestal da Companhia das Lezírias, S.A.", que contemplando todas estas actividades conduzirá a uma melhor gestão desta área, permitindo a sua certificação. O plano de ordenamento está a ser revisto actualmente.

A Companhia das Lezírias, S.A., como aliás o vem fazendo há longos anos, continua a investir na manutenção e melhoria da sua produção Florestal, realizando plantações, adensamentos e operações culturais indispensáveis ao bom desenvolvimento das várias espécies.

CORTIÇAS

Com mais de 6 500 hectares de sobreiros, a Companhia das Lezírias possui a maior área de montado de sobreiro em mancha contínua.

O cumprimento de um Plano de Ordenamento Florestal, elaborado por vários especialistas do ISA - Instituto Superior de Agronomia e da Estação Florestal Nacional, permite à Companhia das Lezírias proceder, todos os anos, a uma tiragem de cortiça, que apenas varia pelos rendimentos dependentes da estrutura de solos e do adensamento das parcelas.



A tiragem é realizada, habitualmente, de finais de Junho a princípios de Agosto. Toda a cortiça, após tiragem, é pesada na báscula da empresa e empilhada segundo as melhores técnicas, num parque fechado preparado para o efeito.

Quando se procede à tiragem, são enviadas para laboratório amostras de todas as parcelas, com o objectivo de determinar o teor de humidade e a classificação do produto.

Três semanas após a tiragem, a cortiça virgem e os bocados são pesados novamente para avaliar a quebra de humidade.

Habitualmente a cortiça é posta à venda em finais de Setembro por negociação directa, após consulta do mercado.

Neste processo cabe referir o apoio que é prestado pela Associação de Produtores Florestais de Coruche, à qual a companhia pertence desde a sua fundação.

Sendo o sobreiro uma árvore protegida sob o ponto de vista ambiental e muito interessante sob o ponto de vista económico, a Companhia das Lezírias quase todos os anos procede à plantação de alguns milhares de plantas, quer em novas áreas, quer no adensamento de outras.

Neste momento a Companhia das Lezírias, está a implementar um plano de instalação de prados permanentes com variadas consociações de sementes forrageiras, que irão garantir o fornecimento de alimentos para o vasto efectivo pecuário que a empresa tem.

PRODUÇÃO ANIMAL – CARNE BOVINO

A Companhia das Lezírias produz carne de bovino que, pela sua vinculação restrita a uma área geográfica delimitada - área da CL - e pelas suas condições específicas de produção, se diferencia de outros produtos similares existentes no mercado.

A especificidade da carne de bovino produzida na Companhia das Lezírias resulta sobretudo dos seguintes factores:

- Produção sob o Modo Biológico
- Produção exclusivamente na área da Companhia das Lezírias
- Produção integralmente em área protegida (RNET e sua ZPE)
- 2 raças autóctones (Preta e Mertolenga) como base genética
- Sistema extensivo
- Vacadas em pastoreio durante todo o ano (Lezíria e Charneca)
- Pastagens com uma composição florística muito característica
- Auto-produção da totalidade dos produtos forrageiros utilizados
- Formulação nutricional específica ajustada às forragens usadas
- Rastreabilidade electrónica da totalidade do efectivo reprodutor.



A MARCA



A produção da carne dos bovinos criados na Companhia das Lezírias processa-se de acordo com as condições definidas em Cadernos de Especificações aprovados oficialmente (Diários da República de 3 de Maio de 2001 e de 16 de Julho de 2001).

AS RAÇAS

Os bovinos criados na Companhia das Lezírias provêm de vacas das **raças autóctones** Mertolenga e Preta exploradas em linha pura, do seu cruzamento com reprodutores das raças Charolês e Limousine e de vacas cruzadas já resultantes destes cruzamentos.

IDENTIFICAÇÃO ANIMAL

Todas as vacas, touros reprodutores e novilhas de substituição da Companhia das Lezírias estão identificados electrónicamente, no âmbito do projecto-piloto europeu "IDEA" - garantia da máxima fiabilidade da sua identificação e rastreabilidade.

ÁREA GEOGRÁFICA

A área geográfica de produção da Carne " **COMPANHIA das LEZÍRIAS** " é constituída pelos cerca de 20.000 hectares da Companhia das Lezírias, localizada nos concelhos de Benavente, Vila Franca de Xira e Salvaterra de Magos.

As vacadas são exploradas em regime **extensivo** e sob o Modo de Produção Biológico. As pastagens e forragens têm uma composição florística característica dos ecossistemas (Lezíria e Charneca) em que as vacadas pastoreiam ao longo de todo o ano. As pastagens naturais e melhoradas, a bolota do montado, os restolhos das culturas cerealíferas, os pousios e os fenos e palhas produzidos na própria exploração, constituem a alimentação das vacadas da Companhia das Lezírias ao longo de todo o ano. A área de forragens, pastagens e restolhos cerealíferos é de cerca de 9.000 hectares, repartidos por Lezíria, Charneca e Catapereiro.

Para a eventualidade de ocorrência de carência forrageira decorrente de condições climatéricas adversas e para garantir forragem da melhor qualidade aos animais em cria, recria e engorda, a Companhia das Lezírias produz, todos os anos, **fenos** (luzerna e consociações de gramíneas + leguminosas), **palhas** (trigo, cevada e aveia) e eventualmente **silagem** de milho, em quantidades suficientes para todo o seu efectivo.

Assim, além de **pastagens** para pastoreio, a Companhia das Lezírias produz cerca de 3000 ton/ano de palhas e fenos, incluindo 1500-2000 ton de **feno de luzerna** para a alimentação na cria, recria e acabamento dos animais destinados à produção de carne.

Cria, Recria e Acabamento

Até ao desmame, as crias acompanham sempre as suas mães na pastagem.

Após o desmame, machos e fêmeas são separados e agrupados por grupos homogéneos, de forma a melhor potenciar as fases de recria e acabamento, consoante o objectivo a que se destina cada grupo (reposição do efectivo reprodutor ou produção de carne).

Os grupos de animais destinados à reposição do efectivo são mantidos em regime extensivo (pastagens e fenos/palhas produzidos na CL) e os destinados à produção de carne passam a um regime semi-intensivo - fenos/palhas produzidos na CL complementados com alimentos compostos especificamente formulados e produzidos para a CL de acordo com os Cadernos de Especificações aprovados oficialmente pelo Ministério da Agricultura.

VINHOS



O início da actividade vitícola da Companhia das Lezírias remonta ao ano de 1881, ano em que se instalou a vinha na charneca de Catapereiro. Essa área foi crescendo até 1934, ano em que a vinha atingiu o seu máximo expoente - cerca de 400 ha. As castas dominantes na altura eram o Periquita (Castelão) e o Bastardo.

Com o passar dos anos, a vinha foi sendo reestruturada, tendo a Companhia das Lezírias actualmente cerca de 120 ha de vinha, dos quais 65% da área é composta por castas tintas e os restantes 35% por castas brancas.

Entre as castas tintas, a variedade Castelão é maioritária, seguida pelas castas Trincadeira, Alicante-Bouschet, Aragonez, Touriga-Nacional, Cabernet Sauvignon, Syrah, Merlot, Touriga-Franca, Tinta Barroca e Tinto Cão. As castas brancas instaladas são o Fernão Pires, Trincadeira das Pratas, Arinto, Roupeiro, Tália, Verdelho e Vital.

Na vinha, têm vindo a efectuar uma grande reestruturação, sem menosprezar as castas nacionais mas instalando também outras castas que tão bem se adaptam nesta região vitícola.

Quanto aos vinhos, a nossa gama está organizada da seguinte forma: os vinhos com a denominação "Companhia das Lezírias" são englobados na Denominação de Origem Ribatejo e elaborados essencialmente a partir das castas Castelão, no caso do tinto, e Fernão Pires, no caso do vinho branco. Os vinhos tintos desta gama são estagiados em madeira nova de carvalho americano e francês, reunindo um conjunto único de tipicidade dentro da região Ribatejo em que se insere.

Os vinhos regionais possuem a designação "Catapereiro", sendo um lote das várias castas regionais instaladas na nossa vinha. No caso do regional tinto, e em anos em que tal se justifique, é seleccionado um pequeno lote de vinho que vai estagiar em pequenas barricas de carvalho francês, sendo depois engarrafado à parte, dando origem ao "Catapereiro Colheita Seleccionada". Estes vinhos são mais encorpados possuindo um potencial de guarda superior aos outros tintos produzidos na Companhia das Lezírias.



Os vinhos de mesa são vendidos sob a denominação "Senhora de Alcamé" sendo elaborados a partir de lotes de vinhos produzidos pela CL que não entram nas restantes marcas comerciais.

A Companhia das Lezírias, membro fundador da Rota da Vinha e do Vinho do Ribatejo, goza de uma localização excelente, que se repercute na qualidade dos nossos vinhos.

AZEITE



O Azeite da Companhia das Lezírias é uma nova área de negócio.

A produção de azeitona na Companhia das Lezírias não é uma actividade nova. Já no início do século XX, mais precisamente em 1910, sob a orientação do Dr. Cincinato da Costa, a Companhia das Lezírias instalou um olival com cerca de 200.000 pés.

Razões de ordem sanitária que afectaram as oliveiras, associadas a questões de pouca procura no mercado, conduziu a um crescente desinteresse pela actividade.

Ainda hoje existem vestígios desse olival que foi instalado entre o Catapereiro e o Monte das Cachopas.

A dispersão das árvores e o envelhecimento de que padecem, tornam difícil a sua recuperação em termos económicos.

Verificando-se, actualmente, um interesse crescente do mercado por azeites de qualidade, a Companhia das Lezírias decidiu retomar essa actividade em novos moldes e com o recurso a novas tecnologias. Nesse sentido foram instalados dois olivais, com sistemas de exploração e variedades diferentes, que permitiram à empresa retomar a produção de azeite.

EQUINOS

A história da COUDELARIA DA COMPANHIA DAS LEZÍRIAS, tem o seu início no século XIX. Apesar dos primeiros registos genealógicos existentes, datarem de 1896 e de serem conhecidas referências à presença, nessa data, de 331 cabeças de gado equino, a sua origem data certamente de 1836, data de fundação da então Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, uma vez que, os Relatórios da Direcção até 1841, data de início da actividade pecuária na C.L., referem como única espécie pecuária existente, até essa altura, cavalos no valor de 75\$600 réis. Em 1899 relata a Direcção que, segundo resumo tirado das contas, desde o ano de 1886, o gado cavalar deu um lucro liquido, em 14 anos, de 7.851\$054 réis.

Em 1905, demonstrando já alguma preocupação de selecção, a Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, participou com exemplares das raças Hackney, Luso-Árabe, Bético-Lusitana e Peninsular, numa celebre exposição realizada, pela Associação Central de Agricultura Portuguesa, na Tapada da Ajuda, que obtiveram vários prémios.

Contudo, só a partir de 1929 surgem os primeiros indícios de uma clara orientação zootécnica, com a adopção de critérios de selecção mais rigorosos, devido à inscrição das éguas na Comissão de Remonta do Exército, 72 cabeças registadas nessa data, tendo então surgido animais que ficaram celebres no panorama desportivo Nacional, tais como o **INCARO** e **INTRUSO**, que, montado por Luís Xavier de Brito, conquistou 11 Grandes Prémios. A partir de 1976, começou a verificar-se uma particular incidência na criação de animais de Raça Lusitana, tendo-se adquiridas éguas Ervideira, Duarte de Oliveira e da Sociedade Agrícola Couto de Fornilhos, que, juntamente com as já existentes, oriundas da Fonte Boa, foram padreadas pelos ganhões da Coudelaria Nacional: **MARQUÊS**, **MAQUEIRO**, **MAQUIM**, **PROJÉCTIL**, **JAPAZ**, **MILHO REI**, **LIMONERO**, **TENOR**, **CIPIÃO**, **BASTÃO** e **ONJITO**.

Por volta de 1983, aproveitando a excelente base genética existente, optou-se pela introdução de outras linhagens, procurando melhorar as formas e a funcionalidade, tendo desde então passado pela CL, para beneficiar as características dos efectivos, ganhões como o: **PIONEIRO**- José Maltez (Imperador x Hortense), **MARAVILHA** -Manuel Veiga (Boca-Negra x Toleirona), **FANDANGO**- Assunção Coimbra (Zelador x Boneca), **LAFÕES** -C.L. (Junco Chinês x Ema), **IMPOSSÍVEL**- João Nuncio (Coral x Hortelã), **LIDADOR**- Arsénio Cordeiro (Novilheiro x Barqueira), **QUARTILHO**- Ferraz da Costa (Opus-72 x Jaquema), **PANDEGO**- Manuel Abecassis (Yoke x Estampa), **INVULGAR**- Assunção Coimbra (Distinto x Traquina) e **SOLAR DOS PINHAIS** - Luis Ermiro de Moraes (Ninfa x Cenoura) . A política de selecção adoptada, que tem como princípios orientadores a funcionalidade em conjugação com a morfologia e andamentos, tem dado origem à obtenção de produtos de elevado nível e

reconhecida qualidade, confirmados, entre outros, pelo **LAFÕES** e **NUFAR** Campeões de Campeões na FNC, na Golegã, em 1996 e 1997, **PERFEITA** Égua de Ouro na Expoégua 2005, pelo **LOFE** , Campeão de Itália de Dressage, em 2002, com Eva Rosenthal, nas categorias de S. George e Intermediária I, ou pelo **IMPORTANTE** , no toureio, com Rui Salvador.

A Coudelaria da Companhia das Lezírias, dedica-se actualmente, em exclusivo, à criação do cavalo Puro-Sangue Lusitano, cujos produtos macho cria e aos três anos desbasta e comercializa, no mercado interno e externo.

ÂNCORAS DE DESENVOLVIMENTO DO SECTOR – APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DO VALE DO SORRAIA

http://www.idrha.min-agricultura.pt/a_hidroagricolas/exploracao/ahsorraia.htm

Este aproveitamento hidroagrícola constituído pelas Obras do Paúl de Magos, construído nos anos de 1933 a 1938, e do Vale do Sorraia, construído nos anos de 1951 a 1959, situa-se nos vales das ribeiras de Magos, Seda, Raia e Sôr e no rio Sorraia, nos concelhos de Ponte de Sor (531 hectares) e Avis (1.027 hectares), do distrito de Portalegre, no concelho de Mora (1.600 hectares), do distrito de Évora e, nos concelhos de Coruche (7.702 hectares), Benavente (4.132 hectares) e Salvaterra de Magos (1.359 hectares), do distrito de Santarém.

Este aproveitamento hidroagrícola beneficia uma área de 16.351 hectares, sendo 15.365 hectares da Obra do Vale do Sorraia, 535 hectares da Obra do Paúl de Magos, 427 hectares da Obra de defesa dos Campos de Salvaterra de Magos e 24 hectares dos Foros do Paúl de Coruche. Estas duas últimas Obras, embora não sejam dominados pelos perímetros de rega, encontram-se associados ao aproveitamento hidroagrícola do Vale do Sorraia, para efeitos de exploração e conservação.

EXPLORAÇÃO DA OBRA

Em 1938, iniciou-se a exploração e conservação da Obra do Paúl de Magos a cargo da Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola e em 1944 foi transferida para a Associação de Regantes e Beneficiários do Paúl de Magos. Mais tarde, em 1970, esta Obra foi integrada na Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Sorraia. A exploração e conservação da Obra do Vale do Sorraia iniciou-se em 1958, a cargo da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e em 1959 foi transferida para a Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Sorraia, com sede em Coruche, criada para o efeito por Alvará de 11 de Maio de 1956. Em 1970, foi integrada nesta Associação de Regantes e Beneficiários a Associação de Proprietários dos Campos de Salvaterra de Magos, e a Associação de Regantes e Beneficiários do Paúl de Magos.

O número de beneficiários varia de ano para ano, tendo-se apurado 1.722 em 1996.

SOLOS

Na área abrangida pelo aproveitamento hidroagrícola predominam os solos Hidromórficos Para-Aluviossilos de aluviões ou coluviais de textura pesada (Caa) e mediana (Ca) e os Aluviossilos Modernos Não Calcários de textura pesada (Aa) e mediana (A).

FONTES DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA

A água para a rega e fins industriais provém das albufeiras de Magos, localizada na ribeira de Magos, Montargil, localizada na ribeira de Sôr, e Maranhão, localizada na ribeira de Seda.

FIGURA 111 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS BARRAGENS

BARRAGEM	BARRAGEM DE MAGOS	BARRAGEM DE MONTARGIL	BARRAGEM DO MARANHÃO
BARRAGEM			
TIPO	TERRA	TERRA	TERRA
. ALTURA MÁXIMA ACIMA DO LEITO	15,0 M	36,0 M	49,0 M
. DESENVOLVIMENTO DO COROAMENTO	700,0 M	427,0 M	204,0 M
. LARGURA DO COROAMENTO (M)	5,0 M	12,0 M	10,0 M
ALBUFEIRA			
. BACIA HIDROGRÁFICA (KM2)	105,0	1186	2282
. ÁREA INUNDADA (HA)	131,0	1646	1.960
. COTA DO NPA (M)	16,68	80,00	130,0
. COTA DO NMC (M)	16,68	80,75	130,9
. CAPACIDADE TOTAL (HM3)	3,384	164,371	205,398
. CAPACIDADE ÚTIL (HM3)	3,000	142,771	180,898
. CAPACIDADE MORTA (HM3)	0,384	21,600	24,500

Deste aproveitamento hidroagrícola fazem ainda parte os açudes do Gameiro e Furadouro, situados na ribeira da Raia, estando este último 11Km a jusante do primeiro, os quais permitem a elevação do plano de água na ribeira para bombagem e derivação para os canais de rega.

FIGURA 112 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS AÇUDES

	AÇUDE DO GAMEIRO	AÇUDE DO FURADOURO
. TIPO	MISTO DE BETÃO E TERRA COM COMPORTAS	MISTO DE BETÃO E TERRA
. ALTURA MÁXIMA DO LEITO	16 M	14 M
. DESENVOLVIMENTO TOTAL	293 M	190 M
. PARTE EM BETÃO:		
— TROÇO GALGÁVEL	83 M	149 M
— TROÇO NÃO GALGÁVEL	45 M	—
.PARTE EM ATERRO	165 M	41 M

REDE DE REGA

A distribuição da água para a agricultura é efectuada por uma rede de rega com um desenvolvimento total de 395.026 metros, dos quais 124.876 metros constituem a rede primária (incluindo 11.996 metros do Paúl de Magos) e 270.150 metros a rede secundária. Na Obra do Paúl de Magos encontra-se instalada uma estação elevatória de rega e de enxugo sendo o caudal máximo a elevar de 800 l/s e uma outra suplementar equipada com uma bomba com motor Diesel. Na Obra do Vale do Sorraia encontram-se instaladas oito estações elevatórias de rega, dominando uma área de 1.614 hectares, (Chaminé, Barroca, Mora, Paço, Engal, Formosa, Bilrete e Borralho), cujas características se apresentam no quadro seguinte.

FIGURA 113 - CARACTERÍSTICAS DAS ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS DE REGA

	E.E. CHAMINE	E.E. BARROCA	E.E. MORA	E.E. PAÇO	E.E. ENGAL	E.E. FORMOSA	E.E. BILRETE	E.E. BORRALHO
CAUDAL MÁXIMO A ELEVAR (L/S)	200	200	200	250	275	280	1.150	1.150
ALTURA MANOMÉTRICA (M)	10	23,5	4 e 11,5	21	15	15,7	30	30
POTÊNCIA DOS MOTORES (CV)	41	85	3 e 52	110	85	85	220	220
NÚMERO DE UNIDADES	2	2	3	2	2	2	1	2

A estação elevatória de Bilrete foi construída no Canal de Salvaterra em 1986, tendo entrado em funcionamento em 1988, com a finalidade de bombear a água do rio, para reforço do caudal nos períodos de rega, quando necessário, e a da Borralha entrou em funcionamento em 1992. As restantes estações elevatórias foram construídas no início da construção da Obra do Vale do Sorraia.

REDE DE ENXUGO

Este aproveitamento hidroagrícola dispõe de uma rede de enxugo apenas na Várzea de Samora, Paúl de Magos e Campos de Salvaterra de Magos, com um desenvolvimento total de 110.044 metros.

a) Na Várzea de Samora a rede aí instalada tem um desenvolvimento de 71.987 metros e possui três estações elevatórias de enxugo cada uma com as seguintes características:

. CAUDAL MÁXIMO A ELEVAR	2.600	L/S
. ALTURA MANOMÉTRICA	3	M
. POTÊNCIA DOS MOTORES	110	CV
. NÚMERO DE UNIDADES	2	

b) No Paúl de Magos a rede de enxugo tem um desenvolvimento de 33.057 metros

c) Nos Campos de Salvaterra foram construídas valas periféricas com um desenvolvimento total de 5.000 metros.

Obras de defesa

As obras de defesa também foram construídas na Várzea de Samora, Paúl de Magos e Campos de Salvaterra. A Várzea de Samora dispõe de valados com um desenvolvimento de 24.550 metros e colectores de encosta com um comprimento total de 17.066 metros. O Paúl de Magos dispõe de um dique de defesa com 1.800 metros de desenvolvimento e nos Campos de Salvaterra existem vários diques com um desenvolvimento total de 11.000 metros.

Centrais hidroeléctricas

Neste aproveitamento hidroagrícola foram construídas três centrais hidroeléctricas (Maranhão, Montargil e Gameiro) com as seguintes características:

	GAMEIRO	MARANHÃO	MONTARGIL
. ENERGIA PRODUTÍVEL MÉDIA ANUAL (GWH)	2,86	13,1	5,9
. POTÊNCIA DAS TURBINAS (CV)	1.640	8.270	4.450
. POTÊNCIA DO ALTERNADOR (KVA)	1.360	7.500	4.000

A produção de energia eléctrica destas três centrais desde o início da sua exploração até finais de 1969 foi de 238.717.079 kWh.

Situação anual das reservas hídricas e respectivos consumos

No quadro da figura 22 apresentam-se os volumes de água armazenados no conjunto das três albufeiras deste aproveitamento hidroagrícola no início e fim de cada campanha de rega, bem como os volumes fornecidos à agricultura (rega), indústria e abastecimento às populações desde o ano de 1957.

Evolução das culturas e áreas regadas

A principal cultura deste aproveitamento é a do arroz, seguindo-se-lhe o milho, tomate e o pomar, como se pode observar no gráfico da Evolução das Principais Culturas e Áreas Regadas. Nos últimos anos tem-se verificado um acentuado aumento da área cultivada com milho híbrido. Em 1993 não se forneceu água à agricultura devido à insuficiência de água armazenada nas albufeiras. No quadro da figura 23 mostra-se a evolução das culturas e áreas regadas no período 1990-2000.

FIGURA 114 - ÁGUA ARMAZENADA E CONSUMIDA (MILHÕES DE M3)

ANOS	VOLUME ARMAZENADO		VOLUME CONSUMIDO		
	NO INÍCIO DA REGA	NO FIM DA REGA	REGA	INDÚSTRIA	TOTAIS
1963	373,800	142,276	173,848	1,082	174,930
1964	373,171	117,698	175,000	1,871	176,871
1965	351,932	160,151	188,830	2,087	190,917
1966	371,913	161,927	145,789	3,258	149,047
1967	366,094	125,612	156,549	4,013	160,562
1968	305,876	126,362	160,474	4,980	165,454
1969	374,741	167,853	152,478	4,151	156,629
1970	378,722	143,870	189,445	4,183	193,628
1971	346,600	168,535	169,734	3,861	173,595
1972	376,315	145,205	177,832	6,018	183,850
1973	308,355	112,757	164,827	5,437	170,264
1974	259,519	82,322	153,117	5,712	158,829
1975	291,234	120,459	151,206	5,600	156,806
1976	160,795	65,853	89,621	5,032	94,653
1977	351,464	180,874	156,627	5,450	162,077
1978	361,551	219,099	136,715	5,384	142,099
1979	370,929	209,649	145,653	5,400	151,053
1980	364,171	181,398	161,952	5,285	167,237
1981	192,926	54,772	124,676	3,952	128,628
1982	314,325	139,946	142,904	4,097	147,001
1983	163,572	57,224	96,957	5,313	102,270
1984	371,462	218,039	114,538	5,452	119,990
1985	374,659	211,506	120,100	5,116	125,216
1986	318,276	130,197	137,951	4,254	142,205
1987	358,962	153,661	125,940	3,957	129,897
1988	350,454	195,900	131,798	3,775	135,573
1989	260,267	96,689	137,936	5,132	143,068
1990	339,531	156,720	155,200	6,600	161,800
1991	340,614	107,200	151,800	5,900	157,700
1992	123,515	62,789	46,500	2,072	48,572
1993	108,428	93,701	-	2,345	2,345
1994	354,515	258,399	76,200	4,400	80,600
1995	315,860	173,714	113,400	3,600	117,000
1996	370,340	246,025	103,000	4,200	107,200
1997	356,000	208,300	98,200	3,000	101,200
1998	312,300	165,100	99,600	3,300	102,900

FIGURA 115 - EVOLUÇÃO DAS CULTURAS E ÁREAS REGADAS (HA)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Arroz	6.903	6.419	3.004	1.230	3.403	4.252	4.605	4.299	3.584	3.217	2.853
Milho	3.362	3.579	2.530	1.366	2.021	3.779	5.190	5.803	6.306	6.212	5.333
Tomate	1.716	1.565	682	1.279	1.425	1.423	1.202	1.372	1.167	1.359	899
Batata	5	13	3	2	6	80	2	19	15	6	2
Feijão	1	12	1	1	1	4	-	-	-	-	-
Pimentão	145	117	55	52	70	146	54	67	68	50	40
Couves	-	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-
Horta	271	267	161	74	179	201	159	137	126	118	104
Melão-melancia	88	121	78	173	77	52	63	82	53	38	26
Pomar	671	588	404	306	274	227	116	-	-	55	47
Prados e forragens	344	297	214	128	204	281	214	371	406	342	454
Girassol	50	106	1.068	5.194	3.341	1.075	562	77	102	118	234
Tabaco	317	327	54	62	101	96	107	104	117	101	68
Vinha	68	78	19	1	7	6	8	-	9	3	12
Olival	23	33	-	-	3	3	-	-	-	47	47
Beterraba	-	-	-	-	-	-	-	143	202	472	367
Arvenses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	242	394
Outras	20	22	1	2	23	709	87	98	126	52	12
Total regado	13.984	13.545	8.274	9.870	11.135	12.334	12.371	12.572	12.281	12.432	10.892

3.2.2. SECTOR SECUNDÁRIO

“Pelo Valor Acrescentado que geram e pela densificação e diversificação da matriz empresarial que proporcionam, a actividade industrial, nomeadamente a indústria transformadora, adquire uma preponderância particular na economia regional. Também por estas razões, a composição do tecido industrial no Vale do Tejo reflecte claramente a inequívoca importância das indústrias agro-alimentar, têxtil, vestuário e couro, metalomecânica e, mais recentemente, toda a fileira florestal. As indústrias do papel e artes gráficas e a dos minerais não metálicos possuem uma posição intermédia na malha produtiva da região. Por sua vez, e mais recentemente, a indústria de materiais de construção tem vindo a acentuar a sua preponderância, principalmente pelas oportunidades geradas pelo mercado da construção e obras públicas, em estreita relação com o desenvolvimento das infra-estruturas urbanas do Vale do Tejo” (As PME's na estrutura empresarial do Vale do Tejo, Governo Civil de Santarém 2003).

Em Benavente o tecido industrial é diversificado e encontra-se disperso por todas as freguesias do concelho. Numa tentativa de organização da actividade secundária, a câmara municipal investiu na criação de espaços industriais infra-estruturados – quadro da figura 24.

FIGURA 116 - LOTEAMENTOS INDUSTRIAIS NO CONCELHO DE BENAVENTE

	CARACTERIZAÇÃO DE LOTEAMENTOS INDUSTRIAIS				
	ÁREA (HA)	N.º DE LOTES	LOTES OCUPADOS	LOTES DISPONÍVEIS	% DE OCUPAÇÃO
QUINTA VERDE	52,06	8	3	5	37,5
VALE TRIPEIRO	281,59	35	14	21	40,0
MURTEIRA	384,88	53	33	20	62,0
PORTO ALTO	167,47	12	6	6	50,0

Os Loteamentos Industriais existentes no concelho de Benavente, excepção feita ao loteamento industrial da Murteira, que apresenta uma percentagem de ocupação na ordem dos 62%, apresentam actualmente uma reduzida taxa de ocupação, nomeadamente o L.I. Porto Alto – 50%, L.I. Vale Tripeiro – 40% e L.I. Quinta Verde – 37,5%.

FIGURA 117 - UNIDADES INDUSTRIAIS NO CONCELHO DE BENAVENTE

FREGUESIA DE SANTO ESTÊVÃO				
TIPO	CÓDIGO	NOME DA INDÚSTRIA	RAMO ACTIVIDADE	N.º TRABALHADORES
EMPRESA	5	O ZAMBUJEIRO (DESACTIVADA)	CARPINTARIA	
INDÚSTRIA	6	PANIFICADORA	FABRICO DE PÃO	
EMPRESA	8	VICTOR MANUEL MONTEIRO FREITAS	OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL	
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA / PORTO ALTO (NORTE DA A10)				
EMPRESA	29	CARLUSO	CONSTRUÇÕES DE SEMI-REBOQUES	
EMPRESA	30	CARPISAM	CARPINTARIA MECÂNICA	
EMPRESA	35	COFERIBA	FERRO E AÇO	
EMPRESA	37	CTR	INDÚSTRIA DE AMBIENTADORES	
EMPRESA	39	ELIS	FABRICAÇÃO DE ARTIGOS TÊXTEIS CONFECCIONADOS	
EMPRESA	42	FERMEA	SERRALHARIA E MONTAGEM DE ESCAPES	
EMPRESA	43	FERNANDO FERNANDES ALUMÍNIOS	CAIXILHARIA	
EMPRESA	45	FREIRE MÓVEIS	FABRICO DE MÓVEIS POR MEDIDA E EXPOSIÇÃO	
EMPRESA	49	GRAFOTEJO	TIPOGRAFIA E ARTES GRÁFICAS	
EMPRESA	53	HABIMONTA	MONTAGENS METÁLICAS	
EMPRESA	54	HIPERSACOS	FABRICO DE SACOS DE PLÁSTICO	
EMPRESA	62	JOÃO DIAS GRILO	OFICINA DE TRABALHOS EM MÁRMORE	
EMPRESA	63	JOÃO TOMÁS MARQUES	OFICINA DE TRABALHOS EM MÁRMORES E GRANITOS	
EMPRESA	67	LIME	SERRALHARIA CIVIL E MECÂNICA	
INDÚSTRIA	78	MATOS LUÍS	FÁBRICA DE PICKLES	
INDÚSTRIA	83	METALOMECÂNICA	METALOMECÂNICA	
INDÚSTRIA	84	METALOMECÂNICA J. M.	METALOMECÂNICA	
EMPRESA	86	METALÚRGICA RUI MACHADO	METALÚRGICA	
EMPRESA	93	PARAGLAS	FABRICAÇÃO DE ACRÍLICOS	
INDÚSTRIA	104	RIBATRIPAS	LAVAGEM DE TRIPAS	
INDÚSTRIA	105	SABAMAR	INDÚSTRIA DE PEIXE CONGELADO	31
INDÚSTRIA	106	SAMOINOX	METALOMECÂNICA	
INDÚSTRIA	116	SOCIEDADE PANIFICADORA SAMORENSE	PANIFICADORA	
INDÚSTRIA	119	SOC TIP	TIPOGRAFIA	
INDÚSTRIA	127	TT TECNOTRÓNICA	FABRICO E COMÉRCIO DE COMPONENTES ELECTRÓNICOS	
EMPRESA	129	VIRGÍLIO DA SILVA MATOS	CARPINTARIA MECÂNICA	
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA / PORTO ALTO (SUL DA A10)				
EMPRESA	2	ADELINA MATEUS OLIVEIRA SERRA	FLORICULTORA	
EMPRESA	3	ALBINO DA SILVA SOARES	SERRALHARIA	
EMPRESA	26	EMBAVIL	FABRICO DE EMBALAGENS DE PLÁSTICO	
EMPRESA	33	FLORICULTURA DO PORTO ALTO	FLORICULTORA	
EMPRESA	39	INCOMPOL	INDÚSTRIA DE COMPONENTES ELECTRÓNICOS	
EMPRESA	45	LARANJINHA	CONSTRUÇÕES METÁLICAS	
EMPRESA	46	LEOCARNES	COMÉRCIO POR GROSSO DE CARNES	
EMPRESA	48	LOURENTRANS	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	49	LUÍS MÁXIMO DOS SANTOS	FLORICULTOR	
EMPRESA	57	PRASEC	SERRAÇÃO	
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA / ARADOS				
EMPRESA	1	JOÃO DE DEUS	FÁBRICA DE RADIADORES PARA VEÍCULOS AUTOMÓVEIS	435
FREGUESIA DE BENAVENTE				
EMPRESA	14	BRANCO E CARVALHO	METALÚRGICA	
EMPRESA	34	ITACO	INDÚSTRIA DE LAVAGEM DE ALUMÍNIOS	
EMPRESA	35	JOAQUIM JUSTINO SOUSA	TORNEARIA MECÂNICA	
EMPRESA	36	JOAQUIM RODRIGUES DE ALMEIDA IDEFONSO	SERRALHARIA	
EMPRESA	37	JOMAPE	INDÚSTRIA MECÂNICA	
EMPRESA	38	JORGE BORGES	SERRALHEIRO CIVIL DE ALUMÍNIOS	
EMPRESA	42	MACILVAC	METALOMECÂNICA	
EMPRESA	44	MARIA ANTÓNIA	FÁBRICA DE DOCES	
EMPRESA	45	MARTIFER	CONSTRUÇÕES DE ESTRUTURAS METÁLICAS	
EMPRESA	48	JOSÉ LUÍS ROCHA	METALOMECÂNICA	
EMPRESA	49	METALÚRGICA BENAVENTENSE	METALÚRGICA	
EMPRESA	51	MILUPA	FÁBRICA DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL	
EMPRESA	55	SCA / NISA	INDÚSTRIA TRANSFORMADORA DE CELULOSE E PAPEL	155
EMPRESA	61	PANIFICADORA BENAVENTENSE	PANIFICAÇÃO	
EMPRESA	64	PEDRO R. FIRMINO	SERRALHARIA CIVIL	
EMPRESA	73	----	CORTE DE LENHAS	
EMPRESA	75	SILVEX	INDÚSTRIA TRANSFORMADORA DE PLÁSTICOS E PAPÉIS	

EMPRESA	76	SOTANCRO	FABRICO DE EMBALAGENS DE VIDRO	
EMPRESA	84	THYSSEN HUNNEBECK PORTUGAL	ESTRUTURAS DE CONSTRUÇÕES METÁLICAS	
EMPRESA	90	VENTALCO RAÇÕES	FABRICO E COMÉRCIO DE RAÇÕES	
FREGUESIA DE STO ESTEVÃO - FOROS DE ALMADA				
EMPRESA	6	SOCIDESTILDA	DESTILAÇÃO DE ÓLEOS ESSÊNCIAIS	
EMPRESA	7	ORIVÁRZEA, S.A.	DESCASQUE DE ARROZ	
FREGUESIA DE BENAVENTE - GATINHEIRAS				
INDÚSTRIA	1	INDUSTRIA DE ALIMENTAÇÃO IDAL, LDA.	INDÚSTRIA ALIMENTAR	262
FREGUESIA DE BENAVENTE - COITADINHA				
EMPRESA	2	RANDON IBÉRICA	FÁBRICA DE MATERIAL DE TRANSPORTE	

Como se verifica pelo quadro acima apresentado, existe um tecido industrial diversificado que se localiza fundamentalmente nas freguesias de Benavente e Samora Correia, nesta última com especial destaque para Porto Alto. Sendo uma matriz bastante heterogénea, parece haver uma predominância da metalomecânica e da indústria alimentar.

Indústria Extractiva

As actividades relacionadas com a indústria extractiva deverão seguir os mesmos padrões directivos das actividades de produção animal, ou seja, o cumprimento da legislação aplicável em matéria de ambiente e minimização de impactes.

FIGURA 118 - ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS RELACIONADOS COM EXTRACÇÃO DE INERTES EM BENAVENTE

PROC. N.º	INDUSTRIAL	LOCAL	FREGUESIA	CAE	TIPO	N.º TRAB.	KVA	ACTIVIDADE
RG 758 (*)	JOÃO DIAS GRILO	RUA DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS	SAMORA CORREIA	26701	4	4	20.7	FABRICAÇÃO DE ARTIGOS DE MÁRMORES E ROCHAS SIMILARES
RG 29	TEODORO GOMES ALHO & FILHOS, LDA.	SESMARIA DA ASSEISSEIRA	BENAVENTE	142101	2	9	630	LAVAGEM E CLASSIFICAÇÃO DE AREIAS E BRITAGEM DE SEIXO
RG 229	A.P. AREIAS, S A	BENAVENTE	BENAVENTE	142101	2	4	300	BRITAGEM, LAVAGEM, CLASSIFICAÇÃO E MOAGEM DE AREIA
RG 804	ZUBAREIA II AREIAS S A	HERDADE ARNEIRO DOS COELHOS	BENAVENTE	142101	3	5	232	CLASSIFICAÇÃO E BRITAGEM DE SEIXOS E AREIAS
RG 849	TEODORO GOMES ALHO & FILHOS, LDA.	QUINTA DA AMEIRA	BENAVENTE	141101	2	3	620	BRITAGEM, LAVAGEM E CLASSIFICAÇÃO DE PEDRA
RG 855	ACORIL EMPREITEIROS, S A	HERDADE DE ALMADA	BENAVENTE	142101	2	2	365	BRITAGEM DE SEIXO E LAVAGEM E CLASSIFICAÇÃO DE SEIXO E AREIAS

(*) Processo enviado para a CM em 07-05-2004

FIGURA 119 - PEDREIRAS NO CONCELHO DE BENAVENTE

PED. N.º	INDUSTRIAL	LOCAL	FREGUESIA	SUBSTÂNCIA
5698	A.P. AREIAS, S A	BENAVENTE	BENAVENTE	ÁREA COMUM
6237	ZUBAREIA II AREIAS S A	HERDADE ARNEIRO DOS COELHOS	BENAVENTE	ÁREA COMUM
6291	TEODORO GOMES ALHO & FILHOS, LDA.	HERDADE DA AMEIRA	BENAVENTE	ÁREA COMUM
6482	COMPANHIA DAS LEZÍRIAS, S A	CATAPEREIRO	SAMORA CORREIA	ÁREA COMUM

A indústria extractiva deve ser devidamente monitorizada, uma vez que o seu impacto na transformação da paisagem é elevado e pode colidir com uma estratégia de desenvolvimento sustentável e de aproveitamento do potencial turístico.

FIGURA 120 - NERSANT (FONTE: [HTTP://WWW.NERSANT.PT/SAPORTAL](http://www.nersant.pt/SAPORTAL))

Em termos associativos importa referir que o concelho de Benavente pertence à associação empresarial da região de Santarém – NERSANT. A NERSANT é uma Associação Empresarial sem fins lucrativos, que foi constituída em 1988. Tem como objectivo global promover e estimular o desenvolvimento das actividades económicas da Região de Santarém, a iniciativa privada e o desenvolvimento da economia de mercado e, em particular, assumir-se como entidade interventora do desenvolvimento regional, melhorar a envolvente empresarial da Região e reforçar a competitividade regional.



No que diz respeito às Indústrias transformadora, de transportes e armazenagem, a proximidade da AML e a necessidade da manutenção de recursos logísticos à sua volta têm funcionado a favor do crescimento do tecido empresarial em Benavente, devido à sua localização geográfica e à organização da rede viária no concelho. O forte potencial de localização de actividades de logística e de armazenagem é visível pela ocupação existente ao longo das Estradas Nacionais 110 e 118, com a presença de um grande número de armazéns, unidades de transformação e empresas de transporte. Contudo, a sucessiva instalação de novas unidades não foi pensada e acompanhada de um processo de planeamento, que permitisse ordenar e dimensionar o território à medida destas actividades, principalmente em termos de rede viária de serviço. O reencaminhamento deste tipo de actividades deverá ter em conta a nova realidade da rede de vias rodoviárias (IC3, IC11 e A13).

3.2.3. SECTOR TERCIÁRIO

Na sequência da apresentação e localização das Actividades Económicas do Concelho e no que diz respeito ao Comércio por grosso e a retalho, as principais actividades económicas terciárias, correspondentes à oferta de géneros de consumo e de serviços, estão localizadas nos núcleos urbanos de Benavente e Samora Correia

Os centros urbanos de menor escala têm um nível de oferta mais reduzido em termos de oferta do sector terciário. Este sector económico tem uma maior importância relativamente aos sectores de produção primária e transformador, já que 67% das sociedades registadas pertencem ao sector do comércio e serviços (INE, 2002).

FIGURA 121 - UNIDADES DO SECTOR TERCIÁRIO NO CONCELHO DE BENAVENTE

FREGUESIA DE SANTO ESTEVÃO			
TIPO	NOME DA INDÚSTRIA	RAMO ACTIVIDADE	N.º TRABALHADORES
EMPRESA	ANTÓNIO JOSÉ OLIVEIRA CORREIA	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	CLÍNICA VETERINÁRIA DE S ESTEVÃO	MEDICINA E CIRURGIA DE EQUINOS	
EMPRESA	GARAGEM DE STO ESTEVÃO	RECAUCHUTAGEM E LIMPEZA AUTO	
EMPRESA	JOÃO REGO	COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA / PORTO ALTO (NORTE DA A10)			
TIPO	NOME DA INDÚSTRIA	RAMO ACTIVIDADE	N.º TRABALHADORES
EMPRESA	ABRANTINA	CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA CIVIL	
EMPRESA	AÇOMONTA	MONTAGENS DE ARRADURAS	
EMPRESA	AGOSTINHO E CARRASCO	COMÉRCIO POR GROSSO DE FRUTAS	
EMPRESA	ALAN	ARMAZÉM DE MALAS, LINGERIE E CALÇADO	
EMPRESA	AO SOL	ÁGUA QUENTE, CLIMATIZAÇÃO E ELECTRICIDADE	
EMPRESA	JINLIM, IMPORTAÇÃO LDA	ARMAZÉM CHINÊS	
EMPRESA	AQUEMOFER	IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO	
EMPRESA	ARMAZÉM CHINÊS	ARMAZÉM CHINÊS (LOJAS 1,5€)	
EMPRESA	SHUN FA	ARMAZÉM CHINÊS	
EMPRESA	ASTEL	DUMPERS, GRUAS EM CAMIÕES, CONTENTORES E HIDRÁULICA	
EMPRESA	ATLANTIC CARGO	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	AUTO-MADRAGOA+GUILHERME AUTO	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AUTO-PAULENE	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AUTO ALTO DO CATALÃO	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AUTO MECÂNICA MONIZ	OFICINA DE MECÂNICA E ELECTRICIDADE AUTO	
EMPRESA	KARTINTAS	MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
EMPRESA	AUTOMECÂNICA SAMORENSE RAMOS	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AUTORETIRO DO PORTO ALTO	OFICINA DE MECÂNICA	
EMPRESA	BENALIMPA	SERVIÇOS E COMÉRCIO DE PRODUTOS DE LIMPEZA	
EMPRESA	BETOFER	PRÉ-FABRICADOS	
EMPRESA	BOUGAFLORE	COMÉRCIO DE FLORES E PLANTAS	
EMPRESA	BRINDE ÚNICO	COMÉRCIO DE TUDO (LOJAS DO 1,5€)	
EMPRESA	CAPPA – COOPERATIVA AGRÍCOLA POLIVALENTE PORTO ALTO	COOPERATIVA AGRÍCOLA	
EMPRESA	CAIXILHARIA SAMORENSE	CAIXILHARIA DE ALUMÍNIO E ESTORES	
EMPRESA	CANDY E HOOVER	ARMAZÉM	
EMPRESA	CARDOSO E GASPAR ALUMÍNIOS	OFICINA DE TRABALHOS EM ALUMÍNIO	
EMPRESA	CHINA & PORTUGAL INTERNACIONAL	COMÉRCIO DE VESTUÁRIO	
EMPRESA	CILGRAVE	GRAVAÇÃO ELECTRÓNICA DE CILINDROS	
EMPRESA	CNR – CENTRO NACIONAL DE RETALHISTA	CENTRO NACIONAL RETALHISTA	
EMPRESA	CNS – HIPER GROSSISTA CENTRO NORTE SUL	ARMAZÉM DE REVENDA DE VESTUÁRIO	
EMPRESA	CORIGRUAS	ALUGUER DE MÁQUINAS E EQUIP. CONSTRUÇÃO CIVIL	
EMPRESA	DAVID, BONA CATALINO	OFICINA DE PINTURA E BATE-CHAPAS	
EMPRESA	EQUIBETÃO	ALUGUER DE EQUIPAMENTOS E PEÇAS PARA BETÃO	
EMPRESA	EUROMODOLO	CABINES E CONTENTORES	
EMPRESA	FINNCO	PACKAGING	

EMPRESA	GENILAR	COMÉRCIO DE UTENSÍLIOS E DECORAÇÃO PARA O LAR	
EMPRESA	GONÇALVES E FONSECA & CIA	SECAGEM DE MILHO	
EMPRESA	GUARDIAN GLASS E.	COMÉRCIO DE VIDROS	
EMPRESA	GUILHERMAUTO	OFICINA E MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS	
EMPRESA	HABIMETAL	VENDA E ALUGUER DE PRÉ-FABRICADOS	
EMPRESA	IGNICAR	COMÉRCIO E REPARAÇÃO ELECTRICIDADE AUTO	
EMPRESA	JOÃO DE DEUS (N.º1 ARADOS)	ARMAZÉM	
EMPRESA	LIN \$ JAN, LDA	ARMAZÉM CHINÊS	
EMPRESA	INSTITUTO DA ÁGUA	ESTALEIRO	
EMPRESA	ITALINOX	COMÉRCIO DE MATERIAIS EM AÇO INOX	
EMPRESA	J. CAETANO	COMÉRCIO DE CONFECÇÕES	
EMPRESA	JO-AUTO	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	STEN	ANDAIMES	
EMPRESA	JOSÉ MANUEL MARTINS MORGADO	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	JOSÉ RAMALHO E FILHOS	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	JOSÉ SERRÃO CORDEIRO	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	LISFIL	COMÉRCIO DE PEÇAS PARA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	LM CALDERON	COMÉRCIO DE TUDO (LOJAS DOS 1,5€)	
EMPRESA	LUSOGRUA	ALUGUER DE EQUIPAMENTO PARA CONSTRUÇÃO	
EMPRESA	LUSOPREÇO	COMÉRCIO DE TUDO (LOJAS DOS 1,5€)	
EMPRESA	LUSPAN	HIGIENE E SEGURANÇA NO TRABALHO	
EMPRESA	M.A. MORAN	COMÉRCIO DE PRODUTOS ALIMENTARES	
EMPRESA	M.R. AUTO	OFICINA BATE-CHAPAS	
EMPRESA	MANUEL PEDRO RODRIGUES SANTOS	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	MANUQUÍMICA	PRODUTOS QUÍMICOS DE MANUTENÇÃO INDUSTRIAL	
EMPRESA	MARSOL	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	MCF – MATERIAIS E EQUIPAMENTO PARA CONSTRUÇÃO CIVIL	COMÉRCIO DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL	
EMPRESA	GLOBAL STATE – IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO L.DA	ARMAZÉM	
EMPRESA	MENGTIANMA	COMÉRCIO DE VESTUÁRIO	
EMPRESA	----	ARMAZÉM CHINÊS	
EMPRESA	METAL PERNES	METALÚRGICA	
EMPRESA	MODELO	HIPERMERCADO	
EMPRESA	MP – MODA PREÇO	GROSSISTA DE MODA	
EMPRESA	MULTIREGAS	SERVIÇOS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	NIVELFOR	REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS – FORD	
EMPRESA	OIRKAL	COMÉRCIO DE TUDO (LOJAS DOS 1,5€)	
EMPRESA	LUA DE MADRUGADA	ARMAZÉM CHINÊS	
EMPRESA	ONG DA	COMÉRCIO DE VESTUÁRIO	
EMPRESA	PENINSULAR	ALUGUER DE EQUIPAMENTOS E PEÇAS PARA BETÃO	
EMPRESA	PINDO DOCE	SUPERMERCADO	
EMPRESA	PLANOMETAL	CONSTRUÇÕES METÁLICAS	
EMPRESA	PMH – PRODUTOS MÉDICOS HOSPITALARES	PRODUTOS HOSPITALÁRIOS E MATERIAL MÉDICO	
EMPRESA	PORJAL	ESTORES E ALUMÍNIOS	
EMPRESA	PORTELACARGO	TRANSPORTES RODOVIÁRIOS	
EMPRESA	PT – PÓVOATEJO	COMÉRCIO E ACESSÓRIOS INOX	
EMPRESA	REPSOL	COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS	
EMPRESA	RETAIL CENTER GUIMARÃES	COMÉRCIO POR GROSSO DE CALÇADO	
EMPRESA	RIBATEJANA	TRANSPORTES PÚBLICOS	
EMPRESA	SABALAR	PRODUTOS DE PEIXE	55
EMPRESA	SAMORA PERFIS	SISTEMAS DE ALUMÍNIO	
EMPRESA	SAMORSERV	SERVIÇOS DE LIMPEZA E CONSULTORIA	
EMPRESA	SBSI – SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS	ACTIVIDADES DE ORGANIZAÇÕES SINDICAIS	
EMPRESA	SANIALTO	DEPARTAMENTO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	5
EMPRESA	SATEV	INSPECÇÕES DE LIGEIOS E PESADOS	
EMPRESA	----	ARMAZÉM DE RAÇÕES PARA ANIMAIS	10
EMPRESA	SILVÉRIO VICENTE MADEIRA	FABRICO DE BOLOS	
EMPRESA	SÍLVIA (PALFINGER)	COMÉRCIO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTO PARA A INDÚSTRIA, COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO	46
EMPRESA	AJOVIMOSIL	CAPTAÇÃO DE ÁGUA, BOMBAS DE ÁGUA E SISTEMAS DE REGA	
EMPRESA	STARCASH	COMÉRCIO DE MATERIAL ELECTRÓNICO	
EMPRESA	TCL – TRANSPORTADORA CENTRAL DO LIVRAMENTO	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	TRANSBORBA	TRANSPORTES E SERVIÇOS	
EMPRESA	TRANSCAYALOS	TRANSPORTE DE CAVALOS	
EMPRESA	TRANSGRUA	ALUGUER DE MÁQUINAS E EQUIP. CONSTRUÇÃO CIVIL	
EMPRESA	TRANSPORTES GONÇALO	TRANSPORTADORA	

EMPRESA	TRIPLEX	IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO MATERIAIS LAR	
EMPRESA	VAUNER-TRADING	PÁRA-BRISAS, MECÂNICA, CHOQUE	
EMPRESA	----	ARMAZÉM CHINÊS	
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA / PORTO ALTO (SUL DA A10)			
EMPRESA	3 SÓIS	COMÉRCIO DE CARAVANAS	
EMPRESA	PLUS	SUPERMERCADO	
EMPRESA	ANTÓNIO MANUEL SIMÕES	COMÉRCIO POR GROSSO DE PRODUTOS HORTÍCULAS	
EMPRESA	APPA – AUTO PNEUS DO PORTO ALTO	OFICINA E MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AQUAZUL	COMÉRCIO DE PISCINAS	
EMPRESA	ARTUR DIAS	COMÉRCIO DE SUCATAS	
EMPRESA	ELECTRO ALFRAGIDE, L.DA	DISTRIBUIDOR DE MATERIAL ELÉCTRICO E INFORMÁTICO	
EMPRESA	AUTO - MECÂNICA DO PORTO ALTO	OFICINA DE REPARAÇÃO AUTO, CAMIÕES E TRACTORES	
EMPRESA	BENATERRAS II	TRANSPORTES ESPECIAIS	
EMPRESA	BEXIGA E FILHOS	ARMAZÉM DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
EMPRESA	BONITOS	COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
EMPRESA	BRINDAUTO	COMÉRCIO DE PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS	
EMPRESA	CALITRIPAS	CALIBRAGEM DE TRIPAS	
EMPRESA	HIPER GROSSISTA 35	ARMAZÉM GROSSISTA	
EMPRESA	CARGOTEX SUL	TRANSITÁRIOS	
EMPRESA	CENTRO DE JARDINAGEM DO PORTO ALTO	CENTRO DE JARDINAGEM	
EMPRESA	----	ARMAZÉNS CHINESES	
EMPRESA	DINISUL	ARMAZÉM DE MATERIAL ELÉCTRICO	
EMPRESA	DOMINGOS REI	COMÉRCIO DE MÁQUINAS E MATERIAIS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL	
EMPRESA	NÍVEL FORD	OFICINA E COMÉRCIO DE VIATURAS	
EMPRESA	ELOOS	COMÉRCIO POR GROSSO DE PRODUTOS ALIMENTARES	
EMPRESA	MOTA & ENGIL	ESTALEIRO	
EMPRESA	EUROVIDAL	ARMAZÉM E DISTRIBUIDOR DE PNEUS	29
EMPRESA	EXEL	SERVIÇO DE LOGÍSTICA	
EMPRESA	F.C.G. & IRMÃO	TRANSPORTES NACIONAIS E INTERNACIONAIS	
EMPRESA	FECOMAR	VENDA ALUGUER DE CONTENTORES	
EMPRESA	TB CASH	CASH & CARRY	
EMPRESA	FLORIAUTO	COMÉRCIO DE FLORES	
EMPRESA	----	OFICINA MECÂNICA	
EMPRESA	GARDEN DO PORTO ALTO – LAURA PLANTA	COMÉRCIO DE FLORES, PLANTAS, JARDINAGEM	
EMPRESA	HORTICENOURAS	COMÉRCIO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	IBERGRUA	ALUGUER DE GRUAS E EQUIPAMENTOS	
EMPRESA	IRRIESTUFA	ESTUFAS E SISTEMAS DE REGA	
EMPRESA	JOÃO JOSÉ CUÇO COUTINHO	OFICINA DE REPARAÇÕES DE SEMI-REBOQUES	
EMPRESA	JOAQUIM NEVES AMBRÓSIO	COMÉRCIO DE BLOCOS DE CIMENTO	
EMPRESA	JOSÉ DA SILVA QUERIDO	COMÉRCIO E ARMAZÉM DE LENHAS DE SOBRO E AZINHO	
EMPRESA	LATITRANS	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	LARANJINHA	CONSTRUÇÕES METÁLICAS	
EMPRESA	LEOCARNES	COMÉRCIO POR GROSSO DE CARNES	
EMPRESA	LOURENTRANS	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	LUIÍS RODRIGUES	SUCATEIRO	
EMPRESA	LUSITANA	PRODUTOS SIDERÚRGICOS	
EMPRESA	LUSOPREÇO	COMÉRCIO DE TUDO	
EMPRESA	MANUEL DUARTE BACALHAU & FILHOS	COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
EMPRESA	OS 3 JOTAS	COMÉRCIO POR GROSSO DE BRINQUEDOS E LOUÇAS	
EMPRESA	PAPIRO	GESTÃO DE ARQUIVOS	
EMPRESA	PAVILIS	PRÉ-FABRICADOS	
EMPRESA	PROTECNIL	CONSTRUÇÃO CIVIL	
INDUSTRI A	RECKITT BENCKISER PORTUGAL	FABRICO DE DETERGENTES	
EMPRESA	REMSA	ARMAZÉM DE ALUGUER E VENDA DE MÓDULOS	
EMPRESA	REN – REDE ELÉCTRICA NACIONAL	POSTO DE TRANSFORMAÇÃO DE ENERGIA	
EMPRESA	----	ARMAZÉM CHINÊS	
EMPRESA	COMPANHIA DAS LEZÍRIAS	ARMAZÉM	
EMPRESA	----	ARMAZÉM DE FRUTAS	
	JUCOLI	MATERIAL ELÉCTRICO	
	TRANSALTO	TRANSPORTES NACIONAIS E INTERNACIONAIS	
	RICARDO DA SILVA FIGUEIREDO, L.DA	COMÉRCIO DE RAÇÕES	
	TRANSGRUA	ALUGUER DE GRUAS	
	TELEJORGE	COMÉRCIO MOBILIÁRIO	
	----	ARMAZÉM CHINÊS	
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA / PORTO ALTO			
EMPRESA	CARGOAP	TRANSPORTE DE ALUGUER	79

EMPRESA	COMGERAP	ALUGUER DE COMPRESSORES, GERADORES E EQUIPAMENTOS PARA ARGAMASSA	32
EMPRESA	Cº DAS LEZÍRIAS	Cº MÉRCEO E PRODUÇÃO DE VINHO	124
EMPRESA	VENDAP	ALUGUER E VENDA DE EQUIPAMENTO	---
FREGUESIA DE SAMORA CORREIA - ARADOS			
EMPRESA	PLASBENE	COMÉRCIO DE FERRAGENS, FERRAMENTAS MANUAIS E ARTIGOS PARA CANALIZAÇÕES E AQUECIMENTO	
EMPRESA	BACEFRUT	COMÉRCIO DE BATATAS, CEBOLAS E FRUTAS	
EMPRESA	LUÍS VICTÓRIA	IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS	
EMPRESA	-----	COMÉRCIO DE SUCATAS	
EMPRESA	ARAPEIXE	COMÉRCIO DE PEIXE CONGELADO	
EMPRESA	IRRITEJO	ARMAZÉM	
EMPRESA	MAMBORE	ESTALEIRO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
FREGUESIA DE BENAVENTE			
EMPRESA	ABREU GOMES E BRÁS	OFICINA MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AGRIBEN	COMÉRCIO DE ANIMAIS E AGRICULTURA	
EMPRESA	ALCAFER	COMÉRCIO E INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	
EMPRESA	ANTÓNIO GONÇALVES DIAS	COMÉRCIO DE BATATAS E CEREAIS	
EMPRESA	ANTÓNIO POETA MIGUEL	VULCANIZAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS	
EMPRESA	AUTO INDUSTRIAL	COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	AUTO MOLA IDEAL LEIRIENSE	OFICINA MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	AUTOREPARADORA DE BENAVENTE	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	BARRAQUEIRO - TRANSPORTES	TRANSPORTES PÚBLICOS	
EMPRESA	BENAELECTRA	INSTALAÇÕES ELECTRICAS ALTA E BAIXA TENSÃO, ELECTRO BOMBAS E AUTOMATISMOS DE PORTÕES	
EMPRESA	BENAGRO	COOPERATIVA AGRÍCOLA	
EMPRESA	BENAMÁQUINA	COMÉRCIO E REPARAÇÃO DE MÁQUINAS INDUSTRIAIS E AGRÍCOLAS	
EMPRESA	BRISA	ESTALEIRO	
EMPRESA	CABENA	FÁBRICA DE CABINAS E SISTEMA DE REGA	
EMPRESA	CARVALHOS	COMÉRCIO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DE COMANDO AUTOMÁTICO, ACESSÓRIOS E SERVIÇOS	
EMPRESA	CASBLOC	ALUGUER E VENDA DE PRÉ-FABRICADOS	
EMPRESA	CODEA E FAIXA	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	DA CRUZ	COMÉRCIO DE COMPONENTES PARA COZINHAS, ETC	
EMPRESA	EXPANSÃO	COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	EXPRESSOPAPIRO	COMÉRCIO DE PAPÉIS	
EMPRESA	FERRO E FERRO	PROJECTOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL E METÁLICA, ESTRUTURAS METÁLICAS, SERVIÇOS DE TORNO	
EMPRESA	FERROBEIRAS	ARMAZÉNS DE FERRO	
EMPRESA	GADSA	ARQUIVO	
EMPRESA	GARDEN CENTER	COMÉRCIO DE PLANTAS E JARDINAGEM	
EMPRESA	GILBERTO MARTINS ALVES	FABRICAÇÃO, MONTAGEM E INSTALAÇÃO DE CAIXILHARIA DE ALUMÍNIO, TECTOS FALSOS, ESTORES E VIDROS	
EMPRESA	GRÁFICA CENTRAL DE BENAVENTE	GRÁFICA	
EMPRESA	GSA – GARAGEM SANTO ANDRÉ	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	HASSE	COMÉRCIO E ARMAZÉM DE CONSUMÍVEIS HOSPITALARES	
EMPRESA	INTERMARCHÉ	HIPERMERCADO	
EMPRESA	JOSÉ DOTTE	COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS INDUSTRIAIS	
EMPRESA	LB – LUSOPLÁSTICOS BENAVENTE	RECLAMOS LUMINOSOS	
EMPRESA	LINO MANUEL OLIVEIRA	OFICINA BATE-CHAPAS	
EMPRESA	MAXI N BANANA	DISTRIBUIDOR DE BANANAS E OUTROS FRUTOS	
EMPRESA	MECÂNICA AGRÍCOLA	COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS E OFICINA DE MECÂNICA AUTO	
EMPRESA	MICROÁGUA	ANÁLISES MICROBIOLÓGICAS E QUÍMICAS DE ÁGUA	
EMPRESA	MUDANÇAS PANTERA NEGRA	TRANSPORTES DE MUDANÇAS	
EMPRESA	NERSANT	ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL	
EMPRESA	SCA / NISA	ARMAZÉM DE PAPEL	
EMPRESA	NOVOMOTOR	COMÉRCIO DE PEÇAS PARA MOTORES E MÁQUINAS	
EMPRESA	OLIVEIRA E COUTINHO	COMÉRCIO DE ACESSÓRIOS, MÁQUINAS AGRÍCOLAS, SEMENTES E PESTICIDAS	
EMPRESA	OLIVEIRA E OLIVEIRA	OFICINA DE MECÂNICA AUTOMÓVEL	
EMPRESA	OVS – MÁQUINAS AGRÍCOLAS	COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	PAVIJOVE	PRÉ – FABRICADOS	15
EMPRESA	PAVIURB	ALUGUER DE MÁQUINAS	26
EMPRESA	PINTO E CRUZ	COMÉRCIO DE MATERIAIS INDUSTRIAIS E SANITÁRIOS	
EMPRESA	PROLAVRA	COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	22
EMPRESA	PROMEC	COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	RENAULT	OFICINA BATE-CHAPAS E PINTURA DE VEÍCULOS	

EMPRESA	ROLANDO SANTOS CANTEIRO	ALUGUER DE MÁQUINAS	
EMPRESA	SALSINHA E MORAIS	COMÉRCIO POR GROSSO DE PRODUTOS ALIMENTARES, BEBIDAS E TABACO	
EMPRESA	SAMOPIL	FABRICO DE QUEIJOS	
EMPRESA	SANTA CASA DA MISERICÓRDIA	EXTRACÇÃO DE INERTES	
EMPRESA	SEQUÊNCIA UM	IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO	
EMPRESA	STATUS	COMÉRCIO DE CALÇADO	
EMPRESA	TB – TRANSPORTES BELFRAN	LOGÍSTICA E TRANSPORTES	
EMPRESA	TE – TRACTORES E EQUIPAMENTOS	OFICINA DE REPARAÇÃO DE MÁQUINAS E AUTOMÓVEIS	
EMPRESA	TECNOLAVRA	COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA	
EMPRESA	TEVAGRI	COMÉRCIO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS	
EMPRESA	TGI – TÉCNICOS DE GESTÃO DE MONTAGEM E MANUTENÇÃO INDUSTRIAL	METALOMECÂNICA	
EMPRESA	TIB – TRANSPORTADORA IDEAL BENAVENTE	TRANSPORTADORA	
EMPRESA	TINTAS GULVELAC	ARMAZÉM DE TINTAS	
EMPRESA	TJR	SEMI-REBOQUES, CAIXAS TIR, SUSPENSÕES E EIXOS	
EMPRESA	TRIUNFO	DACAPAGEM E METALIZAÇÃO	
EMPRESA	AEROLAZER	ESCOLA DE PILOTAGEM	
FREGUESIA DE STO ESTÊVÃO - FOROS DE ALMADA			
EMPRESA	CRISTAL ONDA	COMÉRCIO DE PISCINAS, MATERIAIS PARA JARDIM E COMÉRCIO DE ANIMAIS	
EMPRESA	MASTER GARDEN	COMÉRCIO DE PLANTAS ORNAMENTAIS E ANIMAIS	
EMPRESA	PRUMÁCIO	COMÉRCIO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL	
EMPRESA	----	COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	
FREGUESIA DE BENAVENTE - COITADINHA			
TIPO	NOME DA INDUSTRIA	RAMO ACTIVIDADE	N.º TRABALHADORES
Empresa	Postejo	Pré-fabricados de Cimento	
Empresa	Benafrio	Armazéns Frigoríficos	
Empresa	J. Pinto Leitão	Comércio de Madeiras e Derivados	
Empresa	BCS – Portugal Máquinas Agrícolas	Comércio por Grosso de Máquinas Agrícolas	

Os principais problemas, com implicações ao nível da organização e funcionamento das actividades económicas classificadas como Comércio por Grosso e a Retalho (classe G); Alojamento e Restauração (classe H); e Actividades Financeiras (classe J) apontados para estas áreas, estão relacionados com os conflitos existentes, decorrentes da própria organização do espaço em termos de desenho urbano e ainda do conflito existente entre os vários sistemas de circulação (motorizado e pedonal). Podem ser enumerados alguns exemplos:

- O trânsito automóvel de atravessamento que se verifica no interior de Benavente e de Samora Correia, é um problema que é necessário resolver, pois dificulta por estrangulamento a circulação automóvel e torna perigosa e desagradável a circulação pedonal. As actividades económicas que se localizam nestes eixos poderão beneficiar com uma alternativa ao trânsito de atravessamento;
- O parque comercial dos centros urbanos de Benavente não apresentam uma imagem atractiva, quer na forma de exposição, quer pela forma como se apresentam no seu interior.

O primeiro aspecto que importa resolver é sem dúvida o do trânsito de atravessamento, avançando depois para a qualificação do tecido comercial tradicional urbano, dotando-o de características de fruição mais agradáveis. As intervenções a este nível poderão passar pela alteração da postura de trânsito, adoptando a solução de sentidos únicos para o trânsito automóvel, sempre que se justifique. É importante o tratamento do espaço por operações de desenho urbano, que passam necessariamente por redimensionamento de passeios, dotação de elementos que facilitem a leitura do espaço, mobiliário urbano, arborização, elementos de dissuasão de velocidade automóvel; os estabelecimentos comerciais por sua vez terão que apostar na remodelação do seu interior, tornando-os mais atractivos.

Estas medidas deverão partir da concertação de interesses entre os comerciantes, a associação comercial e a Câmara Municipal.

Os centros urbanos das freguesias de Barrosa, St.º Estevão e os Foros, tendo uma importância reduzida na oferta agregada concelhia são importantes para as populações aí residentes necessitando também do tratamento das suas centralidades, embora com uma característica diferentes da utilizada nas áreas A, valorizando o património construído; a qualidade do espaço público e a unidade do edificado.

